

Inezita Barroso

Com a espada e a viola na mão

VALDEMAR JORGE

imprensaoficial

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Inezita Barroso

VALDEMAR JORGE

Com a espada e a viola na mão

Inezita Barroso

VALDEMAR JORGE

Com a espada e a viola na mão



Agradeço a colaboração muito amigável e eficiente de Aloisio Milani, Daniel Lobo, Marcelo Aranha e Teder Muniz.

Valdemar Jorge

Sumário

Introdução	9	Nascimento	13	Mario de Andrade - o mestre	17		
Primeiros passos	21	Os Avós	24	Meus Pais	28	Revolução de 32	32
O Rio dos anos 30	37	Minha avó mudou para o Rio	38				
Casamento e o Barroso	43	O Nascimento da Marta	45				
Primeiro trabalho profissional	48	O Primeiro Disco	52	Ronda e a Marvada	57		
Outras Músicas	64	Noel Rosa	67	Negro	69	Os italianos estão chegando	72
Cinema	75	Rádio e TV - Década de 1950	82	A Tv Brasileira	85		
Lampião de Gás	90	O Caipira	95	Folclore - as origens da Moda de Viola	101		
A Música Caipira: Outras influências	111	Minha viagem de jipe	114				
Os prêmios	119	Diários de Inezita	124	As grandes mudanças dos anos 1960	134		
A Volta	136	Pausa para o jantar	140	Viola, Minha Viola	145		
Público do Viola	153	Ontem à noite no Parreirinha	158	O Sarmento	162		
Inezita Hoje	167	As Batalhas de Inezita	170	Discografia	174		
Cronologia: cinema	195	Bibliografia	201				





Introdução

Um grande passo para o Homem e mais uma noite para Inezita

Era um domingo. Não qualquer domingo.

Naquele dia iria se confirmar, ou não, uma previsão e promessa que o presidente americano John Kennedy havia feito há oito anos de que um americano pisaria na Lua, antes do final da década de 1960.

Nesse mesmo domingo, à noite, como o primeiro pouso na Lua que será às 23 horas, Inezita Barroso tem um *show*.

Pouco tempo antes da promessa do presidente Kennedy, o cosmonauta russo, era assim que se chamavam os pilotos das naves espaciais, Yuri Gagarin havia sido o primeiro homem a entrar na órbita terrestre e dar uma volta no nosso planeta em apenas 108 minutos.

Os americanos tinham ficado para trás na corrida espacial, e o presidente americano estimulava uma reação.

O mundo ainda se dividia entre leste e oeste, capitalista e comunista. A Guerra Fria, um clima de constante ameaça entre os dois lados ainda persistia.

Mas estamos em um domingo, dia 20 de julho de 1969. A promessa é que a nave espacial americana Apollo 11, que leva Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins, vá tornar realidade um sonho antigo de toda a humanidade: a de um homem pisar no solo da Lua.

A TV levará para 1 bilhão e duzentos milhões de habitantes imagens ao vivo desse momento histórico. No Brasil veremos ainda em preto e branco.

É a vontade, a persistência e a inteligência do homem em um momento de realização.

Mas Inezita tem *show* essa noite. Quem programou não previu que o homem chegaria na Lua nesse mesmo dia, afinal era a primeira vez.

Adia-se, cancela-se? Não. Inezita faz o *show*. O público: sete pessoas um pouco mais, não importa. Na TV o homem está pisando pela primeira vez na Lua. No palco Inezita canta como se o teatro estivesse cheio.

A apresentação dura mais de uma hora e, como sempre nos *shows* dela, o público pede *bis*. Mais quatro músicas e o *show* se encerra. O homem pisou na Lua, e mais uma vez Inezita mostrou toda sua garra, prazer em cantar e respeito ao seu público.

A história guardou um fato; aqueles que conhecem Inezita ficaram com mais uma prova daquilo que é eterno nessa artista, a sua força de vontade inabalável, unida a um talento mil vezes demonstrado de cantar o Brasil de uma maneira única e sempre original.

Inezita não desiste de nada. Coragem, perseverança, sem medo e sem peias de enfrentar o novo e seguir em frente com suas ideias e opiniões.

Este livro sobre Inezita é uma pequena amostra da vida incrível de uma artista que esteve presente em momentos tão importantes para a cultura brasileira, como a chegada do homem à Lua foi para a humanidade.

O início da TV, a criação do Teatro Brasileiro de Comédia, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, a Rádio Nacional tudo isso se mistura na vida de Inezita.

Amada por seu público e pela crítica, Inezita recebeu todos os grandes prêmios de melhor cantora e melhor disco. Cantando o folclore de todas as regiões do Brasil, ela é gaúcha, baiana, pernambucana, cearense e caipira. Fundamentalmente uma caipira que nasceu na cidade de São Paulo.

Espero que com este livro vocês conheçam um pouco mais da Inezita e fiquem estimulados a ler mais sobre as coisas do Brasil.





Inezita | Revista A cigarra | 1959

Nascimento

Sempre morei na cidade de São Paulo.

Nasci e vivi na Barra Funda perto da (avenida) Angélica, do parque da Água Branca, perto da casa onde morou Mário de Andrade, perto da São João, a uns dois quilômetros do Rio Tietê.

A avenida São João, além de toda a sua importância para a cidade, era um dos caminhos principais pelos quais se saía para o interior em direção a Campinas. Partindo do centro seguia-se em direção à Lapa e daí pegava-se a estrada velha para Campinas e Jundiaí. Depois foi construída a Anhanguera.

Também se viajava de trem. O caminho era parecido, a estrada ainda está lá cruzando agora com a linha do metrô.

Essa proximidade das saídas que iam para o interior talvez ajudasse a trazer o vento puro do campo que batia na minha janela, e com ele os primeiros acordes de viola, e as letras de uma canção melancólica de alguém com saudades do lugar onde nasceu, misturados ao trotar dos cavalos, e o cheiro do forno a lenha esquentando o feijão.

Talvez trouxesse também o aroma de uma pinga bondosa, feita no fundo de quintal em um alambique de madeira, que espremeu as melhores espécies do grande canavial. Ah, *marvada!*

Talvez ainda esse vento forte viesse carregado por gritos de alegria de festas de Folia de Reis, do pandeiro tocado pelas meninas no Pastoril de Natal, dos cordões Azul e Encarnado, do bater forte dos pés no tablado dos homens na Catira, ou do som dos tambores do Maracatu.

Talvez tudo na verdade fosse uma grande brincadeira do Saci-Pererê que passou com seu redemoinho de vento para causar confusão.

Não importa. O que interessa é que esse vento que entrava pelas janelas lá de casa, desde a infância, vai continuar soprando sempre por toda a minha vida, e empurrando-me com força para as coisas do interior e municiando-me com a sabedoria simples e direta do homem do campo.

Estamos na década de trinta, as férias da minha família são sempre passadas na fazenda.

Ah, eu gostava mesmo é de ir para o interior nas férias. Minha família tinha fazendas em Presidente Prudente, Itapetininga, Itapira, Campinas. A gente se encontrava lá. Eram quase 60 primos que passavam o tempo todo das férias juntos na fazenda. Imagina a festa!

Mas as meninas eram dondocas. Na educação da época não podiam pisar na terra, fazer um monte de coisas que era permitido só aos meninos.

Eu gostava era de ficar com eles, e olha com meu vozeirão, que já era forte quando criança, eu mandava em todos.

A melhor hora da fazenda era às cinco da tarde quando eu fugia da casa-grande e ia para o terreiro ver os peões se reunirem depois do trabalho para fazer a grande roda de violeiros. Iam chegando devagar, amarravam o cavalo, iam sentando aqui e ali, de repente a música começava, e não tinha muita hora para acabar. Foi aí que eu comecei a ouvir as primeiras músicas de viola. Eu aprendia com eles. Eu gostava tanto que não queria ir embora da fazenda, chorava para ficar mais e não voltar mais para a cidade quando acabassem as férias. E em São Paulo eu sonhava com o dia em que iria voltar pra lá.

Minha avó era supercarola religiosa, tinha padre almoçando sempre por lá na casa dela. Fui filha de Maria, frequentava a igreja. Cantei no coro. A minha avó gostava muito de mim, mas me achava muito rebelde...

– *Cê tem que brincar com suas priminhas.*

– *Elas são muito chatas. Eu gosto de brincar com meus primos!*

Outra hora importante era bem cedinho pela manhã. As meninas ficavam dormindo nos quartos, as que acordavam não queriam molhar o pezinho na umidade do orvalho. O frio também era de arrebentar.

Eu pulava a janela e seguia meus primos até o curral. Estava tudo escuro e enevoado, aquela neblina gelada, parecia que colava no corpo da gente e nos fazia tremer.

Chegando lá acendíamos as velas perto dos peões que já estavam ordenhando as vacas. Misturava-se aquele leite quente com espuma amarela com dois dedos de conhaque e aquele frio de arrebentar ia embora.

Segundo passo:

– *Vamos arrear os cavalos!*

– *Olha que aquele é do seu tio... diziam os peões da fazenda.*

– *Esse é o melhor, pode arrear! Vamos gente!*

E começava o grande passeio que varava morro, atravessava rio, subia e descia montanha

Era uma sensação de liberdade aquele vento batendo na rosto, o cheiro da mata, nós descobrindo novos caminhos, a noite sumindo devagar e o sol ameaçando aparecer aos pouquinhos. Só conhece essa emoção quem já fez a mesma coisa. Não dá para botar no papel ou contar direito.

Só chegávamos de volta, lá pelas seis e meia da manhã. Não podia atrasar.

Enquanto isso na sede da fazenda, lá pelas sete, os tios já estavam tomando o grande café da manhã, bolos de vários tipos, pão caseiro, doces, leite, manteiga e queijo da fazenda e as frutas da época.

E eu e meus primos lá no estábulo, limpando e secando os cavalos para os tios não perceberem nossa corrida matinal pelas terras da fazenda.



Depois do café os tios seguiam para o estábulo, nós já tínhamos ido embora e entrávamos de fininho para o nosso café, enquanto eles davam as ordens para os peões:

– Tonho arreia o Ventania para mim.

Cada um ia preparando o seu cavalo, os melhores da fazenda, e por isso mesmo eram os que nós tínhamos cavalgado pela madrugada.

– O Ventania parece que tá ficando velho. não anda mais, já está cansado pela manhã, vê as ferraduras dele aí.

– Tá tudo novo doutor.

– Ué, então não sei o que ele tem, tá fraco, vai ver que é a comida, reforça na alimentação dos cavalos. Todo dia é a mesma coisa, eles parecem tão cansados como se tivessem corrido pela madrugada...

Ah, que tempos maravilhosos.

Mário de Andrade – o mestre

Bem perto da rua Lopes de Oliveira onde nasci havia outra rua também chamada Lopes, a Lopes Chaves.

Nessa época risonha e franca de São Paulo, as crianças brincavam na rua, jogando pião, correndo, jogando bola, empinando pipa, andando de bicicleta. Quando não ia para fazenda nos fins de semana, também ficava pelo bairro da Barra Funda, onde morava, explorando o quarteirão de patins, que era um dos meus brinquedos prediletos. Um dos lugares onde eu brincava era rua na Lopes Chaves onde morava uma prima da mesma idade.

Eu tinha oito anos.

Sempre no final da tarde quando a gente estava brincando na calçada, passava um senhor grandão, sério, de óculos redondos. Nós passávamos patinando bem perto dele, mas ele não dizia nada.

Minha tia dizia que ele era um escritor conhecido, que saía nos jornais e que viajava pelo Brasil pesquisando sobre música e costumes do nosso povo. Ela tinha até estudado piano com ele no Conservatório, ali na São João em frente aos Correios. E durante as aulas até a rua ficava cheia de gente. Como a sala ficava no térreo, juntava alunos dos outros cursos na calçada para ver de pé, pelas janelas, as aulas do Mário de Andrade.

De tanto ouvir essas histórias, ele virou meu ídolo e passei a patinar na calçada todo dia sempre na hora em que ele chegava.

Ele – sempre sério e quieto – abria o portão da casa dele e olhava para a gente, achando estranho aquelas crianças olhando e fazendo barulho. Devia me achar muito esquisita.

E noutro dia a gente estava lá de novo.

Eu olhava, mas não tinha coragem de falar nada, nunca tive coragem para falar sobre minha tia que era sua aluna. Eu sempre fui muito tímida até os 20 anos de idade.

Depois de casada já sabendo bem quem era o Mário de Andrade, um dos mentores da Semana de 22, da vanguarda paulista, do livro *Macunaíma* e da importância de sua pesquisa sobre folclores e música para a cultura brasileira, tive uma oportunidade de ser apresentada a ele. Mas não deu certo e ele, que estava já muito doente, veio a morrer em fevereiro de 1945.

Acabei nunca falando com ele, mas vim a conhecê-lo profundamente pela literatura.

Sou bibliotecária, formada pela primeira turma da USP, na Faculdade de Filosofia e Letras que ficava na Praça da República, no mesmo prédio da Caetano de Campos, onde eu estudei a vida toda, e ele acabou se tornando meu grande mestre inspirador.

Quando me formei fiz estágio na biblioteca da faculdade. Eu chegava às 11h da manhã, tinha que classificar os livros e nos intervalos aproveitava para ler todos aqueles livros que estavam a minha disposição.

Começava a ler os livros do Mário de Andrade, li todos, os de pesquisa, os romances e poesia. Depois foi Jorge Amado. Fui lendo tudo que era brasileiro. Comecei a ler outras, também, traduções de literatura estrangeira, mas não falavam ao meu peito.

Eu já estava envenenada. A paixão mesmo era pelas coisas brasileiras, caipiras, paulistas, folclore, música e viola.

Mário de Andrade marcou muito minha carreira, tanto no meu interesse pela pesquisa e o folclore como no repertório musical. Quando comecei a carreira na Rádio Clube do Recife cantei algumas das músicas folclóricas recolhidas por ele, que eu já costumava cantar em saraus entre amigos. Gravei muitas delas e também uma de suas famosas composições que é *Viola Quebrada*, que tem o jeito característico da linguagem caipira, e a história é contada com toda a simplicidade do homem do interior

Quando da brisa no açoite a frô da noite se acurvou

Fui s'incontrá co'a maroca, meu amor

Eu tive n'arma um choque duro

Quando ao muro já no escuro

Meu oiá andou buscando a cara dela e não achou

Minha viola gemeu

Meu coração estremeceu

Minha viola quebrou

Meu coração me deixou...

Mário foi o professor com quem nunca falei e tive aulas, mas me impregnou com seu espírito de pesquisa e amor pelas coisas brasileiras, e pela luta constante em defesa da cultura popular e da música genuinamente do Brasil.



Primeiros passos

Sempre gostei de música, estava no sangue. O que a minha família chiava era por gostar de música caipira que eu aprendera nas rodas de viola nos finais de tarde no terreiro da fazenda onde passava as férias.

Mas primeiro comecei a aprender violão e canto com dona Meire Buarque. As alunas eram todas da fina flor da sociedade paulista. Havia sempre apresentações nos clubes chiques da época – o Germânia, hoje Pinheiros, e no Paulistano, que existem até hoje.

De vez em quando tinha o chá das quatro. Nós, meninas, de lação da cabeça. Eu odiava aquilo, íamos cantar e mostrar o que tínhamos aprendido. Eu, por conhecer mais música e por causa do vozeirão, era a solista. E eu abria o bico e cantava.

Um dia além de cantar eu comecei também a tocar violão (eu aprendi escondido na casa da minha avó, explico isso mais à frente). Virei uma artista!

A casa do meu avô era um grande casarão, onde minha família e meus tios também moravam.

Na casa do meu avô muitas noites ele se reunia com os amigos para jogar. Era carteadado, bisco, truço. Eles colocavam uma colcha de veludo sobre a mesa comprida da sala, arrumavam as cartas, traziam as cadeiras, mas antes do jogo começar meu avô me pegava, me punha em cima da mesa e eu começava a cantar. Era o meu primeiro palco.

Em outros dias, no final da tarde, a festa era outra, e a música era o tango. Era a época em que Carlos Gardel, o cantor e compositor argentino, fazia sucesso no mundo todo. E dançar tango era chique. Meus tios, que iam dançar nos cabarés da moda à noite, durante a tarde ensaiavam com as irmãs aqueles passos complicados e bonitos da dança.

Eles colocavam um grande gramofone no meio da sala e botavam os discos de Gardel e dançavam, *La Cumparsita*, *Mi Buenos Aires Querido*, *Por una*



cabeza e outros sucessos da época. Eu ficava lá no fundo da sala, sentada no sofá, só espiando.

Um dia, o meu avô, como sempre, me pôs em cima da mesa de jogo e pediu para eu cantar.

Tomei fôlego e soltei a voz:

Rechiflao en mi tristeza, te evoco y veo que has sido de mi pobre vida paria sólo una buena mujer

– Que que é isso!? falou chocado o meu avô.

– Isso não é música adequada uma menina cantar! Quem ensinou isso a ela?

Quase apanhei aquele dia, mas justifiquei que ninguém tinha me ensinado, mas como ficava atenta vendo os meus tios, tinha aprendido sozinha

Minha vida sempre foi aprender cada vez mais.



Clube Germania. Inezita é a segunda da direita para esquerda

Os Avós

Um lado da minha família vem do Pará e o outro do interior de São Paulo. Tenho sangue de índio e de europeu. E nos dois lados muita herança musical.

A AVÓ DO NORTE

Minha avó paraense, mãe do meu pai, era bonita, e tocava muito bem piano. Meu avô era poeta, professor de grego e latim, um homem erudito, mas também muito bravo e ciumento. É do pai dele que vem meu sangue de índio.

Esposa bonita, marido ciumento, está armada a estrutura para mais uma história de amor e briga.

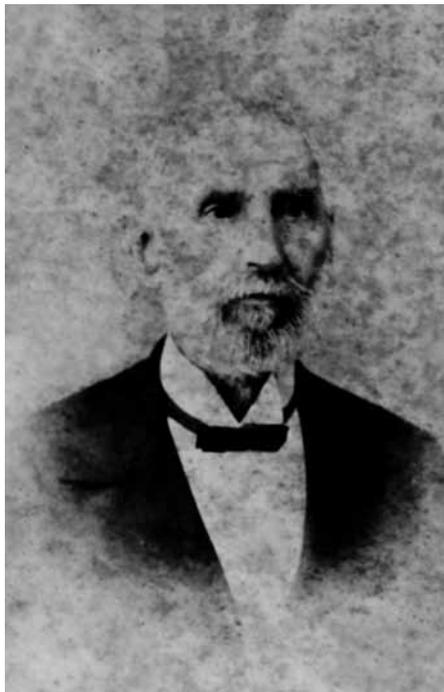
Um dia minha avó foi convidada para uma festa beneficente, lá em Belém. Ela seria a estrela do sarau tocando ao piano, as músicas que tinha aprendido e que faziam sucesso entre a família e os amigos que frequentavam sua casa. Botou um vestido vermelho que realçava a boniteza da sua pele morena. Casa cheia. O público ansioso aguardando a entrada da pianista. Os ingressos todos vendidos.

Nisso chega meu avô e vê a esposa pronta, mais bonita ainda que nos outros dias. Ele era apaixonado pela minha avó e tinha muito ciúme dela. Apesar de todo conhecimento dos clássicos latinos e gregos, ou talvez até por isso mesmo, olhou bem para ela, com a voz séria e o semblante bravo e disse:

– Mulher minha não vai tocar piano para os outros, bonita desse jeito!

Imaginem a cena: na sala grande, onde seria o recital, muita gente, todo mundo sentado, só esperando a entrada da minha avó. Os ingressos pagos.

Era uma crise de ciúmes, e palavra de chefe de família naquela época, passagem do século XIX para o século XX, não volta atrás. E não teve festa, nem música.



Avós do Norte: Olintho de Lima e Maria Magdalena Ayres de Lima
Avós caipiras: Philadelfo Campos Aranha e Maria Magdalena de Almeida Aranha

Muitas desculpas, o dinheiro teve que ser devolvido e as pessoas, muitas amigas da minha avó, tiveram que voltar para casa sem música e completamente chocadas com o acontecido.

Foi um vexame!

Mas as mulheres da minha família são decididas e de briga, puxei esse meu jeitão dela.

Ela ficou muito brava, mas na hora se acalmou e disse:

– Está certo, meu esposo, não vou tocar. Mas a partir de hoje você nunca mais vai me ouvir cantar ou tocar alguma música nesse piano. Foi até o piano, trancou-o e depois jogou a chave no rio.

A chave deve estar lá até hoje.

E minha avó nunca mais cantou ou tocou para o meu avô. Depois de alguns anos ela veio com os três filhos para São Paulo, um deles meu pai, que era pequeno ainda, e foram morar primeiro em Ubatuba e depois em Santos, onde estavam as irmãs.

Um dia, já em São Paulo, ela sabendo que eu gostava de música, me chamou para a sala da casa dela e tocou e cantou só para mim. Fiquei emocionada, a minha voz de contralto, puxei dela.

A avó coipira

Meu avô de São Paulo tinha cinco filhos quando casou com a minha avó. Ele ficara viúvo e voltou a Mogi Mirim para a casa do sogro e disse que queria casar de novo com uma irmã mais nova da falecida. Minha avó era ainda muito jovem, tinha 14 anos.

Meu bisavô pediu então que ele esperasse alguns anos. O tempo passou, eles se casaram e tiveram mais 18 filhos. Uma delas, minha mãe.

Esses 23 filhos se espalharam pelo interior, compraram fazendas e formaram uma grande família.

A minha avó morava em um casarão da família na rua Conselheiro Brotero que ia até a rua Tupi. hoje tem lá um grande colégio, o Carlitos. Nessa casa se reunia toda a família e eu gostava de ficar brincando com as minhas primas nos jardins. Uma das minhas tias, minha madrinha, que morava lá, começou a estudar violão clássico.

As aulas eram na sala de visitas que tinha um janelão que dava para os jardins onde as crianças brincavam. Quando o professor chegava, trancavam a sala para não incomodar os outros e também para impedir que as crianças entrassem.

Mas eu com seis anos era muito curiosa e moleca. Antes do professor entrar eu pulava a janela da sala, escondia-me debaixo do sofá, e assistia às aulas sem que minha tia e o professor percebessem. E fui aprendendo. Nunca descobriram. Quando iam embora eu continuava lá com a sala fechada e com as mãozinhas pequenas ficava dedilhando o violão. Depois ia embora pela janela.

Em um desses dias, começou a chover durante a aula e trancaram a janela. Quando minha tia e o professor foram embora, eu fiquei trancada lá sem poder sair. Aproveitei e fiquei tocando o violão lembrando do que o professor tinha ensinado à minha tia naquele dia. Tocava baixo para ninguém na outra sala ouvir, acho que fiquei horas ensaiando. Quando finalmente abriram a porta, me pegaram, distraída com o violão da minha tia e já tirando os primeiros acordes.

Ficaram espantados de me encontrar lá sozinha e de eu estar conseguindo tirar música daquele violão que tinha quase o meu tamanho.

Virei a menininha prodígio.

Em vez de bronca minha avó comprou um violãozinho Del Vecchio e me deu o primeiro empurrão para que aprendesse de fato a tocar.

Meus Pais

Apesar do meu familião de centenas de primos, só a minha mãe teve, como já disse, 17 irmãos, eu mesma só tive um irmão, e são-paulino, um problema para uma corintiana fanática como eu administrar pela vida. Mas sempre fomos e somos muito amigos.

Na minha infância eu morava com a minha mãe e meu pai no casarão da minha avó na Barra Funda. Era sempre muita gente. Além das tias sempre havia os primos que vinham do interior para estudar em São Paulo. A nossa educação – apesar de rigorosa, minha mãe era dedicada e sisuda – passava também pelo relacionamento intenso com tias, avós e primos.

O meu pai já era mais flexível, mais simples. Tendo do que comer e onde morar, estava tudo bem. Ele vinha de família do litoral, mais relaxado, um homem inteligente, que lia muito e gostava de conhecer gente, e me acompanhou durante a infância e juventude a muitos lugares.

Ele trabalhava na Sorocabana, a empresa que cuidava da linha de trem entre a capital e as cidades da região oeste de São Paulo, chegando até Presidente Epitácio, às margens do rio Paraná, e também conseguiu a partir dos anos 1930 chegar até Santos, quebrando o monopólio da São Paulo Railway, a inglesa, que era a única que descia ao porto de Santos pela cidade de Paranapiacaba. Agora tudo isso acabou; esses trens só transportam carga.

Mas meu pai trabalhava nos escritórios aqui em São Paulo, naquela fase gostosa que a gente ia para o interior sacolejando nos vagões do trem, com o bilheteiro passando para furar a passagem, e com os vendedores trazendo sanduíche de queijo ou de mortadela em uma espécie mochilas de pano branco que eles carregavam andando com o trem em movimento sem derrubar nenhuma comida.

E entre as pessoas que trabalhavam com meu pai estava Raul Torres, compositor, que criava suas próprias músicas e também recolhia muitas outras pelo interior de São Paulo e Minas. Nessa época não tinha essa história de direito autoral. Ninguém ganhava muito dinheiro por compor uma música.



Então às vezes a pessoa que escolhia e cantava uma música acabava sendo conhecido como autor.

Raul Torres formou dupla com Serrinha e fizeram muito sucesso com as músicas *Saudades de Matão* e a *Moda da Mula Preta* (eu tenho uma mula preta com sete palmo de altura).

Depois ele e o João Pacífico, outro gênio pioneiro da música caipira, se tornaram parceiros e fizeram músicas como *Chico Mulato* e *Mourão da Porteira*. Quem acompanha o *Viola, Minha Viola*, deve ter visto o programa especial que nós fizemos mostrando algumas das centenas de músicas conhecidas do Raul Torres. Entre elas *Perto do Coração*, *Cabocla Teresa*, *Sinhá Maria* e terminei o programa cantando com todos os convidados

Colcha de Retalhos (Aquele colcha de retalhos que tu fizeste, juntando pedaço em pedaço foi costurada...). Esses clássicos sertanejos do Raul Torres e do João Pacífico, continuam a ser gravados todo ano por músicos novos, como Chitãozinho e Xororó, Roberta Miranda e várias duplas que surgem e vão buscar conteúdo, nas músicas desses mestres.

Eles são para a música caipira o equivalente a Noel Rosa e Ary Barroso para o samba – o público mais novo conhece e canta essas músicas pensando que são recentes sem saber exatamente a origem.

Bom, mas o Raul era muito amigo do papai, e a Sorocabana na década de 30 tinha uma rádio interna, que funcionava no prédio da torre da estação, ali perto da Duque de Caxias.

A rádio só funcionava na hora do almoço, e quem fazia os programas eram pessoas da própria Sorocabana como o Raul Torres, que tocava suas músicas para os funcionários.

E o meu pai como sabia que eu gostava de moda de viola me levava lá. Eu adorava. No meu aniversário de nove anos, o presente foi levar o Raul Torres para tocar lá em casa.

Meu pai também me levou muito a circos e auditórios de rádio onde havia apresentação de duplas caipiras e de músicos mexicanos. Vi as cantoras Adelina Garcia, Elvira Rios e o cantor Tito Guizar, e a primeira dupla brasileira de mulheres Xandica e Xandoca.

Já a minha mãe me levava a programas mais finos, como a um Chá no Mappin, aquela loja famosa que ficava em frente ao Teatro Municipal. O prédio do Mappin tinha um grande relógio, que era um dos cartões-postais da cidade. As pessoas marcavam encontro ali em frente entre a loja e o Municipal. E além de ser muito grande para época, tinha a cada andar uma especialidade de produto. E ficaram famosos os ascensoristas que a cada parada falavam:

Primeiro andar: utensílios domésticos, fogões, geladeiras.

Segunda andar: Cama e mesa

Terceiro andar: Brinquedos (imaginem um andar inteiro só de brinquedos).

Havia o chá da tarde que reunia as senhoras das famílias de bem da cidade, e que além do chá, às vezes, tinha desfile de moda ou apresentação de artistas convidados. Uma vez foi lá o famoso cantor mexicano Pedro Vargas, e eu empurrada pela minha mãe, e com muita vergonha, fui pedir autógrafa.

Mais adiante eu falo da influência que essa música mexicana teve na música caipira.

Como dá para perceber de todos os lados da família vinha um empurrãozinho para a música. Mas não era a música caipira que eles queriam.



Inezita e os primos Jorge e Zezito

Revolução de 32

Em 1932, eu tinha começado a fazer as aulas de música com a professora Meire Buarque, e aos domingos à tarde ela levava a gente para a Rádio Cruzeiro do Sul que ficava bem no centro no Largo da Misericórdia, do lado da praça da Sé. Nós cantávamos as músicas que tínhamos aprendido em um programa infantil. Foram minhas primeiras atividades artísticas no rádio.

Em uma tarde dessas a gente ouviu um barulhão lá fora e fomos todos olhar no varandão do prédio da rádio que dava lá para a praça da Sé. E aí a gente viu os estudantes da São Francisco que estavam reunidos fazendo uma manifestação contra o ditador Getúlio Vargas que tinha deposto o presidente Washington Luis. Foi o levante mais importante da época, e os estudantes de braços dados, com a bandeira paulista na mão, seguiram pelo centro, como se fosse uma muralha avançando pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, depois cruzaram o Anhangabaú pelo viaduto do Chá e chegaram até a praça da República.

Lá, entraram em briga com os partidários do Getúlio que tinham uma sede por lá.

Quatro estudantes morreram, eu lembro dos nomes que formavam a sigla MMDC, Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo. Foram metralhados e mortos na praça bem em frente onde era a Rádio Record. Não teve conversa, foi violento, e daí nasceu a Revolução Paulista. Eu me lembro de toda a cena até hoje.

E o Getúlio Vargas ficou no governo durante muito tempo.

Alguns anos mais tarde quando eu já estava no ginásio, houve um desfile de estudantes no centro de São Paulo e o presidente ia estar presente.

Como era a mais alta, era sempre eu que levava a bandeira.

Era um dia gelado, daqueles da terra da garoa da década de 30, mas a gente não podia ir com agasalhos, tinha que ir com aquele uniforminho de camisa branca curta e saia.

Os estudantes todos se reuniram no Anhangabaú onde soprava um vento gelado de assobiar.

De lá, seguíamos para a praça do Correio e subíamos pela São João chegando até a praça Marechal Deodoro. O presidente Getúlio Vargas ficava no largo do Paissandu olhando o desfile passar.

A diretora do Caetano de Campos, onde eu estudava, dona Carolina Ribeiro, uma mulher maravilhosa, me olhou e falou de modo solene:

– *Ignez Maria, você trouxe as luvas?*

– *Sim senhora.*

Naquele tempo tinha que usar luvas brancas para pegar a bandeira. E eu seguiria na frente sozinha segurando a bandeira, com aquele vento gelado batendo no rosto, com os outros estudantes um pouco atrás, mas juntos, o que era um pouco mais quentinho...

– *Ignez Maria, quando passar no palanque onde estará o presidente Getúlio Vargas, vire a cabeça para a direita e cumprimente-o, disse sério a diretora.*

Ela esquecia que a minha família era paulista da gema. A gente amava São Paulo e odiava o Getúlio.

Mas começou o desfile e eu fui em frente, bandeira na mão e vento gelado na cara.

Quando estava chegando no palanque eu vi o Getúlio. Ele era baixinho e ficava lá olhando atento para nós. Quando passei o palanque em vez de virar para a direita eu virei para a esquerda, e como estava com a bandeira na mão, perdi o equilíbrio e quase cai. Foi um escândalo, todo mundo viu, o presidente e a professora também.

Quase me expulsaram da escola. Mas toda a minha família me apoiou.

A minha avó de Mogi falou:

Você fez muito bem minha neta, você tem vergonha na cara, você é paulista! Seus tios foram para a revolução e quase morreram! Se expulsarem você, tem outras escolas para estudar.

Essa é minha avó paulista quatrocentona, que no começo da Revolução Constitucionalista pegou o carro da família e foi alistar dois tios sem mesmo eles saberem.

Um dia ela pegou o chapeuzinho dela e saiu de casa bem de manhãzinha, sem falar com ninguém.

Todo mundo preocupado e ela só voltou à noite. Quando perguntaram onde ela tinha ido, ela respondeu satisfeita:

Fui no quartel e alistei vocês dois, disse olhando para os meus tios.

Em vez de samba e noitadas, eles que vão lutar por São Paulo, explicou ela *quando voltou do quartel. Paulista tem que ir a luta!* A minha avó, que era muito enérgica, fazia com que a gente andasse fardada, sempre com uma bandeirinha na mão.

Nessa época da revolução, a gente ia até a estação da Luz ver a partida dos batalhões, e os soldados entrarem nos trens. As mulheres levavam cache-cóis de tricô para dar a eles porque era muito frio nas trincheiras. Aprendi a fazer tricô nessa época.

Eu sei que morreram mais de 500 soldados paulistas. Era uma situação mais cruel que a própria guerra porque todos eram como irmãos, no mesmo país.

Era revolução, mas também tinha aquela coisa de brasileiro.

Meus tios contavam que, na divisa com Minas, eles ficaram do lado de cá do rio e os mineiros do outro lado. Mineirada de um lado, paulistada do outro.

Aí, à noite os paulistas gritavam:

– *Fulano! Tem queijo aí?*

– *Tem! gritavam os mineiros*

– *E tem cigarro aí? gritavam de novo os paulistas.*

– *Não!*

Então imagine, durante toda a noite a canoa ficava atravessando o rio de cá pra lá e de lá pra cá, trocando queijo por cigarro. E ninguém atirava.

Mas no outro dia os tiros começavam de novo.

Um tio meu participou da batalha. Ele tinha uma foto com o capacete de aço na cabeça, ajoelhado, metralhadora na mão, todo com pose, eu tinha esse retrato. Graças a Deus, se salvou, mas houve uma batalha no final da revolução em que morreu um monte de gente. Foi quando as tropas paulistas e federais se encontraram no meio de um túnel na serra da Mantiqueira, que ligava Cruzeiro, em São Paulo, e Passa Quatro, em Minas Gerais. Foi doloroso.

Dessa época há uma música sobre a Serra da Mantiqueira, de Ari Kerner. É sobre uma velhinha Mãe Maria, esperando o filho que tinha entrado para um batalhão e nunca voltava, nem dava notícias. Ele tinha seguido para o Rio de Janeiro.

Eu cantei essa música no *Viola, Minha Viola*, há pouco tempo e no outro dia choveu e-mails elogiando. Minha primeira gravação de Serra da Mantiqueira foi em 1959 no disco *Canto da Saudade*, ela aparece também em outras coletâneas.

No *Viola*, quando eu cantei essa música, lá tem muito velhinho, que lembra dessas histórias e também da música, e aí foram só lágrimas, tiveram que tirar os lenços das bolsas. A música faz isso. Uma música às vezes está esquecida, mas quando você canta de novo as lembranças, para quem viveu a época, vêm imediatamente à cabeça.

É um modo de preservar a memória de algum período que você passou. Por isso eu valorizo sempre a música de raiz, que é nossa, que veio do coração e que tem alguma coisa para nos dizer sempre.

Essa música moderna só de moda, que só faz barulho, com letra artificial, faz sucesso um tempo e nunca mais. O que fica é aquilo que tem raiz com a nossa história ou com coisas da nossa vida que a gente realmente passou ou viu. Mesmo o habitante das grandes cidades tem parentes ou ele próprio veio de algum lugar do interior. Por isso a gente sempre se imagina algum dia numa casinha com mato, árvores e passarinhos.



O Rio dos anos 30

Continuei aprendendo música, agora violão e canto. Só que as letras não eram originais. Para que as crianças não aprendessem músicas falando de amor, as letras eram atenuadas ou mudadas completamente, infantilizando as canções.

As letras dos sambas de Noel Rosa e de Ary Barroso acabavam ficando com versinhos infantis como: *O meu gatinho branquinho, branquinho, meu vestidinho cor-de-rosa*. Faziam paródia dos sambas famosos... e eu chorava.

Eu percebia que não estavam me ensinando certo, e me revoltava com aquilo e pedia para sair da escola. Sabia que as letras estavam erradas e não queria cantar musiquinhas de brincadeira.

Até que um dia ganhei meu próprio rádio. Foi uma felicidade! Agora eu iria poder ouvir todas as músicas com as letras originais.

Ele era grandão, pesado, esquentava, o som tinha muito chiado, mas eu amei!

Levei para o meu quarto, liguei na tomada e fiquei viajando com as vozes daqueles locutores e com as músicas.

As décadas de 1930 e 1940 foram a época de ouro do rádio. E a Rádio Nacional do Rio de Janeiro era a grande líder de audiência em todo o Brasil. Fora criada por Getúlio Vargas em 1936, que percebera a força do veículo para divulgação das ideias políticas do governo.

O melhor horário para ouvir era à noite, os principais programas iam ao ar depois das seis da tarde. Era o horário nobre do rádio, porque ainda não havia a televisão.

Toda noite, depois de fazer as lições de escola, e ia para o meu quarto, apagava a luz, punha uma toalha no vão embaixo da porta, para vedar o som, e ligava na Rádio Nacional ou Mayrink Veiga, e ficava ouvindo aquelas músicas maravilhosas e as letras dos sambas inteiras. Decorei quase todos os sucessos.

Os programas eram feitos em grandes auditórios, com orquestras acompanhando cantores com Francisco Alves, Silvío Caldas, Orlando Silva, Carmen Miranda e as marchinhas de carnaval que tocavam muitos meses antes de fevereiro para as pessoas já irem decorando.

Minha avó mudou para o Rio

No início dos anos 1930, minha avó foi morar no Rio de Janeiro para acompanhar um dos tios que tinha sido eleito senador. E eu com frequência ia visitá-la.

A primeira vez que fui passar minhas férias lá foi nos meses de janeiro e fevereiro, pleno carnaval e assisti àqueles blocos de tamanco no meio da rua em Copacabana, na avenida Atlântica. Era um ritmo incrível e o efeito daquele som animado ficou marcado na minha memória. Era, muito bonito e espontâneo. As pessoas nas ruas se divertiam muito também.

Não havia ainda a industrialização do carnaval.

No Rio, com meus tios aprendi outros sambas, que nem tocavam no rádio. Eles adoravam o samba. O primeiro que eu toquei com violão, com meu tio acompanhando na caixa de fósforos imitando o Ciro Monteiro, foi *Arrasta a Sandália* (de Baiaco e Aurélio Gomes):

Arrasta a sandália aí, morena

Arrasta a sandália aí, morena

Arrasta a sandália aí, morena

Arrasta a sandália no terreiro

Porque não custou o seu dinheiro

E por aí vai... Uma delícia cantar essa música!

Em outra dessas viagens ao Rio, haveria uma apresentação especial no Cassino Atlantico, no posto 6 em Copacabana, com Carmen Miranda e Grande Otelo. A Pequena Notável, como era conhecida, já começava a brilhar como uma estrela de dimensões mundiais. Seus filmes iriam fazer



sucesso no mundo todo, e o estilo Carmen Miranda fixaria uma imagem tropical e de alegria ao Brasil.

Imagine eu em um show da Carmen Miranda e Grande Otelo e grande orquestra, na matinê do Cassino Atlântico, em Copacabana!

Eu queria ir de todo jeito, mas só podiam entrar maiores de 18 anos, e eu tinha 14, era menor, mas grandona.

Então minhas tias me pentearam como mocinha, passaram batom, botei uns sapatos de salto alto apertados e fui ver o show deles.

Conseguimos entrar e sentei em um lugar bem na frente do palco. Foi a glória da minha vida ver aqueles dois maiores artistas do Brasil, quase do mundo, dançando e cantando bem ali na minha frente. Eu, abobada, ali olhando...

Quando acabou o show eu não aguentava de felicidade e também de dor nos pés. E as minhas tias ainda queriam fazer uma apostinha na roleta. O jogo era permitido.

Nessa época os cassinos — além dos *shows* e do jogo — davam jantares, coquetéis, tudo para agradar o público. E também tinham várias áreas de descanso com sofás no saguão.

Davam até sorvete. Peguei o meu, tirei os sapatos, e sentei-me em um dos sofás e as minhas tias me deixaram lá e foram fazer um joguinho. Quando voltaram, mais de uma hora depois, estava eu deitada no maior sono.

Isso é que dá trazer criança. Vamos embora! Minhas tias ficaram bravas.

Quase apanhei.



Mas valeu a pena ver a Carmen Miranda de perto. Maravilhosa, dançando e cantando com o público vibrando. Ela tinha o domínio perfeito da plateia e era adorada por todos. Muitos anos depois, quando ela voltou, já famosa no mundo todo, a crítica já começava a falar que ela tinha se americanizado, não era mais brasileira. É sempre assim, aqui se queimam todos os ídolos. Não se pode fazer sucesso.

Mas o importante é que voltei para São Paulo já com essa ideia cada vez mais forte de ser cantora.



Casamento e o Barroso

Namorei cinco anos antes de casar com o Adolpho Cabral Barroso, em 1947. Ele era cearense e, como toda a sua família, adorava música e sempre me incentivou a desenvolver a carreira musical.

Nos meus anos de namoro morava em Perdizes e ele no Sumaré. E havia um riozinho separando os barrancos dos dois bairros, e à tardinha a gente fazia serenata com os amigos. Dá para imaginar uma coisa tão romântica e tranquila em São Paulo? Era outra cidade...

Tínhamos uma turma de amigos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco onde ele estudava. Alguns deles, como Paulo Autran, Renato Consorte e Clovis Garcia, ficaram muito famosos. Paulo se tornou um dos maiores atores do teatro brasileiro, Renato fez teatro, cinema e TV e Clovis Garcia, professor do Escola de Arte Dramática, que formou geração de atores brasileiros. Boa turma. Estávamos sempre juntos. Depois de formado, fiz muitos *shows* com Paulo Autran. Ele, declamando poesias famosas como *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias e trechos de peças clássicas famosas, e eu cantando músicas regionais do Rio Grande do Sul ao Pará.

Cheguei a excursionar com Primeira Caravana Artística do XI de Agosto, nome do centro acadêmico da faculdade de Direito, que sempre foi muito ativo cultural e politicamente. Fui a Franca e cantei músicas de Noel Rosa, um compositor muito presente na minha história. Eu conto as coincidências mais à frente.

Meu marido se formou em Direito, e continuou tranquilo, sem muitas ambições.

Quem dirigia o carro da família, um velho Ford inglês, era eu. Imagine uma mulher no volante antes dos anos 1950. Ele não dirigia.

Eu fui tocando minha carreira. Apresentações no Rio, rádio, disco. Filha pequena. Correndo para lá e para cá, e ainda cuidando da casa.

A vela foi apagando.

Amor é uma coisa que você tem quando jovem.

O casamento foi acabando.

Eu me separei, sem brigas, sem traições.

Eu me entreguei mais ainda a minha carreira. Agora desquitada, mais uma batalha para enfrentar.

Uma história me marcou muito. Meu sogro veio falar comigo logo depois da separação. Era um empresário importante, firme e direto nos seus atos. Imaginei que ele viesse pedir para reconsiderar, coisa que eu não faria.

– Eu vim fazer um pedido para você, é uma coisa que me incomoda muito... Não tira o meu sobrenome Barroso. Use no seu nome artístico, o que muito me orgulhará.

Foi comovente, ele sempre me deu apoio nas decisões e esse pedido foi um modo também de falar que concordava comigo.

E ficou Inezita Barroso.

O Nascimento da Marta

A Marta, a minha filha única, me deu três lindas netas, nenhuma cantora, ainda, nasceu em dezembro de 1949. O nascimento foi uma festa antecipada.

Era o dia da festa de aniversário da minha tia, e eu estava no final da gravidez, faltavam quatro dias, mas eu já levava a malinha para todo lugar. Na casa a maior animação: chorinho, família, músicos, atores.

Entre eles estava Pagano Sobrinho, um comediante que fazia sucesso no rádio contando com sotaque italiano histórias da Mooca, Bixiga e da Barra Funda. Eram casos de pessoas simples que ele ouvia pelo bairro e reproduzia com sua voz rouca, nos programas. Ele foi um cronista bem-humorado das coisas paulistanas.

Uma das histórias mais engraçadas era sobre uma noiva que entra na igreja para o casamento, quando um parente distraidamente pisa na cauda do vestido, que tanto trabalho tinha dado para ser costurado, e dinheiro para ser pago. Ainda no meio da caminhada em direção ao altar, a noiva, sentindo a pisada, grita:

– Não pisa no vestido maledeto que ainda vou fazer uma combinação dessa cauda!...

Essa foi uma das histórias que fizeram com que eu risse tanto na festa, que o parto foi antecipado em quatro dias e todos na festa acabaram seguindo comigo até a maternidade.

O Chorinho, não só o da Marta que vinha ao mundo com música e risos, mas dos músicos continuou na Maternidade Matarazzo, com muita festa no quarto. Médicos e enfermeiras e os outros funcionários toda hora passavam lá. Sempre havia alguém. O Paulo Autran quando vinha trazia pizza, e Pagano continuando com suas paganadas, que eram frases famosas que ele usava nos programas de rádio. Das mais famosas era:

O dia de amanhã ninguém usou. Pode ser seu.

Filosofia pura, saudando a chegada de Marta.



Inezita com Marta



Primeiro trabalho profissional

Logo depois do casamento viajei com meu marido pelo Nordeste. Fui para conhecer a família dele e também o Ceará. Todo mundo também gostava de música, graças a Deus.

Ele tinha um tio famoso, Barroso Neto, músico cearense e ligado a grupos de teatro amador, que foi me apresentando ao pessoal da música e do teatro de Fortaleza. Eles conheciam também a Rosa Borges, que tinha um grupo de teatro amador em Pernambuco. Então seguimos viagem para lá.

Em Recife conheci o grande compositor Capiba, e toda aquela gente bacana da música e do folclore pernambucano. Os cobras do frevo. Fui conhecendo todas aquelas feras e descobrindo cada vez mais a música pernambucana. Conheci muito cantor nordestino, vi muito frevo e fui gostando cada vez mais.

Um dia me pediram para cantar no Teatro Santa Isabel em um *show* beneficente. Eu não estava preparada, afinal estava lá a passeio, não me imaginava cantando para um público grande que eu não conhecia e que também não me conheciam. Até essa época eu só cantava com os meus amigos.

Eu precisava me preparar. Comprei um pano de fazenda e mandei fazer um vestido até o pé, lembro até hoje que era azul. E no dia até me emprestaram

o violão. Foi uma loucura, cantei um monte de músicas do Sul, de São Paulo, de Minas, músicas gaúchas, que eles não conheciam. Naquela época não havia intercâmbio musical como hoje. E eles adoraram, e eu fui ficando.

Depois o Capiba me convidou para uma apresentação na Rádio Clube de Recife.

Eu falei que não podia, não estava preparada, aquela desculpa. Tinha ido para ficar 15 dias e já estava há dois meses no Nordeste.

Mas ele insistiu. E eu já estava com aquela vontade. Fui lá e cantei em um programa de auditório. O repertório era aquele de sempre que eu juntava músicas de várias regiões. Pela primeira vez eu estava cantando para um público maior, aqueles que ouviam o programa em casa além do público que estava na plateia. Eu gostei muito e acho que eles gostaram também.

Foi o meu primeiro trabalho profissional. Pela primeira vez ganhei dinheiro para cantar. Fiquei assustada em receber o meu primeiro cachê, mas foi muito importante porque percebi que poderia viver do meu trabalho: cantar. Esse foi o começo de tudo e o grande impulso veio do Mestre Capiba, que já era um músico consagrado no Recife, e que ficou mais famoso em todo Brasil com a música *A Mesma Rosa Amarela*.





O Primeiro Disco

Até a década de 1950 o Rio de Janeiro não era apenas a capital administrativa do País, era também a capital cultural. Apesar do crescimento econômico rápido de São Paulo no século 20, com o café e a industrialização, todas as grandes gravadoras de disco estavam no Rio de Janeiro.

Eu fiz uma grande temporada na Boate Vogue em Copacabana, que era o palco de muitos cantores americanos que vinham ao Brasil. Imagine, uma caipira no templo da música mais moderna da época.

Cantava as músicas do Noel Rosa, do Ataulfo Alves e também *Tristeza do Jeca*, era um repertório eclético, tudo misturado, mas o público gostava. Acompanhava meu violão, eu ainda não tocava viola em público.

Não pensava ainda em gravar, eu era amadora, não profissional. Mas resolvi gravar um primeiro disco, aqueles de divulgação, só em acetato. Aqueles que a gente paga para fazer divulgação. Era uma toada chamada Catira, cuja letra era mais ou menos assim:

Quem me vê aqui cantando

Pensará que eu não trabalho

Tenho os dedos calejados

Da viola e do baralho

Ai ai ai aiai

Meu primeiro disco de fato foi em 1951, cantando *Funeral de um Rei Nagô*, um tema afro-brasileiro de Hekel Tavares e Murilo Araújo, e do outro lado *Curupira*, uma canção amazônica de Waldemar Henrique.

Comecei com o folclore, minhas raízes mais fortes, e os dois compositores, o Hekel e o Waldemar Henrique, dos quais ainda iria gravar muitas músicas









Ronda e a Marvada

Só em 1953, no início, portanto, da carreira verdadeiramente profissional, fui gravar um disco 78 rotações, um *bolachão*, com duas músicas que acompanham toda a minha vida musical.

De um lado a *Moda da Pinga*, música nascida em roda de violeiros, e do outro *Ronda*, o samba eterno de Paulo Vanzolini.

Uma música caipira e um samba-canção. Dois lados musicais da minha vida. Um deles o de sambista que muitos fãs gostariam que tivesse sido mais importante na minha carreira.

Eu e meu marido encontramos o Paulo Vanzolini no Rio. Eu estava indo gravar o disco da *Marvada Pinga*; ele, zoólogo, pesquisava e juntava materiais de estudo que traria para São Paulo, iria pegar uma carona conosco na volta. Como ele também era músico resolveu ir com a gente para o estúdio.

Depois da *Marvada*, eu precisava gravar o outro lado do disco. E estava tão deslumbrada em estar gravando que não tinha pensado no outro lado, nem sabia que iria precisar.

O Vanzolini sugeriu o *Ronda*, uma composição dele que eu cantava muito em casa com ele e os amigos, mas que nem tinha decorado direito. Então o Vanzolini escreveu a letra num pedaço de papel.

O diretor do estúdio perguntou como era a música.

– *O que é essa Ronda?*

– *É um samba de São Paulo*, respondi

– *São Paulo não tem samba, isso não existe...*

– *Mas não é para vender.*

Ele ficou bravo, pegou o chapéu e foi embora. Mas o pessoal do Regional que iria me acompanhar queria conhecer a música. Só tinha cobra, Chiquinho do Acordeon, Menezes, Bola 7. E eles me pediram para tocar para pegar a música.

Depois de ouvir eles ficaram loucos, adoraram. O Abel da clarineta sentenciou:

É essa música a que vai fazer sucesso!

Olha que boca.

A música foi gravada inteira de improviso, eu só dei o tom, e o Regional foi em frente. Tem aquele solo lindo de clarineta, e a sanfona do Chiquinho do Acordeon, está maravilhosa, adorei!

Quando saiu o disco, os dois lados fizeram sucesso, cada um no seu ambiente.

Depois, muitos outros cantores também gravaram *Ronda*, que acabou ficando como uma espécie de música-tema da cidade. A famosa esquina da Ipiranga com a São João ainda é visitada com curiosidade por turistas que passam pela região. Alguns bares ainda estão lá, e apesar do lado boêmio da cidade ter se espalhado por outros bairros, o velho centro mantém ainda seu charme.

A letra da música mudou um verso daquela que eu cantei em 1953. Eu dizia *mesas dos bares* agora é só *bares*. Naquela época mulher não entrava em bar, as mesas eram na calçada. Os homens ficavam nas mesas de bares, como o Pinguim, ali na São João, bebendo e fumando, e as mulheres ficavam rondando, circulando pra lá e pra cá, paquerando os homens nas mesas. Geralmente não eram mulheres muito distintas e não tinham direito de entrar em bares sozinhas, era muito feio. São pequenos detalhes, que só quem conheceu, sabe.

É a Moda da Pinga?

A *Marvada Pinga* eu ouvia desde criança na fazenda. É toda fragmentada não tem um autor só. Era roda de viola que a gente cantava à noite. Os violeiros, quando gostavam muito de uma música, iam criando e pondo versos de improviso a mais. No outro dia, nem lembravam o que tinham inventado, mas eu anotava tudo. Eu fiz várias gravações para caber todos os versos.

Deu até briga no jornal essa história de autoria. Eu expliquei que, como toda música folclórica, ela não tem autor definido. O que se faz é colocar música recolhida por fulano.

Mas a *Marvada Pinga* tem um pedacinho do Raul Torres, tem um pedacinho do Cunha Jr. e um monte de gente que ninguém conhece. Às vezes, aparece alguém com uns 40 anos de idade que se diz autor. Eu digo: *oh, rapaz, para você ser autor precisava ter uns cem anos...*



Moda da Pinga

1

*Co' a marvada pinga
É que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dô o meu taio
Pego no copo e dali nun saio
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio
Oi lá!*

2

*Venho da cidade e já venho cantano,
Trago um garrafão que venho chupano
Venho pr'os caminho, venho trupicano,
chifrano os barranco, venho cambetiano
E no lugá que eu caio já fico roncano
Oi lá!*

3

*A muié me disse, ela me falô:
largue de bebê, peço por favô
Prosa de muié nunca dei valô,
Bebo co' o sor quente pra esfriar o calô
E bebo de noite é prá fazê suadô
Oi lá!*

4

*A muié me disse; largue de bebê!
Eu disse pra ela: largue de trelê!
Pois quem s'embriaga num é vassuncê
Eu com a caninha hei de combatê,
Só largo da pinga quando morrê,
Oi, lai!*

5

*Pinga temperada eu num modifico,
Quem me dá no bule eu chupo no bico
Vô rolá na poeira que nem tico-tico
Vô ficá de quatro, destripano o mico,
Junta a mosquiteira, mas eu não imprico,
Oi, lai!*

6

*Cada vez que eu caio, caio deferente,
Meaço pra trais e caio pra frente,
Caio devagá, caio de repente.
Vô de curropio, vô derretamente,
Mais seno de pinga, eu caio contente,
Oi lai!*

7

*Pego o garrafão e já balanceio
Que é prá mor de vê se tá mesmo cheio
Não bebo de veiz, porque acho feio
No primeiro gorpe chego inté no meio,
No segundo trago é que eu desvazeio,
Oi, lai!*

8

*Eu bebo da pinga porque gosto dela
Eu bebo da branca, bebo da amarela
Bebo nos copo, bebo na tigela
E bebo temperada com cravo e canela,
Seja a quarqué tempo, vai pingar na goela
Oi, lai!*

9

*Num largo da pinga nem que eu tome pito
O que é de incrinação, eu acho bonito
Co'o chero de pinga fico meio afrito,
Bebo uma garrafa e já quero um litro;
Já fico babano, crio dois esprito.
Oi, lai!*

10

*Eu fui numa festa, ai no Rio Tietê
E lá fui chegano no amanhecê,
Já me dero pinga pra mim bebê,
Já me dero pinga pra mim bebê,
Tava sem fervê,*

11

*Eu bebi demais e fiquei mamado,
Eu cai no chão e fiquei deitado
Aí fui pra casa de braço dado,
Ai, de braço dado é com dois sordado!
Ai, muito obrigado!*

Eu vou sempre ao Festival do Folclore em Olímpia, no Estado de São Paulo. Uma vez fiz uma palestra analisando a Moda da Pinga. O texto era mais ou menos assim:

A Moda da Pinga retrata o dia a dia do pau-d'água, do bêbado contumaz. O pinguço narra o seu estado de embriaguez. Entra no boteco, pede a marvada, joga um pouquinho no chão, oferecendo ao santo para afugentar o demônio; bebe o restante, fazendo uma boa careta para o diabo sair mesmo, e dá uma cuspidada a seguir. Repete a dosagem de pinga várias vezes. Paga ou manda marcar. Embriaga-se. Aí ele apronta muito depois do pileque. Discute, diz palavrões, faz gracejos.

Fica com as pernas bambas e deita-se no chão. Geralmente é levado para a casa ou para a cadeia, dependendo muito do estado de embriaguez, da macaquice ou da rudeza.

Na primeira estrofe fala do atrapalho que a pinga lhe traz. Entra na venda, bebe demais, e diz que para ser tirado do local não é fácil. Dá trabalho.

Na segunda estrofe se refere à boa quantidade de pinga ingerida. Na volta para casa, leva um garrafão o qual vai sendo ingerido. Dá passos ziguezagueados, acaba caindo no chão e dorme um sono perturbador, cheio de roncos.

Nas terceira e quarta estrofes ele discute com a mulher e justifica os motivos por que bebe. E promete deixar a bebida somente quando morrer.

Na quinta estrofe persiste em afirmar que toma pinga de qualquer qualidade, até mesmo temperada e em grande quantidade. Torna a cair, vomita, é atormentado por mosquitos, mas não dá importância a nada disso.

Na sexta estrofe retrata as maneiras diferentes como cai embriagado. Mas cairá sempre contente, se o motivo for a cachaça.

Na sétima estrofe se refere a ingerir o conteúdo de pinga de um garrafão em dois goles apenas.

Na oitava estrofe confessa gostar de pinga e que a bebe de qualquer qualidade e com diferentes temperos, porque de qualquer forma ela irá parar na goela.

Na nona estrofe confirma não abandonar o vício de alcoólatra, mesmo que lhe chamem a atenção ou lhe apliquem sanções. Que depois de bêbado chega a ganhar dois espíritos: o do bem e o do mal.

Finalmente nas décima e décima primeira estrofes narra ter ido a uma festa no Rio Tiête. Chegando de manhã já lhe deram pinga. Bebeu demais e ficou embriagado, tendo como resultado a sonolência. E o resultado de tudo é que vai conduzido à casa, ou quem sabe ao xadrez, por dois soldados.

Outras Músicas

Meu Limão, meu Limoeiro

Existem vários exemplos de música tradicional cuja origem está no folclore ou em danças e festas que o povo canta há anos, recolhidas por pesquisadores ou músicos que fazem adaptações e novos arranjos e muitas vezes a transformam em grandes sucessos.

É o caso por exemplo de *Meu Limão, meu Limoeiro*. O cineasta e compositor José Carlos Burle, que dirigiu o *O Craque* (um dos filmes que eu fiz), fez um samba inspirado na tradição popular, de *Meu Limão, meu Limoeiro*, que foi gravado por Silvío Caldas em 1937.

Meu Limão, meu Limoeiro possui várias versões: tem o tema recolhido por José Carlos Burle, a que foi sucesso com o Wilson Simonal, até nos Estados Unidos copiaram a música como *Lemon Tree*, mas a música realmente é do folclore pernambucano.

Meu limão, meu limoeiro

Meu pé de jacarandá

Uma vez tin-do-lelé

Outra vez tin-do-lalá

Morena, minha morena

Corpo de linha torcida

Queira deus você não seja

Perdição da minha vida

*Quem tem amores não dorme
Nem de noite, nem de dia
Dá tantas voltas na cama
Como peixe n'água fria*

*A folhinha do alecrim
Cheira mais quando pisada
Há muita gente que é assim,
Quer mais bem se desprezada*

*Meu limão, meu limoeiro
Meu pé de jacarandá
Uma vez tin-do-lelê
Outra vez tin-do-lalá*

Lapinha

Em 1967, essa música ganhava o primeiro lugar na I Bienal do Samba, organizada pela antiga TV Record. Elis Regina defendeu a composição de Baden Powell e Paulo César Pinheiro, dois fantásticos compositores da música popular brasileira.

Mas faltou na hora uma explicação que a inspiração tinha vindo de um tema popular e folclórico da Bahia.

Essa música é inspirada em uma capoeira antiga baiana, mas bem conhecida nas rodas de capoeira. Cinco anos antes do Festival, eu já tinha gravado um disco com esse tema e cantava assim:

Quando eu morrer, me enterrem na Lapinha.

Calça, culete, paletó, almofadinha

E era colete e não culote, imagine baiano com aquele calor usando culote! Eu levei meu disquinho na gravadora e pedi que eles corrigissem a omissão. Para mim que sou pesquisadora, não dá para deixar passar certos esquecimentos.

A cultura popular é sempre uma grande fonte, sem ela, sem mantermos viva essa memória, perdemos nossa identidade.

Tem muitas capoeiras antigas que foram aproveitadas em música. O Caribé, artista plástico uruguaio, apaixonado pela Bahia, fez desenhos fantásticos sobre a capoeira. Ele me deu um de seus livros em que aparecem os versos:

Água de beber, água de beber, camará

São preciosidades recolhidas do folclore baiano, que aparecem em várias canções populares.

Noel Rosa

Corre uma lenda, alimentada muito por Paulo Vanzolini, que eu herdei um caderno perdido com as músicas de Noel Rosa.

Noel Rosa fez quase 300 músicas e viveu apenas 26 anos, imagine se ele tivesse vivido mais. Mas nesse curto tempo criou uma das obras mais importantes da música popular brasileira. Algumas delas são assobiadas na rua até hoje como: *Meu Último Desejo*, *Três Apitos*, *Pra que Mentir*, *Feitio de Oração*, *Último Desejo*, *'X' do Problema* e *Conversa de Botequim*.

Voltando à lenda, circula nos antigos bares da São João e de Vila Isabel que eu teria recebido esse caderno com a letra de várias músicas inéditas escritas pela própria mão de Noel.

Não existe essa história do Noel. O que existe são muitas coincidências na minha carreira que envolvem Noel Rosa. O diretor Alberto Cavalcanti queria fazer um filme sobre a vida do compositor, e eu estava selecionando repertório e dei aulas de violão para o ator Sergio Cardoso que faria o papel de Noel. Infelizmente o filme não saiu, e o Sérgio já estava cantando e tocando direitinho as músicas.

Outra vez no Rio, com o Paulo Vanzolini, fomos convidados a conhecer o pessoal do Salgueiro, os velhos compositores, os sambistas. Eu não poderia perder essa chance. Subimos o morro um pouco assustados com a ideia do que eles iriam pensar de dois sambistas paulistas. *Iii, samba de São Paulo...*

Mas nada disso aconteceu, foi muita música a madrugada toda. Primeiro eles mostraram aqueles sambas de morro maravilhosos, depois eu comecei a cantar as músicas de Noel. Eles ficaram malucos, tive que cantar tudo o que eu conhecia. A prova do sucesso foi a bacia de rabanada que alimentou a festa, A gente cantava e comia rabanada. A festa foi até amanhecer, cantamos e nos entupimos de rabanada.

Outra historia, relacionada ao Noel, aconteceu no inicio da TV Tupi. O produtor Túlio de Lemos, grande profissional de TV (grande mesmo: dois metros de altura e voz de baixo profundo para assustar qualquer um e cantar óperas),

me convidou para fazer um programa especial cantando as músicas de Noel. Para cada canção havia um cenário especial ilustrando as letras que são muito visuais. Alguns dias depois do programa ir ao ar, eu encontrei a Aracy de Almeida, a principal intérprete das músicas de Noel, e uma pessoa autêntica que não escondia o que pensava e não tinha nenhuma cerimônia para dar sua opinião.

Ela tinha visto programa, e estava louca da vida, pensou que eu seria uma nova concorrente dela. Logo que me encontrou foi dizendo:

Grã-fininha mascarada! Vai cantar as músicas do Noel agora?

Claro que era uma brincadeira, porque ela não tinha raiva de mim. Mas toda vez que eu a encontrava, ela repetia a frase. A Aracy foi uma ótima cantora e uma personalidade diferenciada e autêntica. Apesar disso sempre fomos amigas.

Por último, acho que a lenda do Noel vem mesmo dos chorinhos que a gente fazia aos sábados entre os amigos. Um deles, o Oswaldo, era um músico do Rio que quando estava em São Paulo vinha tocar com a gente. Um dia me trouxe um caderno grande com folhas datilografadas das músicas de Noel, que ele tinha selecionado. Foi ótimo, fiquei com o caderninho por muito tempo, e não tenho a menor ideia se ainda existe. Mas não tinha nenhum segredo nem música inédita nenhuma.

Uma das músicas que mais gosto de Noel, que é pouco executada é Nuvem que Passou, e foi sucesso com Francisco Alves, que tem uma estrofe assim:

A mulher mente brincando

E às vezes brinca mentindo

Quando ri está chorando

E quando chora está sorrindo

(Nuvem que Passou, Noel Rosa, 1910 – 1937)

Negro

Minha ligação com a música negra vem com o folclore, das músicas que ouvi nas viagens pelo Brasil, as pesquisas das raízes da nossa música e com a história da minha própria família

A família dos meus avós de São Paulo foi dona de fazendas de café e teve escravos que trabalharam nelas. E eu cheguei ainda a conhecer uma propriedade em Campinas, que ainda tinha uma senzala. Era um lugar com clima pesado. Essas coisas marcam uma pessoa. E isso ficou na minha memória.

Não foi por essa razão, mas acabei me tornando a cantora que mais gravou música de influência africana, antes da Clara Nunes, que também gravou bastante.

Um dos meus primeiros discos e também sucesso foi *Funeral de um Rei Nagô*, de Hekel Tavares e Murilo Araújo. Gravei depois muitas outras músicas do Hekel Tavares e de temática afro-brasileira.

Eu tenho muitas histórias relacionadas com os negros. Uma delas foi quando eu estava no interior e ainda amamentava a minha filha, a Marta, que tinha quatro meses. Ela teve desidratação, começou a vomitar e nós não conseguíamos fazer com que ela melhorasse.

Tivemos que voltar às pressas do interior, e ela piorando no colo do pai e eu dirigindo apavorada..

Quando chegamos a São Paulo, fomos a médico, demos soro, remédio e nada a fazia melhorar. Aí, a minha sogra levou a gente até um asilo que tinha na rua Turiaçu, no bairro da Pompeia, onde moravam umas senhoras negras gordas que eram chamadas de nutrizes. Elas amamentavam crianças de outras mães como eu.

Pouco tempo depois de ser amamentada a Marta já começou a melhorar. No mesmo dia ficou boa e nunca mais teve desidratação. Passei a visitar aquele lugar sempre. E ela só aceitava pajens que eram negras. Se algum preconceito houvesse por causa do histórico da família que tinha tido escravos na fazenda, ele se transformou mais ainda em admiração.

Mesmo sem pertencer a nenhuma religião afro-brasileira continuei cantando músicas que tinham relação com religiões que vieram trazidas pelos escravos.

Uma vez fui fazer um *show* em Roseira, interior de São Paulo, na via Dutra caminho do Rio de Janeiro. Era uma antiga fazenda, em que trabalharam escravos. E o lugar onde foi construído o palco tinha sido uma senzala. Quem cuidava da casa era um estudioso da história da escravidão e manteve alguns objetos da época que foram utilizados para tortura.

E eu comecei a me sentir mal. Não gostava de ver aquelas peças de época. E eu ia cantar músicas afro, de lamentação, que falavam da escravidão.

Eu estava atrás do palco e não sabia se ia conseguir apresentar o *show*. O Escurinho, percussionista, pai do outro Escurinho que ainda toca comigo, que sempre me acompanhava nas apresentações, também estava impressionado, mas veio me dar força para entrar no palco e cantar.

– *Vai lá Inezita, vai dar tudo certo!*

Aquelas palavras do músico do meu regional me deram confiança. Eu senti uma paz muito grande e entrei e cantei.

O *show* foi ótimo e depois que acabou o Escurinho chegou para mim e disse:

– *Foi tudo bem Inezita, não foi?*

– Foi. É estranho que na hora eu senti uma energia poderosa para cantar.

– *É, quando você entrou no palco você não estava sozinha, não. Você não sabe, mas quando entrou no palco, eu vi muitos negros escravos entrando junto e dando força para você fazer o show.*

Eu não sei como explicar essas coisas, mas eu sinto que acontece.

Saravá!



Os italianos estão chegando

Franco Zampari, engenheiro italiano de Nápoles veio trabalhar no Brasil nas Indústrias Matarazzo, do Conde Francisco Matarazzo, grande empresário do início da industrialização no Brasil, e ajudou a mudar o teatro e o cinema brasileiros por causa do seu grande interesse em Cultura.

Em 1948, Zampari, com um grupo de empresários paulistas, cria o TBC (Teatro Brasileiro de Comédias), transformando um velho casarão na Bela Vista em teatro com palco, plateia, espaço para ensaios e construção e pintura de cenários, além de equipamento de som e luz adequados para representação.

Além das instalações físicas do teatro, Zampari convida grandes diretores europeus, como Ziembinsky, Adolfo Celi e Luciano Salce, entre outros, que trazem sua grande experiência em direção de atores e concepção cenográfica.

O TBC começa a montar um repertório moderno e sofisticado de peças que faz o teatro paulista cada vez mais avançar e influenciar toda uma geração de artistas brasileiros.

Lá, eu conheci todo esse pessoal que estava surgindo, como Cacilda Becker, Paulo Autran, Tonia Carrero, Sergio Cardoso e Nydia Lícia, entre muitos outros, além de autores como Abílio Pereira de Almeida.

O TBC fez com que os teatros paulista e brasileiro saíssem de um período de muita improvisação para o início de sua profissionalização. É no TBC que estão as raízes dos Teatros de Arena e Oficina que vão modificar todo o panorama teatral brasileiro a partir da década de 1960.

Mas o Franco Zampari era um empreendedor, e aproveitando esse grande número de artistas e técnicos que vieram para o TBC, cria em 1949 a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que vai ajudar o cinema paulista a dar um salto de qualidade.

O padrão era o mesmo do Teatro Brasileiro de Comédia, amplos estúdios, equipamento moderno, pessoal técnico e artístico de qualidade. A Vera Cruz seria a Hollywood brasileira, um sonho na época de se criar uma verdadeira indústria cinematográfica.

Nessa época, eu me apresentava no TBC dando recitais de música onde já começava a formar meu repertório de canções bem brasileiras buscadas no folclore regional, nos compositores populares ligados a raízes da nossa cultura e aos seus primeiros sucessos. Nas apresentações eu cantava sozinha com o violão.

Os recitais eram sempre às segundas-feiras porque não havia peça sendo encenada. Imagine o TBC naquela época, com todos aqueles diretores italianos querendo trabalhar e criar coisas diferentes. Nas minhas apresentações quem fazia a iluminação pessoalmente era o Ziembinsky. Um dos cenógrafos do teatro criou para as minhas músicas, que geralmente eram folclóricas e regionais, uma cerca branca que rodeava todo o palco e colocou pendurado no meio uma caveira de boi. Ele tinha se inspirado em um quadro do Aldemir Martins, que também era amigo nosso. Ficou muito bonito o cenário.

Acenderam as luzes, entrei e quando dei o primeiro acorde arrebitou a corda do violão. Saí, troquei a corda na coxa, entrei de novo, tentei recomençar, e nova corda quebrada. De novo saí para trocar a corda, olhei aquela caveira de boi no cenário, e falei: *Tira isso daí, tá dando azar!*

Quando as cortinas abriram de novo e o público, meio aflito, viu que tinham tirado a cabeça de boi, começou a rir e aplaudir. Não estourou mais nenhuma corda. O *show* foi o máximo!

E no outro dia estava lá no jornal que uma caveira quase estraga o *show* da Inezita, coisa da vida de artista.



Cinema

O irmão do meu marido era o ator Mauricio Barroso, galã do TBC, por isso a gente estava sempre lá. E de tanto ver as peças a gente decorava o texto, os atores até brincavam: *amanhã não vou poder vir, então você faz o meu papel*. Comecei a pegar coragem para isso.

Esses diretores que tinham vindo para o TBC, o Celli, o Salce e outros, acabaram ficando nossos amigos, porque todos frequentavam a casa do Abílio Pereira de Almeida e do Franco Zampari. Éramos uma grande turma.

Nessas reuniões eu vi nascer a Vera Cruz, desde as primeiras discussões da compra do terreno em São Bernardo, os desenhos e planos de como seriam as instalações, as plantas dos estúdios, tudo estava acontecendo rapidamente. E o grande sonho de uma indústria cinematográfica brasileira estava se concretizando.

Quando tudo estava pronto, o Zampari me convidou para fazer cinema. O Alberto Cavalcanti, grande diretor brasileiro que fazia sucesso na Inglaterra e também tinha vindo para a Vera Cruz, me viu cantar e a partir daí queria de todo jeito que eu fizesse um filme com ele.

Mas acabei fazendo primeiro o filme *É Proibido Beijar* com o Ugo Lombardi, diretor, pai da atriz e escritora Bruna Lombardi.

Particpei também de *Ângela*, em que eu cantava, acompanhada do meu violão. O filme foi um grande sucesso com a Eliana Lage, que se tornou a grande dama dos filmes da Vera Cruz, e com o ator Alberto Ruschel. Essa participação pequena rendeu muitos elogios e me estimulou a fazer os outros filmes.

Só fui fazer um filme com o Cavalcanti em 1954, foi *Mulher de Verdade*. A história de uma mulher casada que trabalha como enfermeira em um hospital. E como era proibido trabalhar como enfermeira se fosse casada, ela tem que mentir e se passar por solteira. Eu fiz o papel principal sem nunca ter frequentado curso de atriz de nada. Mas o Alberto Cavalcanti, que era um

VERA CRUZ apresenta

ELIANE LAGE

ALBERTO RUSCHEL - MARIO SERGIO

ABILIO P. DE ALMEIDA - INEZITA BARROSO - RUTH DE SOUZA

em



ANGELA

Produção e Direção
ABILIO P. DE ALMEIDA
e **TOM PAYNE**

ESTE MATERIAL É PROPRIEDADE
EXCLUSIVA DE UNIVERSAL FILMES S.A.
TODA SUA REPRODUÇÃO É PROIBIDA

UNIVERSAL FILMES S.A.

Distribuição
UNIVERSAL FILMES S.A.



Cartaz do filme Angela | Acervo Cinemateca Brasileira
Cena do filme Angela | Luciano Salce e Inezita | Acervo Cinemateca Brasileira
Cena do filme Angela | Inezita e Alberto Ruschel | Acervo Cinemateca Brasileira

nomão brasileiro no cinema inglês, onde já era muito famoso, gostava muito de mim, do meu jeito. E achava incrível a minha capacidade de decorar o texto. Acho que desenvolvi isso com a música.

Decorar poesia é difícil, mas quando tem música fica fácil. Com a música treinei minha habilidade para memorizar texto. Imagine decorar aquelas músicas caipiras, cururus longos, e eu consigo.

Com esse filme eu ganhei o Saci, que era o prêmio mais importante do cinema na época. Para quem tinha dúvida eu provei que era também uma boa atriz, embora não fosse isso que eu quisesse.

Ainda participei com muito prazer de *O Craque*, o primeiro filme brasileiro que falava do futebol e aproveitava para mostrar no cinema o elenco do time do Corinthians que tinha ganhado o campeonato do IV Centenário de São Paulo, em 1954. No filme apareciam os jogadores campeões: Gilmar, Olavo, Índio, Baltazar, Carbone, Cláudio, Luizinho e Roberto, heróis até hoje. O diretor era o José Carlos Burle.

Imagine eu corintiana, como meu pai, desde dos 10 anos, que ia nos campo de futebol com o pintor Aldemir Martins, outro corintiano, participar de um filme desses foi uma delícia.

Também fiz Carnaval em *Lá Maior*, de Adhemar Gonzaga, com grande parte do elenco da TV Record do ano de 1955, eram ainda os primeiros anos da televisão brasileira. Neste filme eu canto *Estatuto da Gafieira*, de Billy Blanco, que acabou virando um sucesso. Acho que foi o primeiro filme sobre o Carnaval de São Paulo. Este trabalho é importante, porque, como nessa época a televisão era toda ao vivo, nele podemos ver o elenco da Record, músicos e atores, atuando.





Inezita recebe o prêmio Saci | Acervo Cinemateca Brasileira



Meu final na Vera Cruz foi quando o Lima Barreto me convidou para fazer *O Cangaceiro*. Este seria o filme mais importante da empresa, a primeira produção brasileira a receber prêmios no exterior, como no Festival de Cannes.

Eu li o roteiro, gostei, mas a minha filha Marta era muito pequena ainda, eu não queria me afastar e deixá-la com a minha sogra. O papel acabou sendo feito pela Vanja Orico. Além do mais, eu tinha minha carreira musical, queria cantar e não podia ficar muito tempo fora de São Paulo. E disse não.

O Franco Zampari ficou muito bravo com a minha recusa e falou:

Tá bom, tá bom, deixa ela, se ela não quer fazer o filme, em vez de ser uma atriz famosa, vai, vai ser uma cantorinha...

Aí fui eu que fiquei tão brava, que falei: *eu não vou ser só uma cantorinha eu vou ser uma grande cantora!*

E tchau e bênção!

Cenas do filme *Mulher de Verdade* com o ator Colé | Acervo Cinemateca Brasileira

Cenas do filme *É proibido beijar* | Acervo Cinemateca Brasileira



Mario Sergio e Inezita no filme *É Proibido Beijar* | Acervo Cinemateca Brasileira
Otelo Zeloni e Inezita no filme *É Proibido Beijar* | Acervo Cinemateca Brasileira

Rádio e TV – Década de 1950

O início dos anos 1950 foi uma verdadeira revolução na minha vida: cinema, teatro, o primeiro disco, filha pequena. Mas encontrei tempo para mais uma atividade.

Embora já tivesse trabalhado na Rádio Bandeirantes, o meu primeiro contrato profissional foi com a Radio Nacional de São Paulo, uma espécie de filial da Nacional do Rio de Janeiro, que foi inaugurada em 1952.

A Nacional vinha com toda a força querendo repetir o sucesso da matriz do Rio. Novos contratados e alguns dos grandes nomes que faziam parte do *cast* carioca. *Cast* era como se referia aos músicos contratados de uma emissora, também se apresentavam em São Paulo, até o cantor Francisco Alves, o maior ídolo da música brasileira da época, que era carioca, tinha um programa ao vivo, e Silvio Santos começava sua carreira na radio paulista.

Fui convidada pelo Costa Lima a ir para a Rádio Nacional. Mas minha família olhava com certo preconceito.

– Ih, mas é rádio.

Mas o pessoal do Ceará, da família do meu marido, tinha me elogiado tanto como cantora, me posto lá em cima, que por aqui ninguém reclamou.

Cantei na inauguração da Rádio Nacional em São Paulo. Foi no Teatro Cultura Artística, ali na rua Nestor Pestana e que pegou fogo há pouco tempo. Os programas de rádio eram feitos em auditório e nesse teatro se apresentaram nomes importantes da música internacional.

No elenco da Nacional tinha a Orquestra do Spartaco Rossi, a orquestra do Gaó, Chico Alves, Ivon Cury, Isaura Garcia e a grande contratada era Hebe Camargo a *A Estrela de São Paulo*. Nessa época ela fazia um baita sucesso com aquela música:

Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, e voou, voou, voou,

E a menina que gostava tanto do bichinho,

Chorou, chorou, chorou

Como curiosidade vale lembrar que a Dalva de Oliveira levou essa música para a Inglaterra e fez o maior sucesso.

Foi bom participar desse momento importante do nascimento da Rádio Nacional em São Paulo, mas acabei não ficando muito tempo. Sou curiosa e a TV Record, depois da Tupi e da TV Paulista, estava surgindo, seria a terceira emissora de São Paulo, e me convidaram para fazer parte do elenco de contratados. A inauguração foi em setembro de 1953. Paguei uma multa de seis mil réis à Nacional e fui para a TV e Rádio Record.





A Tv Brasileira

A TV tinha chegado ao Brasil em 1950 e começava a ameaçar o grande veículo de comunicação da época, que era o rádio. As pessoas tinham certo medo porque não sabiam nem entendiam bem como ia ser. A paixão era o rádio. Ao mesmo tempo havia grande expectativa para se ver os artistas que a gente só conhecia pela voz no rádio, ou pela *Revista do Rádio*, publicação de grande sucesso em todo o País.

E o que se temia aconteceu. O rádio perdeu mesmo parte do público para a TV e os grandes auditórios que havia nas rádios, com as orquestras e os cantores famosos, também foram perdendo seu espaço. A voz não era mais o único fator que diferenciava e valorizava cantores e atores. A imagem e a sua atuação ali na telinha três por quatro da televisão preto e branco passavam a ter importância vital na carreira do artista.

A TV Tupi de São Paulo foi a pioneira no Brasil, sendo inaugurada em 18 de setembro de 1950. Seguiram-se a TVs Paulista e a Record, além das outras TVs Tupi espalhadas pelo País, já que o proprietário delas era o mesmo empresário Assis Chateaubriand, um verdadeiro magnata das comunicações com cadeia de rádios e jornais pelo Brasil. Em dez anos o novo veículo se espalhou, o aparelho começou a ser fabricado aqui e todos nós viramos telespectadores ou televisinhos da programação.

Mas me adaptei rapidamente à TV. Eu morava em Perdizes perto do prédio da Tupi, mas comecei a trabalhar mesmo foi na Record, que ficava perto do aeroporto de Congonhas. Era a primeira emissora a ter um prédio construído especialmente para ser TV.

Em 1953 já contratada pela Record, usei minha experiência no cinema para lidar bem com a câmera.

A Isaura Garcia era a cantora famosa da Rádio Record, mas ela não queria fazer TV, só rádio, então fiquei mais na TV e isso foi me deixando cada vez mais conhecida.

Fiquei sete anos na Record, trabalhando com Eduardo Moreira, o primeiro diretor da TV brasileira a ir estudar fora do País. Estagiou nos Estados Unidos, e na volta acabou sendo um professor informal de muita gente que começava na TV brasileira.

Moreirinha, como era chamado carinhosamente pelo seu tamanho, era uma pessoa que despertava imediatamente simpatia nas pessoas com quem trabalhava. No rosto sempre um sorriso e o seu bigode *à la* Salvador Dalí.

Trabalhou primeiro na Record e depois na TV Cultura, onde fez musicais, programas infantis como o *Jardim Zoológico*, e educativos como o início do programa *Vestibulando*. Um diretor completo, e que teve muita importância na minha carreira.

Com o Moreirinha comecei a fazer o *Vamos Falar de Brasil*. O programa durou sete anos, era um musical ao vivo, ou seja, ninguém podia errar, porque não tinha edição para consertar depois as falhas. O que acontecesse ia para o ar na hora.

No programa eu cantava cinco músicas diferentes. Começava por exemplo com uma do cancionista gaúcho, vestida a caráter com desenho dos pampas ao fundo, depois uma sobre os remadores da Amazônia, com trajes da região e o desenho da selva no cenário. Tudo em preto e branco, o que ajudava, porque os cenários pareciam mais reais.

Depois o tema do programa era o Nordeste com uma música do Catulo da Paixão Cearense, o cenário agora era a caatinga e eu já estava vestida como uma nordestina. A viagem continuava pelo Pantanal, e terminava com uma moda de viola caipira paulista.

Imaginem tudo isso acontecendo ao vivo!

Como não tinha tempo para trocar de roupa, eu começava o programa já vestida com todas as roupas. Bem gorda. Depois de cada música, eu tirava a de cima atrás do cenário, e ia tirando uma por uma, e terminava magrinha....

Eu gostava de fazer, mas era uma loucura! Para cada música, um cenário diferente, pintado na hora por Manovic, um grande artista da época, filho do Manoel Vitor, um radialista famoso. A maquiagem e o figurino eram bem trabalhados e tinham que ser adequados ao tema. Sempre tinha um chapéu

diferente para cada região, uma correria para lá e para cá, e ainda devia cantar direitinho, imagina. Eram os primeiros anos da TV no Brasil e todos estavam experimentando e aprendendo ao vivo. Para a troca de tudo só tínhamos o tempo de intervalo comercial que era um filme da Air France que patrocinava a série.

Havia também outros programas musicais. Cada um com um cantor diferente. Tinha o programa de uma das rainhas do rádio: Ângela Maria, o da Maysa Matarazzo, e o do Conjunto Farroupilha, um afinadíssimo grupo de cantores gaúchos que fazia muito sucesso. Cada musical ia ao ar em um dia diferente da semana, o meu era nas sextas-feiras, e depois mudou para os domingos.

Era a TV engatinhando no começo dos anos 1950. Na verdade, essas coisas estão perdidas na memória de algumas pessoas, porque como não havia videoteipe para gravar os programas, nada disso restou, além de algumas fotos.

Fui convidada há alguns anos – agora em 2003, 2004 – a participar do aniversário de 50 anos da Record, pensei até que não fossem se lembrar de mim, na verdade a primeira cantora contratada da emissora. Quem primeiro veio falar comigo foi o Jair Rodrigues, grande amigo, sempre fazendo festa. E eu estava me sentindo meio isolada na plateia, mas fiquei feliz em ver a Adriane Galisteu, a apresentadora, me chamou e foi me buscar no público e me conduziu ao palco. Ainda existe, um pouco, de memória.

No ano 2000, quando a televisão estava completando exatamente 50 anos houve uma festa muito bem produzida, realizada na Sala São Paulo, e vários dos antigos profissionais do jornalismo, dos *shows*, dos esportes, da programação infantil, se encontravam presentes. Subiram ao palco: Chico Anysio, Maurício Loureiro Gama, Regina Duarte, Tarcisio Meira, o mundo da televisão prestigiou o evento.

Era a memória da televisão que estava sendo homenageada. Foi de fato um momento importante para centenas de profissionais, e com muita emoção. Teve um fato pitoresco, vamos chamar assim, no encerramento da festa.

A apresentadora no palco antes de se despedir resolveu pedir uma salva de palmas a todos aqueles profissionais, entre atores, cantores, apresentadores, que já tinham morrido, e agora trabalhavam na TV do Céu.

E começou a longa lista: a cantora Maysa Matarazzo, o ator Jardel Filho, o cantor Ivon Curi, o escritor novelista Dias Gomes, o apresentador de telejornais Heron Domingues, a cantora e atriz Wilma Bentivegna....

Porém... acontece que a Wilma estava vivinha da Silva, e sentada exatamente do meu lado no meio do auditório, e na hora distraída não percebeu sobre o que estavam falando e me disse:

Inezita, me chamaram lá no palco, acho que eu vou subir.

Wilma – disse eu, meio sem jeito –, acho que não chamaram não, foi um engano, ainda não chegou a tua vez.

E a Wilma Bentivegna, que ficou muito famosa nos anos 1960 com a música *Hino ao Amor*, continua firme, e como eu nem pensa em fazer parte da TV do Céu.

Esse programa dos 50 anos da TV foi uma exceção à regra. Na verdade pouco se faz pela preservação da memória aqui no Brasil. Talvez um estudo sociológico explicasse melhor. Nos Estados Unidos, na França, no Japão, os antigos ídolos são preservados. Cantoras como Ella Fitzgerald, Nina Simone, Sarah Vaughan, Carmen McRae são verdadeiras instituições americanas, como Frank Sinatra ou Elvis Presley.

No Brasil não existe todo esse respeito. Na verdade quem não toca na rádio ou aparece na TV fica completamente esquecido, e tem muita dificuldade para sobreviver economicamente.

Mas as vozes e as canções desses cantores e cantoras brasileiros parecem que ainda ecoam em nossos ouvidos. Cantamos junto com eles no banheiro, na festa, em casa, no trabalho. Essas vozes cantaram músicas que fizeram casais dançarem, se conhecerem. Tocaram no rádio, tocaram na vitrola, na TV, no alto-falante da praça da cidade, no *show* que tivemos a felicidade de ver.

Ouvimos esses cantores sozinhos em casa, sonhando com um momento bom que foi embora ou que queremos reviver.

A dívida é imensa com nossos ídolos, mas acabamos esquecendo-os. Vivemos sob o signo da modernidade. Acabamos acreditando que tudo o que é novo é obrigatoriamente bom. Partimos para o novo, o modismo, sem termos conhecido suficientemente o que estávamos vivendo há pouco.

Valorizamos quem sabe ganhar dinheiro, mas não quem soube nos fazer feliz.



Lampião de Gás

Cada vez que se pensa na cidade de São Paulo de antigamente, automaticamente vem à cabeça a música *Lampião de Gás*. Esses versos simples resumem uma época que não conhecemos, na qual a cidade era mais humana e charmosa.

Essa valsa nostálgica foi composta por Zica Bergami que viveu, no seu tempo de criança, o final dos lampiões de gás em São Paulo e a substituição pelos postes de luz elétrica. O último lampião foi apagado em 1936.

Zica nasceu em Ibitinga, mas veio bem criança morar em São Paulo, a tempo de ver a luzinha verde-azulada que lhe serviu de inspiração. Não só para a música, mas também para os seus desenhos, atividade pela qual ela recebeu muitos elogios e até prêmio no exterior.

Com 45 anos, Zica tomou coragem e foi com uma amiga até o estúdio da TV Record me procurar durante o ensaio com o maestro Hervé Cordovil, compositor e arranjador de várias músicas que eu canto até hoje.

Ela apareceu na porta do estúdio, muito elegante e bonita, e disse que tinha feito uma música para mim. E eu olhei, achei estranho, porque não parecia uma compositora, tinha mais jeito de fã em busca de autógrafo. Aí, ela abriu um papel com uma letra cumprida, e falou:

Inezita, tomei coragem e resolvi trazer essa música que eu fiz para você. É uma canção falando de São Paulo antigo, que eu cheguei a ver e tenho muitas saudades. Eu trouxe a letra e a partitura.

Peguei o papel, agradei, e dei uma lida rápida porque eu estava atrasada no ensaio.

O Hervé pegou a partitura para estudar.

Depois de um mês, eu e o maestro Hervé Cordovil estávamos de novo no estúdio da Record, agora para gravar o LP de 12 polegadas, o meu primeiro. E só faltava uma música.

Eu estava péssima, com febre de 39°, gripada, com nariz fanhoso, daí Hervé disse:

– *Falta uma música! Eu tenho que entregar isso! Como é que vai ser?*

– *Olha, eu não sei, eu não sei, estou me sentindo mal.*

– *Vamos gravar a música daquela senhora!* – disse ele. *Lampião de Gás.*

– *Mas Hervé, eu não sei nem de cor a letra...*

– *Você pode cantar lendo!*

E tinha um coralzinho, o Coral de Ouro da Record. E o Hervé pediu a eles que fizessem um contracanto assim, ó: *Lá-rá-rá-rá*. E o coral ensaiou ali na hora, e foi praticamente de ouvido a gravação do *Lampião de Gás*.

E desde que saiu o disco, essa é uma das músicas que têm que estar em quase todo *show*. Virou também tema da cidade de São Paulo antiga, e uma das minhas marcas principais.

Eu gravei nessa época um LP com composições de várias compositoras, e músicas muito boas. Eu mesmo nunca compus. Precisa ter o coração puro para criar uma música. O que fiz foi recolher músicas pelo Brasil.

Fiz uma única música, era de São João. Muito *simplinha*. Eu guardei numa gaveta e esqueci lá.

(Mas a gente achou)

Noite de Junho

Inezita Barroso

*A lua brilha medrosa
E a garotada
Correndo pela calçada
A fogueira queimando no chão
Outro fogo no meu coração
Um delírio de cores no ar
E essa noite custando a passar
Noite de junho, garoa da madrugada
Cinzas no chão, cinzas no meu coração
Veio a manhã devagar, e a escuridão começa a sumir
Noites de Junho não deviam existir
Mas a história se repete,
e o fogo cada noite mais devora
Lua vai descansar
Garoa vai se embora
Vento leva as cinzas
Para outro lugar
Noites de Junho, garoa de madrugada
Cinzas no chão
Cinzas no meu coração
Veio a manhã devagar, e a escuridão começa a sumir
Noites de junho, não deviam existir*



Inezita e Zica Bergami



O Caipira

Sou chamada muitas vezes de Dama da Música Caipira, a Rainha da Cultura Caipira, Princesa Caipira e vai por aí. Se o evento tem alguma ligação com a cultura caipira eu sou convidada, e gosto muito disso.

Mas sempre senti falta das pessoas valorizarem esta cultura aqui em São Paulo.

A cidade tem centros de tradição gaúcha, mineira, nordestina, mas a paulista não. Parece que o paulista tem vergonha da sua cultura.

Quando eu era criança aprendia desde o primário cantigas de roda, músicas folclóricas. Eu cantava o *Luar do Sertão*, do Catulo da Paixão Cearense, até o hinos brasileiros e de São Paulo. Você olha a televisão e vê no início dos jogos de futebol, o hino tocando, e os jogadores com a cabeça abaixada ou mascando chicletes.

Nos outros países não é assim, você vê jogador europeu, africano, asiático cantando com o orgulho o seu hino.

Poderíamos aprender na escola novamente as músicas e histórias folclóricas e, recuperar um pouco as nossas raízes. Tem histórias lindas dessa herança caipira como essa cultura que vem desde Cornélio Pires que foi músico, poeta, conferencista, folclorista, contador de *causos*. Ele foi o primeiro a gravar um disco, em 1928, com a autêntica música do caipira com essa linguagem do homem do campo.

A partir desse disco pioneiro as gravadoras passaram a se interessar por esse estilo, aparecendo pela primeira vez os gêneros Moda de Viola, Cateretê, Catira, Cana Verde, Corta Jaca, Toada Paulista e outras.

A gente olha muito para fora, tem que olhar pra dentro.

É um buraco negro na cultura paulista. Parece que temos vergonha da nossa cultura caipira. Tem orquestras de viola de Osasco e Vale do Paraíba, mas é pouca coisa para um Estado tão grande, com milhões de habitantes.

Na vida inteira eu ganhei um terço do que os outros artistas recebem porque sou cantora de música caipira.

Quando vão fazer um *show* e alguém fala: *convida a Inezita*, eles falam:

– *Ah não, é música caipira...*

A vida toda eu tive que ouvir isso.

Não admitem que a gente cante com a letra original, com a concordância errada e com a pronúncia caipira, com *ôce, marvada, pra mor de*.

Ninguém estranha tanto a pronúncia nordestina ou mineira, mas o caipira... É uma elite burra, que reclama desse sotaque, não uma elite cultural.

Eu falo *porrrta, guarrda*, e não mudo.

Até ensino meus bisnetos.

Esses dias fui a Piracicaba ver meu bisneto de 2 anos e ele me disse com todos aqueles erres do interior:

– *Vó, guarda esse urrrso pra mim.*

Eu fiquei tão feliz que pulei da cadeira e dei um beijo nele. Depois ele aprende o certo na escola.

Quando eu era criança meus primos vinham do interior para estudar em São Paulo, e eu ouvia aquele sotaque, *ôce*, e eu achava tão lindo. Na minha família a gente ri muito ainda com isso. Porque era um modo afetuoso de nos unir mais ainda pela nossa história e pelas nossas raízes.

Antigamente a gente ainda ouvia esse modo de falar na rádio como nos programas do Nhô Totico, radialista paulista, que, nas décadas de 1930 e 1940, tinha um programa de humor com histórias e *causos* caipiras que faziam muito sucesso.



Mas foi Monteiro Lobato, o escritor do *Sítio do Picapau Amarelo* e tantos livros infantis e adultos com as histórias do interior do Vale do Paraíba, que acabou reinventando essa história do caipira e pegou. Mas resultou numa coisa má, que é o homem do interior de São Paulo ter tido vergonha de ser chamado de Jeca Tatu.

Ele criou um anúncio usando o personagem Jeca Tatu que era preguiçoso que ficava só dormindo, e andava descalço pegando tudo quanto era doença. Aí ele tomava um fortificante que era muito anunciado em almanaques de farmácia, que existiam desde 1920 até 1960, e o Jeca melhorava, ficava forte e voltava a trabalhar.

Era apenas uma propaganda, mas a imagem pegou. Erradamente o Jeca Tatu passou a representar o caipira em geral, como disse Cornélio Pires.

Sem querer, o Monteiro – criando esse personagem que era vagabundo – estimulou um preconceito que existe até hoje.

Ele fez uma coisa que não era para ser pejorativo, mas acabou ficando. Não era essa a intenção, era um anúncio, uma propaganda. Mas o termo caipira acabou virou xingação. A mulher malvestida virou: *Olha que mulher caipira! Olha que sujeito preguiçoso, é caipira!*

Esse sujeito é Jeca.

E na verdade esse homem da fazenda trabalha tanto e não tem nada de preguiçoso.

Claro que não era essa a intenção do Monteiro Lobato. Ele foi um dos nossos mais importantes escritores. E preocupado com os problemas no campo, e os problemas brasileiros em geral. Mas as pessoas não diferenciaram a propaganda da realidade.

Como escritor foi buscar as histórias do nosso folclore, e criar nossos próprios heróis infantis. Monteiro trouxe essas figuras brasileiras para o universo da imaginação das crianças.

O Saci, por exemplo, que ideia que ele deu dessa figurinha, sem pichar e sem endeusar muito, você fica sem definir se era maldoso ou só uma criança levada, que gostava de fazer travessuras. Tão meigo e tão lindo.

Eu gostava muito dos livros do Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho*, *As Caçadas de Pedrinho*, *Emília no País da Gramática*, *Memórias da Emília*, *O Poço do Visconde*, li tudo umas 40 vezes, *Reinações de Narizinho*. Teve até um dia em que estava chovendo e eu não queria ir à escola, queria ler. Eu encostei o termômetro na lâmpada, e ele foi para 38 e 39 °C, e aí gritei:

Tô com febre!

Minha mãe me fez passar o dia todo na cama, e eu malandramente, fiquei lendo os livros do Monteiro Lobato...

As crianças de hoje sonham pouco, só computador, muita coisa exata, seria bom recuperar essa nossa literatura. Tem saci, tem curupira, tem mula sem cabeça, não precisariam ter que engolir esta história de *halloween*...

Mas dessa mesma região do Monteiro Lobato, o Vale do Paraíba, surgiu outro artista talentoso, o ator e diretor de cinema Amácio Mazzaropi. Inspirado no mesmo Jeca Tatu, ele criou o Jeca, um caipira esperto, que na sua simplicidade consegue vencer os obstáculos que aparecem. De certa forma ele dá o troco ao personagem da propaganda dos almanaques, e recupera de certa forma a sua imagem.

Eu conheci o Mazzaropi, era uma pessoa boa, que fez rádio, teatro, circo, TV e que com o linguajar caipira e o jeito desengonçado de andar acabou conquistando todo o público brasileiro.

O Mazzaropi era um homem simples que criou um império cinematográfico em cima da história do caipira. Sua mãe, Dona Clara, sempre esteve presente na vida dele, e até cozinhava para a equipe dos seus filmes. Ele escrevia, dirigia e representava nos filmes. E todos eles foram sucesso de bilheteria. Montou um estúdio em Taubaté e arrendou parte dos equipamentos da Vera Cruz para produzir seus filmes. Se fizer hoje um festival do Mazzaropi, os cinemas ainda ficam lotados.

E a imagem do caipira que ele criou continua firme na imaginação das pessoas.

Há pouco tempo dei uma entrevista em que falava sobre as coisas simples da vida, e da sabedoria do homem do interior que tem um tempo para parar, pensar, olhar o rio passando, as árvores e entender melhor a vida do que em uma metrópole agitada.

O caipira tem essa simplicidade e essa sabedoria para viver. Ele não gosta de complicar nada. Se tem nó no caminho, ele desata. Durante a vida ele não fica, a se bandear para um lado ou para o outro. Ele vai até o fim com suas convicções. Como é acostumado com a terra, ele sabe ainda tirar proveito do conhecimento com as plantas para comer e se curar. Ele tem o conhecimento que vem dos índios.

Esse conhecimento, assim como a música, está se perdendo, essa tradição vinha da transmissão oral. Não sou contra a modernização, mas por isso insisto que seria uma tragédia a gente perder todo esse conhecimento acumulado da cultura caipira em várias áreas, e vejo como uma das soluções que as crianças passem a aprender na escola, e que os pais não que percam a oportunidade de colocá-las em contato com essas coisas tão nossas.

Assistir a uma Folia de Reis ou Catira, ouvir uma moda de viola, comer um bolo de fubá, um arroz tropeiro, um frango caipira, e tomar um quentão, uma xícara de café com leite em uma estradinha do interior, já pode ser um início.



Folclore – as origens da Moda de Viola

A paisagem normal do nosso dia a dia são os prédios, as ruas entupidas de carros, as informações que nos vêm incessantemente pelo rádio, pela TV, pela Internet. As pessoas correm o tempo todo ou jazem imobilizadas à frente de um computador cada vez mais absorvidas pelas imagens fantásticas criadas a cada segundo. O lazer se confunde com os passeios simétricos pelos corredores de um supermercado, ou pelo andar sem destino, mas com olhos atentos e bolsos excitados pelas avenidas de um *shopping center*.

Somos paulistas, baianos, gaúchos, americanos, europeus, nigerianos, japoneses. A paisagem é a mesma em todo lugar. Cada vez mais nos tornamos iguais, não em direitos e benefícios, mas no modo de viver e ver o mundo.

Na verdade somos seres humanos, com histórias e culturas diferentes. Essa homogeneização só é boa para a distribuição rápida de produtos, para o consumo, para a padronização de pensamentos, e empacotamento de ideias.

No meio dessa confusão, o que tem a ver o folclore, a música, a moda de viola, a catira?

Sem o folclore perdemos nossa identidade. É no folclore que está a base na nossa identidade cultural. Quem não tem história, quem não conhece o passado, as suas raízes, não consegue responder o porquê de sermos deste ou daquele jeito.

Por isso fui fundo estudar o nosso folclore. As pesquisas de Mário de Andrade, minha vida no interior, as viagens com meu marido para o Nordeste, os cursos e as viagens com meu jipe pelo interior do País, tudo me fazia estudar e entender mais as coisas do Brasil.

Veja por exemplo a história da Catira. A Catira era a dança de lazer dos peões que acompanhavam os Bandeirantes nas expedições desbravando o Brasil. na maioria índios.

Todos os lugares onde os Bandeirantes pararam por algum tempo, depois viraram núcleos habitacionais. Você vê no mapa todos os lugares em que os Bandeirantes acampavam tem catira.

Durante aquelas longas viagens pelo Brasil, que duravam anos, todo dia a tropa parava às quatro da tarde para o jantar: carniinha e feijãozinho e tal, e depois o que fazer?

Eles iam contar *causos*, tocar viola e dançar.

E a Catira era estrela. Faziam os estrados de madeira e dançavam em cima. Portanto tem fortes traços indígenas. Hoje tem catiras mais jovens.

O que mudou?

Você pode ter uma evolução desde que não mexa na raiz. Naquela época eles não falavam de amor porque era pecado, e os padres não deixavam e os índios não gostavam de falar nesse assunto, mexeu com mulher de índio tava morto.

Hoje tem o tema de amor. É uma evolução permitida. Tem até Catiras dançadas por mulher, antes nem chegavam perto. É bonito, mas mudou a feição da dança, é pezinho de mulher, a coreografia mudou, é mais delicado. Mas não produz aquela percussão das botonas com espora dos caboclos, é bem diferente.



É a coreografia?

Os passos da dança têm muita influência da península Ibérica, tem semelhança com a dança dos gaúchos, mas o modo de bater palmas do Sul é mais elegante, eles dançam e batem palma com uma postura mais ereta.

O índio dançava todo curvado na altura do joelho, porque imitava animais. Era essa a tradição. A dança gaúcha tem mais influência da península Ibérica, Portugal e Espanha.

É como a música caipira vai buscar nessa fonte?

A nossa música é caipira, é musica rural, é uma música que alterou muito pouco com o tempo, a moda é a primeira manifestação brasileira de música no País.

A influência é indígena e espanhola porque os nossos jesuítas eram espanhóis, com exceção do padre Manoel da Nóbrega, que era português.

Nossa cultura paulista é espanhola e indígena. Os espanhóis eram os professores jesuítas que rezavam a Missa no Pátio do Colégio, em espanhol. Na missa o que se destacava eram os Corais, com peças em espanhol que eram aprendidas pelos indiozinhos que amavam música, e esse era um ponto importante na catequização. Os temas eram de cultura espanhola, muito pouco portuguesa, a cultura portuguesa teve mais influência no Sul.

É os primeiros temas da nossa música caipira?

Sabe as sabatinas que os jesuítas faziam com os índios? Quando um índio ia contar uma história do que aconteceu com ele na mata, tinha que contar com todos os detalhes. Se ele viu uma onça, como foi, como ela era, se fugiu, atacou, o que ele sentiu, a hora em que ela foi embora. E o mais que ele quisesse colocar na história. Por isso muitas músicas caipiras são longas, cheias de detalhes, é uma tradição que ficou, uma longa história contada e cantada.

Quando chegou o disco, esse tempo diminuiu, teve que se adequar ao tamanho da faixa, ao tempo padrão das rádios.

E os temas, como não podia falar de amor, o que vai falar? Falavam do cavalo, da plantação, de acontecimentos que eles presenciaram e foram carregados de emoção. Uma das músicas que mais gosto é um exemplo desse tema: *Boi Soberano*, de Carreirinho, que fazia dupla com Tião Carreiro.

A história é sobre uma boiada que estava sendo levada para Barretos. Eram centenas de bois. Um pouco antes de chegarem à cidade houve um estouro da boiada que acabou entrando em disparada pelas ruas. Foi todo mundo correndo de um lado para o outro e os boiadeiros não estavam conseguindo acalmar os bois.

Na frente da boiada ia um boi muito grande e preto, que já tinha dado muito trabalho para o dono. Todo mundo sabia que o boi era muito bravo.

Nas ruas da cidade todo mundo escapando, mas um menino pequeno, que atravessava a rua, acabou caindo bem no meio dela, exatamente por onde a boiada vinha vindo. O pai viu de longe a cena, mas não ia conseguir chegar a tempo para salvar o menino.

Porém, esse nosso boi, o Boi Soberano, estancou na frente do menino e com seus chifres impediu que a boiada passasse por cima do garoto. O pai quando viu que seu filho havia sido salvo, caiu ao chão emocionado, e gritou:

“Esse boi salvou meu filho, ninguém mata o Soberano!”

É linda a história. Ela tem conteúdo tem verdade, muitos já viram algo parecido. É isso que eu falo da diferença da música caipira de raiz, de outras músicas, que são apenas da moda, que duram um pouco e somem, ninguém lembra mais. *O Boi Soberano* vai ficar para sempre.

Outro tema sempre presente é a casa que a gente deixou para trás, a vontade de voltar algum dia às coisas simples da vida, de morar no interior.

Veja por exemplo a música *Lá no Pé da Serra*, do músico e compositor Elpídio dos Santos, de São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba. Essa música é um clássico, quem nunca sonhou em ter uma casinha branca no pé de serra para morar com seu amor?

Ainda nesse tema da saudades da roça, outro clássico é a música *Paineira Véia*, de Zé Fortuna, que formava dupla com Pitangueira, os irmãos de Itápolis é outra obra-prima.

A história da vida de um caipira acompanha a do crescimento de uma paineira no meio do mato. Na sombra da árvore, ele se encontrava com a mulher amada, no tronco escreveu o nome dela. Ambos envelhecem juntos e a música termina assim:

Nascemos juntos paineira velha

Vamos morrer nesta união

De vossos galhos quero uma cruz

De sua madeira quero caixão.

Como a viola e o violão entram na dupla caipira?

No começo era só a viola. O violão vem bem depois. A viola é o instrumento querido, é o instrumento rei. Ela chega ao Brasil trazida de Portugal, onde era tocada na música erudita.

Essa guitarra portuguesa era diferente: tinha dez cordas, como nossa viola caipira de dez cordas. O Renato Andrade, músico mineiro, era um cobra na viola, e quando tocava o som, às vezes até lembrava um fado.

O instrumento lá era nobre, e aqui todo mundo queria tocar, mas importar ficava muito caro. Começaram a fazer em casa.

O mesmo acontece com a rabeca. Todo caboclo queria tocar violino, mas era caro importar. Aí começaram a fazer por aqui artesanalmente. Daí surgiu a rabeca.

A rabeca acabou virando um violino mais pesadão, mais grave que é para dança, e é mais difundido no litoral do Brasil. E a rabeca não é tocada com a elegância europeia, a rabeca você toca aqui embaixo, dobra o pescoço e olha para o chão. Sabe por quê? O caboclo tinha que olhar o pé para poder dançar junto, juro por Deus...

Quando começa o violão?

Foi com Raul Torres, no início dos anos 1940, quando eles começaram a cantar em rádio. A moda de viola só permite ser acompanhada por viola. Como eles também tocavam outros ritmos caipiras como toada, entrou o violão para reforçar.

Tanto que quando a dupla vai tocar uma moda caipira de viola, eles deixam o violão em pé do lado, e pegam a viola, porque em moda caipira é proibido entrar violão.

Por que a dupla canta com duas vozes?

Um sempre canta em uma terça abaixo. A razão disso vem desde a época dos corais dos padres. Eles atraíam os índios para catequizar por meio da música, os índios vinham na porta de igreja para ver as apresentações dos filhos, aquele sistema de ficar apoiado em um pé só, como o passarinho e a galinha, o outro pé na parede que nem nosso caipira. Assim a plateia ficava na porta e os padres convidavam para entrar e os índios se maravilhavam como todas aquelas vozes.

Eles nem conheciam a escala musical, tinham sons isolados de flauta indígena. Quando pegavam um coral e ouviam uma escala eles ficavam loucos, queriam imitar, mas não tinham consistência e lastro musical para isso. Então eles começaram a fazer só duas vozes a primeira e a segunda – uma sola: a mais fina, mais aguda e a outra vai uma terça abaixo, essa é a tradição.

Por todas essas razões separo a música caipira da música sertaneja.

A música caipira veio antes, é uma música que vem de religião, vem de jesuítas, vem de índios. É bem, bem antiga, tem ligações diretas com o nosso folclore. A viola é um instrumento que foi tocado aqui bem no começo do Brasil. E, depois, apareceu, bem mais tarde, a sertaneja.

Eu chamo de sertaneja essa que começou na década de 1950, com uma maneira diferente de interpretar, e acabou se perdendo porque não manteve a nossa identidade.

Alguns falam que isso aconteceu por influências externas, mas eu não concordo, nós sempre tivemos música de fora, mas nunca perdemos a raiz.

Essa música chamada sertaneja ficou artificial. Ela é só comercial. Não é popular, nem sertaneja, nem de raiz, não é nada. Devia ter outro nome. Eu não gosto, mas tem muita gente que canta muito bem dentro desse estilo.



A música que era chamada sertaneja com muita propriedade era a música nordestina, porque você diz *sertão* de Pernambuco, *sertão* do Ceará – e, aqui em São Paulo nunca se usou esse nome, muito menos para música.

Na década de 1930 no Rio de Janeiro, a música brasileira começa a misturar samba, marcha e os gêneros sertanejos como a embolada e a catira. E traz também a música de Luiz Gonzaga, cantor, compositor e sanfoneiro pernambucano, mais conhecido por *Asa Branca*. Gonzaga, o rei do baião, foi um dos principais divulgadores dos gêneros musicais nordestinos para o resto do País.

Essa é a verdadeira música sertaneja, porque sertão era um termo nordestino.



A Música Caipira: Outras influências

Viva México e a nossa música caipira

Até hoje eu escuto as músicas do cantor mexicano Miguel Aceves Mejia. Ele era o melhor intérprete dos temas folclóricos mexicanos, dos muitos cantores que vinham ao Brasil nas décadas de 1940 a 1960 e faziam muito sucesso nos circos do interior.

Nessa época o circo era como se fosse uma casa de *shows* com música e teatro.

As músicas eram tristíssimas, e as peças acabavam quase sempre em morte ou tragédia.

O Miguel vinha para os circos no interior não pisava na capital. Pagavam a passagem, descia no aeroporto e já tinha carro esperando pra levar pro interior. E depois ele se apresentava de circo em circo, durante meses

O forte dele era a potência de voz, cantava no duro, a seco, sem microfone. Tinha que soltar o vozeirão. O Mejia era semifolclórico, ele cantava músicas da terra e isso tinha muita identificação com o nosso Brasil Rural.

Houve uma paixão por essa música mexicana, talvez por causa de semelhanças de caráter, jeito de agir, de formação. Meu pai me levava pro circo e eu ia ver Pedro Vargas, Adelina Garcia, Elvira Rio, boleros e corridos. Eu gostava muito e cantava essas músicas só pra mim, não profissionalmente.

O povo queria ouvir, era um modismo bonito.

Se não viesse um cantor mexicano não era circo. De luxo ou mambembe,

circo bom, tinha que ter música mexicana com cantor em pé no picadeiro cantando e tocando sem microfone. Depois vieram os mariaches que acompanhavam o cantor. Com o violão gordo e um violão comum, fazendo quase o baixo e os instrumentos de sopro e aqueles *sombreros*.

As músicas do Mejia como *Cucurrucucu Paloma*, além de fazerem sucessos, influenciaram muitos músicos brasileiros como Belmonte e Amarai, Tibagi e Miltinho, e Pedro Bento e Zé da Estrada.

A dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, além de cantar versões de músicas mexicanas, passou a adotar também as roupas, misturando o chapéu caipira com os *sombreros*. Até hoje usam os grandes chapéus mexicanos nos *shows*, que chegam a três por semana.

Eles contaram em um programa *Viola, Minha Viola* que compraram o primeiro *sombrero* no interior de São Paulo, juntando três chapéus de palha um sobre o outro. Já eram as culturas caipira e mexicana se misturando. E depois também pegaram as lamentações dos mariachis, os *ui, ui* misturando com a música brasileira.

Isso se verificou também com a música paraguaia. A curta distância entre o Pantanal Mato-Grossense e o Paraguai aproximou nossas duas músicas e o modo de tocar os instrumentos.

Muitas dessas guaranias tinham as mesmas características nas letras, falando da vida rural e das histórias de saudades e romance da música caipira.

O *show* de música no circo era mexicano e caipira depois veio Lucho Gatica, outro cantor mexicano que fez muito sucesso aqui com os boleros. Tudo isso se mistura com a música brasileira e ela vai evoluindo. Sem nunca perder a identidade, ou a raiz. Essa é a diferença. Evolução não é mudança, não é a mesma coisa. Botar um instrumento estranho não é evolução.

Por isso no *Viola, Minha Viola* não tem bateria, guitarra e tecladinho. Isso não é evolução, é outra coisa. É para outro tipo de programa.

Um dia, eu quero estudar mais sobre esse sucesso. Ainda me dá muito prazer colocar na vitrola um daqueles discões do Miguel Aceves Mejia, e ouvir tranquila na sala, e cantar um pouco junto, só para mim.



Minha viagem de jipe

Em 1957, minha vida estava uma correria. Eu tinha programas de TV em São Paulo, na Record, e no Rio de Janeiro, na Tupi. Fazia apresentações com os Jograis de São Paulo, por todo o Brasil.

Era puxado, mas muito gostoso. Nos jograis estavam os atores Armando Bogus, Felipe Wagner, Rubens de Falco, Rui Afonso e Maurício Barroso. Eles declamavam poemas de Castro Alves, Ascenso Ferreira, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa. Era um passeio pelo Brasil e por nosso folclore ilustrados com os *slides* coloridos de Durval Rosa Borges e Dácio Almeida Cristóvão, criando efeitos de cores no palco.

E eu cantava músicas de Mário de Andrade, como *Viola Quebrada*, e *Funeral de um Rei Nagô*, de Hekel Tavares, uma das minhas primeiras músicas gravadas e uma canção que canto sempre.

Era um espetáculo diferente que não existe mais, misturando poemas e músicas brasileiras com atores e canto.

Mas no meio de tudo isso eu ainda tinha uma proposta de fazer um filme de Oswaldo Sampaio contando a história de Jovita, uma heroína brasileira do Nordeste que se veste de homem para poder participar da Guerra do Paraguai. Era um roteiro baseado em um conto da escritora paulista Dinah Silveira de Queirós, a mesma que escreveu *Floradas na Serra* e *A Muralha*, livros que ficaram muito conhecidos por causa da adaptação para a TV.

Bom, com tudo isso acontecendo eu resolvi pegar um jipe e viajar pelo Brasil, principalmente pelo Nordeste, e recolher um pouco da nossa memória naqueles lugares que na época ainda se mantinham puros em tradições.

Foram dois meses de uma longa viagem que passou por Cunha, ainda em São Paulo, desci depois para Parati, segui pelo interior do Rio de Janeiro por Angra, Petrópolis, Sapucaia, entrei em Minas por Muriaé, e depois Itaperuna, Varre e Sai, Guaçu, o litoral do Espírito Santo e depois o interior da Bahia.

As estradas eram muito ruins, mas eu estava sempre na direção do jipe, todo pintado de verde-amarelo, era um veículo especial doado pela Willis

6.200 quilômetros num "JEEP"

INEZITA BARROSO FEZ O RAID NUM JEPE, EM BUSCA DO FOLCLORE

A famosa intérprete da música brasileira, Inezita Barroso e seu marido, o ator Maurício Barroso, impulsionando um jeep, acabam de completar uma longa viagem em que percorreram mais de quarenta cidades de cinco Estados do Brasil.

Recolhendo folclore — Inezita, que recebeu recentemente o almejado «Siacy», como a melhor intérprete do cinema nacional no ano passado, prepara-se para um novo filme, «Jovita», que é a história de uma heroína cabocla da guerra do Paraguai, extraído o argumento de um conto de Dinah Silveira de Queiroz. Procurando integrar-se ao ambiente em que será rodado o filme, conhecer melhor os costumes e o povo daquela região, decidiu empreender essa longa excursão, que teria seu ponto terminal em Belém do Pará. Escolheu para isso, como veículo, um jeep que a Willys-Overland do Brasil gentilmente cedeu à artista.

Seu projeto inicial foi entretanto modificado em face de compromissos artísticos que reclamavam sua presença em São Paulo. A viagem teve que ser encurtada, tendo durado apenas um mês, voltando os dois artistas de Salvador da Bahia a tem-

fabricação inteiramente nacional.

— «Há inúmeras cidades por esse Brasil afora — relata a artista — em que não se vê outro veículo a não ser o jeep, além dos caminhões de longas viagens que por ali estacionam de passagem. Há jeeps fazendo até locação e táxi entre cidades, por estradas em que, além dele, só mesmo cavalo pode passar. Guacul, Natividade de Carangola, Varré-São, Nanuque, Conceição da Barra são algumas dessas cidades.

Inezita e Maurício gravaram, fotografaram, tomaram notas e recolheram muita excelente ma-

A falta de corda no coradouro Inezita Barroso põe a secar a roupa no jeep

INEZITA: MADRINHA
A IBESA inaugurou terça-feira, a loja de mercadorias de São Paulo, a «Exposição-Loja "Gelomatic"» e convidou para madrinha da bonita loja, Inezita Barroso, a admirável cantora folclórica brasileira. Inezita brilhou e até sapecou pra cima dos convidados uns pregões fabulosos que afinal constituíram o ponto alto da festa. Inezita brilhou.

No Cinema:
«Com o Sismo, o Colho» — baseado em personagens das crônicas de Galeão Coutinho publicado na «A GAZETA», Miroel Silveira e eu ganhámos os prêmios de roteiro «Governador do Estado» e «Saci». Filme dirigido por Cavalcanti. Também com Cavalcanti, fiz o roteiro da «Mulher de Verdade», que deu a Inezita Barroso o título de «A atriz do ano».

7.5.37
Gazeta Esportiva

Overland, para a viagem. Era um dos primeiros veículos com peças brasileiras. A indústria do automóvel nacional estava começando.

Do litoral, fui entrando para o interior passando por Nanuque e outras cidades bem pequenas, com a estrada sempre pior, mas indo em frente. Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana até Salvador.

Na estrada, o pessoal achava estranho ver uma mulher dirigindo um jipe, mas depois eles se acostumavam e nas paradas intermináveis por causa das condições do trecho de terra, os motoristas daqueles caminhões até dividiam café, carne seca e muita conversa comigo. E eu pegava o violão e cantava para eles, mas continuava sempre atenta, ouvindo e anotando as histórias, e as músicas.

Um dia me perguntaram sobre aquelas músicas que eu cantava e o que era folclore. Um dos motoristas que tinha parado, um dos mais falantes, arriscou uma opinião que eu me lembro até hoje:

Folclore — disse ele — é tudo o que é nosso, autêntico, sem nenhum dono definido, simples, brasileiro.

Ao que o outro que havia perguntado respondeu:

Uai, se é tão simples por que tem nome estrangeiro?

Estas eram lições de sabedoria popular que eu ia aprendendo no caminho.

As paradas para pôr combustível também eram longas. Os postos daquela época eram aqueles em que ainda se bombeava a gasolina manualmente. Em uma parada dessas eu reparei em um velhinho que enquanto varria o chão ia cantarolando uma modinha que eu nunca tinha ouvido.

Cheguei perto e comecei a tomar nota. Ele, todo sem graça, ia se afastando, mas continuava a cantar. Era uma capoeira, que depois descobri ser muito conhecida nessa região da Bahia.

A capoeira era mais ou menos assim:

Se a piaba nada

Eu quero nadar

Se andorinha voa

Eu também quero avoar

Menina diga a teu pai

Que faça as conta comigo

E se não tiver dinheiro

Que pague a conta contigo

O resto não sei porque na hora passou um caminhão grande, um *Fenemê*, FNM, fazendo barulho, espantando o velhinho e não me deixando ouvir.

Eu levava um gravador muito velho, italiano, com fio de aço, a marca era Gelo, mas era muito difícil encontrar tomada e luz elétrica naquele interior-zão. Por isso eu levava um caderno com pauta musical e ia anotando a música, depois pegava a letra.

Eu recolhi coisas lindas. Outra vez quando estava passando por um pequeno vilarejo à beira da estrada, e vi crianças brincando de roda em um terreno do lado de casas pequenas onde eles moravam. Parei o jipe e cheguei perto para ouvir e anotar.

Essa cantiga de roda é conhecida até hoje e eles cantavam assim:

A rosa vermelha

é meu bem querer

meu amor está doente

mas não está para morrer

E assim foram várias preciosidades que eu anotei nesse meu diário de viagem. A volta teve que ser meio apressada porque eu ganhara pela terceira vez o troféu Roquette Pinto, o mais importante na época para os artistas de rádio, TV e da música, e tinha que estar na festa de entrega.

Voltei para São Paulo, toda animada com o material que tinha recolhido. Queria mostrar para as pessoas, gravar um disco, usar nos programas de TV, até fazer um livro ou publicar uma grande reportagem sobre esse precioso material de folclore brasileiro.

As respostas que eu fui recebendo de gravadora, de TV, do rádio foram mais ou menos assim:

Ah, vamos ver, vamos ver...

Talvez mais para frente...

É muito importante, mas não agora.

Vamos ver, vamos ver...

De tanto *vamos ver*, fiquei entupida de raiva. Vieram-me à cabeça todas aquelas lutas contra a perseguição por só fazer música brasileira e ligada a nossa verdadeira cultura popular. Guardei aquela raiva dentro de mim.

Tentar divulgar nosso folclore era e ainda é muito difícil no Brasil.

Mas fui receber o Roquette Pinto. Era o prêmio mais importante do rádio e da TV da época.



Os prêmios

Ganhei ao todo seis prêmios Roquette Pinto de 1954 a 1959. Depois do sexto pelas regras da premiação não se podia ganhar mais. Em 1960 recebi um definitivo, e entrei para a galeria dos *hors concours*, não poderia concorrer mais.

O nome Roquette Pinto era uma homenagem ao *Pai do Rádio*, que foi o fundador da primeira emissora brasileira no Rio de Janeiro e que sempre acreditou que ela seria um ótimo instrumento de divulgação para a cultura e educação. Justa homenagem, portanto. E o troféu era um papagaio estilizado, porque veio de uma antiga homenagem que se fazia aos radialistas, e simbolizada pela ave mais falante: o papagaio.

O prêmio era anunciado como os melhores *do sem fio e vídeo de São Paulo*. O rádio e a TV ainda estavam definindo seu espaço junto ao público.

Quem escolhia os premiados eram jornalistas e cronistas especializados que tinham colunas sobre rádio e TV em jornais e revistas como *O Estado de S. Paulo*, *Última Hora*, *Gazeta Esportiva*, *O Dia*, Diários Associados, que tinham o *Diário de S. Paulo* e o *Diário da Noite* e as revistas *7 Dias na TV*, *Radiolândia*, *Revista do Rádio*. Eram jornalistas como Liba Friedman, Mario Julio Silva, Egas Muniz, Carlos Maria do Araújo, gente de peso na crítica, que durante muito tempo escreveu sobre rádio e TV.

A notícia com a lista dos laureados saía em todos os jornais e revistas e as pessoas acompanhavam com curiosidade para saber quem eram os premiados do ano.

Nesse ano eu ganhei o prêmio de melhor cantora de televisão. O melhor cantor foi o Roberto Luna da TV Paulista; melhor ator humorístico foi o Ronald Golias, ele mesmo que alegrou a TV por dezenas de anos. Ainda teve o Nilton Travesso, melhor diretor; Randal Juliano, apresentador, Idalina de Oliveira, garota-propaganda, antes não tinha tanto anúncio na TV como hoje, quem vendia os produtos eram as garotas-propagandas.

No rádio nesse ano de 1957 os melhores cantores foram Ângela Maria e Agostinho dos Santos, e o prêmio de revelação foi para Maysa Matarazzo, como cantora, e Germano Mathias, como cantor.

A premiação acontecia com uma grande festa no Teatro Cultura Artística, comandada por Blota Junior, que depois apresentou os grandes Festivais da Record. Na primeira parte era a entrega dos papagaios, o símbolo do prêmio, e na segunda todos os premiados participavam de um grande *show*.

O ano estava animado, porque ainda recebi o prêmio de melhor cantora folclórica do II Festival Brasileiro do Disco, escolhido pela crônica especializada da indústria fonográfica.

No meio de tudo isso eu gravava o meu terceiro LP *Vamos Falar de Brasil*, que seria lançado no início de 1958 e resumia um pouco a minha vida de



cantora até ali, e conseguia lançar várias compositoras, uma delas Zica Bergami, autora da música desconhecida até então, *Lampião de Gás*, que eu falo antes no livro como a conheci.

As outras músicas eram:

– *Retiradas*, de Osvaldo de Souza, inspirado em um aboio nordestino, Essa música inclusive era o tema do prefixo do meu programa na TV Record.

– *O Peixe-Vivo*, famoso motivo mineiro recolhido e adaptado por Rômulo Pais e Henrique de Almeida, que virou tema do presidente Juscelino Kubitschek.

– *Engenho Novo*, tema folclórico nordestino adaptado por Hekel Tavares, É um gênero que chamamos de coco ainda bem conhecido.

– *Zabumbas de Nego*, um jongo de Hervé Cordovil, que eu gravei pela primeira vez.

E a última do lado A, em disco tem lado A e B, não é como CD, com um lado só, eu gravei *Ismália*, uma poesia de Alphonsus Guimarães, um desses poemas que a gente lia e analisava mecanicamente na escola, virou música em Recife quando foi adaptada pelo Capiba, o grande mestre pernambucano, que me empurrou para o rádio. Eu já apresentava essa música nos espetáculos com os Jograis de São Paulo, nos teatros e resolvi levar para o disco.

No outro lado do disco as músicas eram:

Festa do Congado, foi a primeira música gravada da compositora Juraci Silveira. O tema era uma congada do interior de Minas. Juraci é uma compositora carioca, que tinha uma ligação grande com as tradições mineiras. Eu a conheci em um *show* que dei no Rio. Ela sabia em que hotel eu estava, me ligou um dia e cantou por telefone essa música. Fiquei maravilhada e resolvi gravar.

Temporal, de Paulo Ruschel, o compositor gaúcho, é uma canção sobre a dura vida dos pescadores.

Luá, Luá, uma cantiga de feiras, que conta as histórias de um cangaceiro, do compositor cearense Catulo de Paula.

Azulão, música de Jaime Ovale e versos de Manuel Bandeira, que já era sucesso entre o público, mas que eu gravei pela primeira vez.

Seresta, de Georgina Melo, mais uma obra de compositora.

A Moda da Pinga, incluindo novas estrofes que não tinham aparecido na primeira gravação.

Resumindo, o disco tinha músicas regionais e folclóricas de vários locais do País, lançava composições de mulheres, o que não era comum, e tinha no meio de todas elas, escondidinha, a música que talvez seja o meu maior sucesso: *Lampião de Gás*.

Diários de Inezita

Sempre falaram muito da minha memória para os fatos que aconteceram na minha vida. Dificilmente eu erro uma data, e me lembro do nome de pessoas que conheci há mais de 50 anos.

Talvez eu tenha desenvolvido essa capacidade fazendo os meus diários de recortes.

Acho que ficou uma mania.

Começou com sete anos de idade. Um tio que era desenhista me presenteou com um álbum com trabalhos dele. Gostei tanto que guardei com todo carinho em lugar especial só para mim. Com o tempo resolvi colar alguns recortes, os primeiros que tinham saído sobre mim em um jornal. Estamos falando em 1931, e eu tinha seis anos. Minha mãe comprava para mim as revistas e também tinha os jornais de casa.

Os primeiros recortes eram sobre as apresentações que eu e outras garotinhas de família, que se conheciam, fazíamos nos chás beneficentes organizados por senhoras da sociedade nos salões, que ficavam em grandes magazines como o Mappin, ou em clubes, como o Germânia, hoje Pinheiros.

Era o chá das quatro horas. Era um conjunto de meninas que se apresentavam. Eu já cantava e tocava violão que comecei a aprender escondida, aos seis anos, com a professora da minha tia naquele casarão onde hoje é o colégio Carlitos.





Depois fui colecionando documentos, cartas, bilhetes que recebia nos locais em que trabalhei. O fato de gostar muito de ler e acompanhar os jornais e revistas me ajudou bastante no trabalho de arquivar todos esses documentos com técnica, colocando as referências, a data e publicação, acrescentando um índice em algumas páginas.

A partir da década de 1950, quando começo a fazer rádio, TV, cinema e gravar discos, os recortes se multiplicam.

O Álbum número 4, por exemplo, vai de 1957 a 1959. Nele estão principalmente os dois discos que gravei nessa época *Vamos Falar de Brasil* e *Inezita Apresenta*, nos quais gravei só músicas de compositoras. Esse fato gerou muita notícia e o *Vamos Falar de Brasil* acabou ganhando muitos prêmios. Então tem os recortes das premiações do Roquette Pinto, do Disco do Ano.

Vão aparecer também cartas da Panair e da Aerovias parabenizando-me por *shows*, que eu acabava fazendo por todo o Brasil e me tornei figura frequente naqueles aviões a motor da década de 1950.

No meio de tudo isso aparece uma carta do Governador Jânio Quadros, me convidando para uma recepção ao presidente de Portugal, Francisco Craveiro Lopes, claro que no meio do convite sempre tinha um pedido para cantar:

... Este governo sentir-se-ia honrado se executasse na ocasião alguns números de seu brilhante repertório, em homenagem aos nossos ilustres hóspedes.

Na expectativa de que aquiesça em comparecer e promover o recital solicitado, apresento-lhe com os meus melhores agradecimentos, o testemunho de meu alto apreço.

Jânio Quadros

Governador de São Paulo

10 de junho de 1957

O presidente Jânio era uma pessoa muito educada e gostava de música assim como o seu antecessor, o Juscelino Kubittchek, que, entre muitas coisas, construiu Brasília.

O meu amigo, maestro e compositor Hervé Cordovil, com quem eu trabalhava muito, era mineiro, e conhecia todos os músicos de Belo Horizonte e também o Juscelino, e foi ele quem me apresentou.

O Hervé um dia me falou:

Você precisa um dia ir para Minas conhecer os músicos de lá e também o Juscelino! Na época ele era governador e gostava de música, tinha aprendido violão com o Dilermando Reis, compositor e um dos melhores violonistas brasileiros.

Talvez pouca gente saiba, mas ele tocava bem violão e cantava. As pessoas sabem mais das histórias dele como pé de valsa, grande dançarino dos bailes de Belo Horizonte, do que como cantor.

Juscelino ia de tempos em tempos com os amigos e músicos a Ouro Preto e fazia serestas junto com a estudantada toda. E foi nessa época que eu o conheci, quando ele ainda era governador e nem sonhava em ser presidente.

Anos mais tarde recebi um telefonema em casa:

– *É Inezita?*

Falei: *É.*

– *Aqui é o Jussa.*

Esse era o apelido dele, Juscelino era Jussa ou Nonô, os mineiros sabem. E eu pensando que era trote, falei:

– *Ora, vá caçar sapo!* E bati o telefone.

Ligou de novo:

– *Inezita, aqui quem fala é o Juscelino.*

Ai eu já comecei a amansar.

– *Não fica brava, não, estou ligando porque eu queria dar uma reunião aqui no Palácio...*

Nessa época ele já era presidente do Brasil.

– *E queria chamar o conjunto Madrigal (que era um coral de Belo Horizonte) e você para a gente fazer uma noitada aqui no Rio de Janeiro (onde ficava o palácio do governo federal).*

Aí, a tonta aqui comprou o maior vestido a rigor, um saltão, me arrumei e fui para o Rio. Quando chego ao Palácio, começaram a abrir as portas, eu fui entrando, mas não tinha ninguém me esperando, só aqueles guardas perfilados.

Fui preparada para uma festa de gala com aquelas pessoas todas chiquíssimas, e fui ajeitando o cabelo e o vestido para entrar no salão.

Quando atravessei a porta, lá estava o presidente sentado sem sapato, de meia, com os pés cruzados, só com a família e o Madrigal todos bem relaxados, sentados em cadeiras e no sofá. Ele se levantou e falou:

– *Vai entrando, minha filha, pode tirar o sapato, que eu sei que você morre de dor no pé, também...*

Foi uma noite maravilhosa! O conjunto Madrigal tinha vindo de avião de Belo Horizonte. Só eles, eu, o presidente Juscelino e Dona Sara. A cantoria foi animada até às três horas da manhã, todo mundo cantando e tocando, foi muito bom.

Mas essa história não saiu nos jornais, por isso não consta do álbum de recortes, foi só um encontro informal e alegre entre amigos.

Voltando aos álbuns, tenho mais de 20 cadernos destes que guardo até hoje, sempre bem conservados.

No livro 5 que cobre os anos seguintes de 1960 a 1962, vai aparecer muito a minha saída da TV Record, o meu contrato acabou em 1962, eu falo disso em outro capítulo. Há muita notícia também sobre o disco *Danças Gaúchas*, que eu tinha gravado antes em 1956, mas apesar da boa qualidade artística, ele tinha problema técnico, e era de 10 polegadas e agora eu tinha gravado em 12". Eram os primeiros LPs, *long play*, ainda não de alta fidelidade, como conheceríamos depois, e que as novas gerações do CD nem chegaram a ouvir.

O disco foi um grande sucesso e recebeu muitos prêmios, principalmente por reunir canções importantes do rico folclore gaúcho.

Todas elas são de Barbosa Lessa e Paixão Cortes, dois compositores e músicos gaúchos que também participaram do primeiro disco, que tinha acordeão, rabeca e violão.

Neste novo lançamento de 1961, as músicas vêm com arranjos e regência de Hervé Cordovil, e, apesar da grande orquestra, as características regionais das músicas não se perderam.

Entre essas dez músicas de *Danças Gaúchas*, estão clássicos que até a criança cantava há pouco tempo:

Pezinho

Ai bota aqui

ai bota aqui o seu pezinho

o seu pezinho bem juntinho com o meu

e depois não vá dizer

que você já me esqueceu

ou **Balaio:**

Balaio, meu bem, balaio

Sinhá,

Balaio do coração

Moça que não tem balaio

Sinhá

Bota a costura no chão

Isso é muito gostoso de cantar.

Sobre o lançamento desse disco, há um recorte de setembro de 1961, na revista *AABB*, de M.D., que diz:

Inezita interpreta com tanta propriedade o folclore gaúcho que não exageraríamos em afirmar, que em Danças Gaúchas é o próprio Rio Grande do Sul que canta pela sua boca.

Ah, eu tinha que guardar esse recorte.

Sempre montei cada um dos álbuns sozinha, e essa dedicação tem muito a ver com a minha formação de bibliotecária, de gostar de pesquisa, uma coisa influenciou a outra.

De vez em quando eu retomo para ler. Os últimos anos estão desorganizados ainda, e os mais antigos descolaram alguns recortes. Quando tiver um tempo ainda vou deixá-los em ordem.

Nesses tempos de homenagem pelos 30 anos do *Viola, Minha Viola* e por meus muitos anos de carreira, muita gente vem em casa querendo conhecê-los.

Os meus amigos olham com curiosidade, mas daqui não saem.

Além dos álbuns de recortes, tenho ainda os arquivos com as músicas que recolhi pelo Brasil, fazendo pesquisa durante todos esses anos. São cantigas de roda, pregões, cantigas de ninar. Tenho tudo organizado, algumas músicas dessas já apresentei no *Viola, Minha Viola*.





As grandes mudanças dos anos 1960

Apesar de todos os prêmios, sucesso com os discos e as apresentações com os Jograis por todo o Brasil, eu sentia que as coisas estavam mudando. Os programas de TV como o meu estavam desaparecendo, não havia mais programas com um artista só. Os ritmos eram outros e a música internacional ganhava cada vez mais força.

No rádio, os auditórios tinham acabado e os cantores com potência e qualidades de vocalização, o vozeirão já não eram mais valorizados, os recursos técnicos de gravação começavam a suprir essas deficiências.

Os anos se passaram e aquele material que trouxera das minhas pesquisas de jipe pelo interior do Brasil permanecia comigo sem editor para um livro ou para um disco.

Fiquei pensando: *Vou embora. Não me dão apoio. Vou largar a carreira, sair da televisão, do rádio. Vou sumir.*

Deu-me aquela mágoa amarga.

Falei comigo mesmo:

– *E o que eu faço com todo esse material que recolhi na viagem?*

A antiga raiva voltou. Nesse momento de mágoa e raiva vi que tinha uma churrasqueira acesa no fundo de casa.

Não pensei duas vezes. Peguei todo o material que havia recolhido na viagem, cadernos inteiros, partituras e até o violão, e joguei no fogo.

Queimei tudo, as músicas ficaram só na minha cabeça, na minha memória cerebral.

Foi triste, foram embora as rodas infantis, os *causos*, as capoeiras.

Precisava limpar minha cabeça. Peguei minhas coisas, fui para a praia. É sempre bom para mim ver e me molhar nas águas do mar. Na minha cabeça achava que não ia cantar nunca mais.

Comecei a dar aulas de violão para sobreviver em São Vicente, aproveitei e estudei a história da cidade, que é rica e linda. Não dá para ficar só no terraço olhando o mar, não consigo ficar quieta, e se estou no mar tenho que entrar na água e nadar.

Eu sou assim mesmo. Às vezes me dá essas raivas e essas insatisfações. Mesmo no auge do sucesso eu não consigo ficar parada e me acomodar.

Por causa de uma coisinha deste tamanho às vezes eu acabo destruindo muita coisa. Quando a cabeça começa a lotar, tenho que dar uma escapada.

Mas depois vem uma força maior, e eu recomeço melhor ainda.



A Volta

É duro ficar sem São Paulo. Voltei nessa época em que a bossa nova já era sucesso e o iê-iê-iê já ganhava força. O meu contrato com a TV Record tinha acabado em 1962.

Pensei comigo: *Não tem lugar para mim, vou continuar dando aula.*

Comecei de mansinho tudo outra vez.

Gravei um disco ainda, mas gravei por gravar, para não sumir.

Decidi então fazer uma série sobre música caipira. Seriam quatro discos com os *Clássicos da Música Caipira*, queria registrar essas músicas em disco. Tirei fotos numa fazenda, no cavalo... Gravei dois discos que fizeram sucesso. Fui gravar o terceiro... Já queriam mudar o nome da série. Em vez de *Clássicos*, *Joia da Música Sertaneja*.

– *É mais comercial, sabe Inezita.*

Fiquei fula da vida outra vez porque mudaram, disseram que era moderno, mais bonito. Acabei aceitando o título. Pensei: não vou brigar de novo.

Mas aí o Eduardo Moreira, o diretor com quem eu tinha trabalhado na série da Record, me convidou para ir até a TV Cultura para gravar dois especiais, com canções que eu lembrava da viagem e as minhas músicas mais famosas. Comecei a me animar outra vez e senti a energia voltando.

Esse material gravado no início dos anos 1970 foi ao ar agora em 2010, nas comemorações dos 30 anos do *Viola* e dos meus 85 anos.

Mas voltando de novo no tempo, essa passagem dos anos 1960 para os 1970 foi um divisor de águas para a minha vida e para a música popular brasileira. A bossa nova estava se firmando, e o *rock* surgido nos Estados Unidos nos anos 1950 explodia com os Beatles e dezenas de outros conjuntos ingleses e americanos. No Brasil começavam os grupos de *rock* de garagem que sonhavam fazer parte da Jovem Guarda, de Roberto Carlos, Erasmo e Wanderleia.

Com o fim dos anos dourados do rádio, também ficaram para trás nossos grandes cantores, Orlando Silva, Silvio Caldas, Angela Maria, Nelson Gonçalves, Elizete Cardoso. Era uma nova MPB nascendo que não trocava apenas seus antigos ídolos mas também o modo de cantar.

A nova geração emergente tinha Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal, Nara Leão, Elis Regina, Jair Rodrigues, Paulinho da Viola. Muitos compositores começavam também a cantar suas próprias músicas.

Eu não pertencia a nenhum grupo. Com o fim do programa que fazia na TV Record, e sem estar em nenhuma rádio, voltei minha carreira para os cursos de folclore e música.

Fiquei oito anos sem gravar. Estavam trocando a Velha Guarda, eu e a Elizete Cardoso, que éramos muito amigas, pela Jovem Guarda.

Devo muito ao Roberto Carlos, sem que ele saiba. Nessa época ensinei muito juvenzinho a aprender violão, e tocar os acordes das músicas da Jovem Guarda. Com poucos acordes já dava para acompanhar uma música na guitarra.

Dava aula de violão e canto das 8h da manhã até muito tarde da noite. Era só eu e minha filha e muita conta para pagar. Ao mesmo tempo prossegui com as pesquisas sobre Cururu, em Piracicaba.

Cururu é o nosso importantíssimo desafio caipira e ainda é realizado em Piracicaba, Tietê e Tatuí, com grandes cantadores. O Cururu é um improviso cantado, muito difícil, que conta uma história. Então, se o cantador quiser cantar uma hora sem parar, ele pode. E a plateia fica ali, firme. Em geral, pelo assunto escolhido, rende uma hora tranquilamente. Há outro cantador que faz a segunda voz, mas que não sabe a letra. Ele deduz o que o outro vai falar, porque a rima é estabelecida.

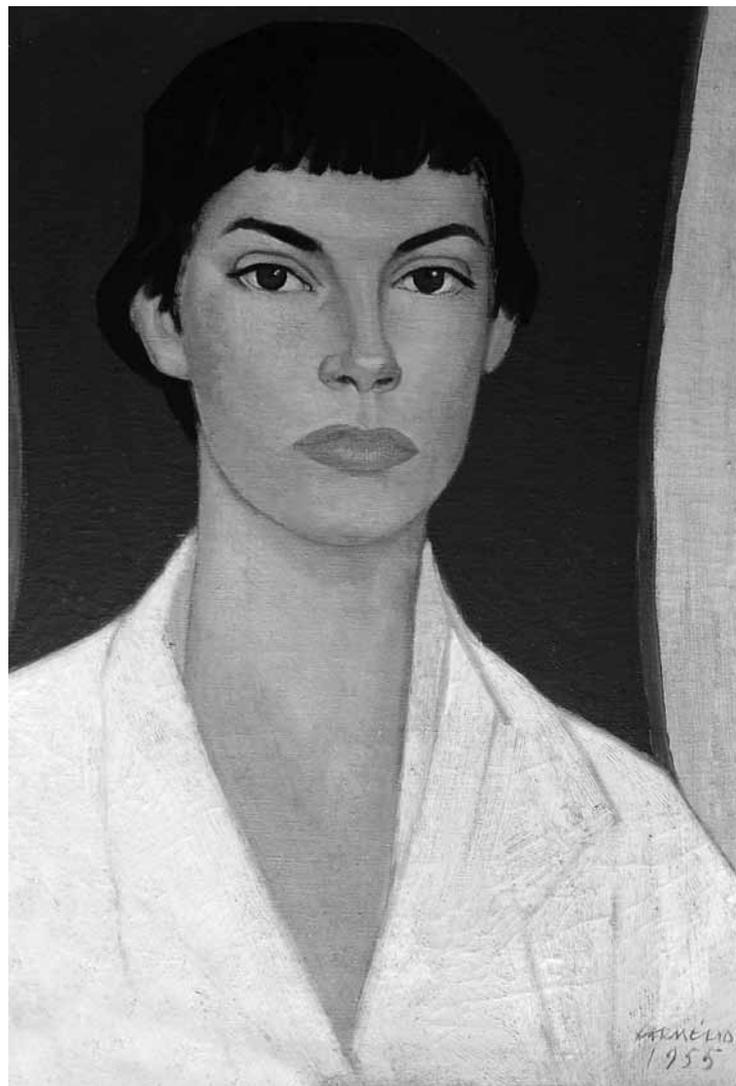
Também comecei a dar aulas de Folclore nas faculdades de Pouso Alegre e Mogi das Cruzes, e na Mooca. Tudo isso e as pesquisas pelo interior, se alguma dúvida ainda houvesse, fizeram com que eu firmasse mais o pé na música caipira. Sempre faço três coisas ao mesmo tempo.

Nesse período também nos anos 1970 participei do projeto Pixinguinha. Eram *shows* de música popular brasileira que circulavam pelas capitais a preços bem populares, sempre as 6h30 da tarde, aproveitando o horário em que as pessoas saíam do trabalho de volta a suas casas. Tirava um pouco as pessoas das filas dos ônibus e dava uma hora de boa música brasileira.

Ainda nesses anos, o músico e empresário Marcus Pereira criou uma gravadora e se pôs a mapear as regiões brasileiras buscando suas músicas e gravando em disco. Esse trabalho fantástico que passou de uma centena de LPs, tem na lista os primeiros discos de Cartola, Elomar e a Orquestra Armorial.

Para o lançamento dos discos, Marcus Pereira organizava *shows* que viajavam pelo País, e eu participei de uma destas excursões cantando músicas do Sul, no lugar de Elis Regina, que não podia viajar, na época. O Marcus sabia da minha ligação com a música gaúcha e me convidou. Fui também para a região Centro-Oeste.

Esses circuitos alternativos foram muito importantes para a sobrevivência de artistas brasileiros, que não estavam mais na mídia, e precisavam trabalhar. Também serviram para fazer com que o público mais jovem conhecesse músicos de tradição e qualidade que estavam sendo esquecidos.



Retrato de Inezita | Pintura de Carmélio Cruz | 1955

Pausa para o jantar

Pouca gente sabe, mas nos anos 1970, me arrisquei em uma empreitada diferente. Abri um restaurante na avenida Santo Amaro, zona sul de São Paulo.

Chamava-se A Casa de Inezita, e eu chamei o meu amigo Evandro e o Regional para vir tocar. Eu cantava aos sábados, mas também tinha um monte de gente boa que se apresentava. Todo dia tinha música.

No cardápio, todo ilustrado pelo Otávio, famoso chargista dos jornais, só comida bem brasileira:

Camarão à lemanjá

Arroz a Neguinho do Pastoreio

Bife a Curupira

Baião de dois à Lampião

Cuscuz à Tietê

Picado a São Francisco

Pinga boa e sucos até de graviola e mangaba, importados do Pará, da terra do meu avô.

O camarão à lemanjá era o mais caro, mas também o que mais saía. Era um coco verde fechado que a gente abria, tirava a água, e colocava o camarão picado e enfeitava com salsinha e alface.

Minha vida era palco e fogão. Eu me revezava entre a cozinha – sei cozinhar mesmo – e o palco. Claro que tinha um profissional baiano, que comandava a cozinha.

Tinha até um picadinho à moda dos estudantes do largo de São Francisco, que estava nos livros de São Paulo, receita antiga, que não era carne moída, era carne picada, tinha que ser cortada em pedaços pequenos. Eles comiam numa pensão, e ensinavam a cozinheira fazer. Comiam com colher em prato fundo.

Copiei a receita do livro e coloquei pregado na parede, mas o cozinheiro se negava a fazer. Dizia que era muito simples. Ih, brigamos tanto.

Inezita em pose que imita o quadro *Violoeiro*, de Almeida Junior





Mas o restaurante acabou cedo. Não deu certo porque nos fins de semana eu tinha, como sempre, de fazer *shows* pelo Brasil e, portanto, não consegui mantê-lo direito, nem na cozinha nem no palco.

Algum dia ainda vou lançar um livro com as receitas que aprendi nas viagens pelo Brasil, das histórias dos amigos, de pratos folclóricos que experimentei e alguns que acabei fazendo nessa época no meu restaurante.

Essa vida de dona de restaurante durou pouco mais de um ano, de 1975 a 1976, e essa experiência em que eu cantava com o Regional, gerou um disco de sambas: *Inezita Canta e Evandro Chora* foi o meu único disco de samba inteiro do começo ao fim.

Nele eu canto as músicas que de certa forma eram as mais pedidas no restaurante e também as que mais gostava de cantar como *Chão de Estrelas*, do Silvio Caldas e Orestes Barbosa. O Silvio foi um dos meus cantores favoritos. Tem *Castigo*, da Dolores Duran, também um símbolo e uma exceção dentro da música brasileira, de compositora que fez sucesso com samba-canção, uma área sempre restrita aos homens.

Claro, canto uma do Noel Rosa, que é uma das que eu mais gosto: *Último Desejo*, é sempre um prazer cantar este samba, assim como *Carinhoso*, talvez a música brasileira mais conhecida de todos os tempos, composta pelo Pixinguinha e o João de Barro, o Braguinha, e *Quem há de Dizer*, de Alcides Gonçalves e do meu grande amigo Lupicínio Rodrigues.

Tem *Ronda* também, e o Regional de Evandro estava afinado como sempre.

É um disco raro que eu gosto muito.

Mas havia uma viola tocando ao longe esperando por mim...



Coverd Artístico: Cr\$ 150,00 por pessoa.

Camarão à Iemanjá	Cr\$ 225,00
Filé de Peixe à Sereia	Cr\$ 185,00
Vatapá à Praia	Cr\$ 185,00
Bacalhau à Mulata	Cr\$ 210,00



Frango a Triângulo Mineiro	Cr\$ 140,00
Bife a Curupira	Cr\$ 140,00
Picado a largo de São Francisco	Cr\$ 140,00

SOBREMESAS

Arroz da Vovó	Cr\$ 40,00
Pudim da Titia	Cr\$ 50,00
Casamento da Viuva	Cr\$ 50,00
Piazito Carreiro	Cr\$ 40,00
Compota de Cupuaçu	Cr\$ 60,00
Compota de Bacuri	Cr\$ 60,00
Compota de Goiaba	Cr\$ 50,00
Frutas da Época	Cr\$ 40,00

APERITIVOS

Casquinha de Siri	Cr\$ 60,00
Castanha de Caju	Cr\$ 60,00
Sortidos	Cr\$ 60,00



Paçoca à Rachel de Queiroz	Cr\$ 140,00
Arroz a Negrinho do Pastoreio	Cr\$ 150,00
Cuscuz a Tietê	Cr\$ 185,00
Salada a Periquito	Cr\$ 85,00
Baião a Lampião	Cr\$ 140,00





Viola, Minha Viola



No final da década de 1970 eu ainda mantinha muito contato com o pessoal do TBC, e com a atriz Nydia Licia, que agora era diretora cultural da TV Cultura de São Paulo.

Eu não conhecia bem a emissora e não sabia bem o que eu poderia fazer lá. Mas a Nydia insistiu e me mostrou um programa que estava sendo feito sobre música sertaneja apresentado pelo compositor Nono Basílio e por Moraes Sarmento, radialista de sucesso que em seus famosos programas de rádio sempre divulgava e valorizava a boa música brasileira.

A Nydia me convidou para participar do programa.

Mas esse programa já tem apresentador, respondi.

Tem, mas o Nono está querendo ir embora, voltar para Minas Gerais com a mulher, a Nana, que fazia dupla com ele. E eu quero botar uma mulher no programa, dois homens na apresentação ficam meio sem graça, disse Nydia.

Fui conversar com o Nono que era meu amigo, e ele me disse que ia voltar para Pouso Alegre. A Nana estava um pouco doente e queria fugir do barulho de São Paulo. Era uma grande coincidência porque eu dava aula no Conservatório de Pouso Alegre, e até dei aula depois para o filho deles.

Mas voltando ao programa, eu assisti ao primeiro que eles tinham feito na Cultura, que tinha as Irmãs Galvão e Lio e Leo como convidados, cenário bonito e eu acabei ficando mais interessada ainda. Quem escrevia o texto era o Moreirinha, Eduardo Moreira, velho amigo dos tempos da Record.

Voltei a falar com a Nydia e ela foi direta:

– A semana que vem você estreia. O programa não vai ser mais no estúdio, vai ser no Teatro Franco Zampari (o nome do teatro é uma homenagem ao diretor do TBC e Vera Cruz, que falou que eu seria apenas uma cantorinha, coincidências).



Viola, Minha Viola | Acervo Fundação Padre Anchieta



Viola, Minha Viola | Acervo Fundação Padre Anchieta

O programa já estava fazendo tanto sucesso e por isso foi transferido para um teatro ali na avenida Tiradentes. Já tinha um grande público querendo assistir, e cantar como se fosse ao vivo para uma plateia ia dar mais vida e calor ao *Viola, Minha Viola*.

Fui para a gravação. A Tais Almeida, responsável pelo programa, me deu um *script* enorme com várias páginas de texto que eram para ser faladas no programa.

Eu me assustei

– *Tais, não vou conseguir decorar tudo isso para o programa.*

O texto eram histórias e frases do Guimarães Rosa, que precisavam ser interpretadas com precisão. Não poderia haver erros. Achei sinceramente que não ia fazer o programa.

Mas em televisão sempre se dá um jeito, e o texto foi dividido em dalias, sabe o que é, grandes cartolinas em que se escreve o texto com letras grandes, e espalhado pelos bastidores do cenário de modo que pudéssemos ler sem que o público percebesse.

Demorou um pouco mais a gravação, mas deu certo.

Nos outros programas, a Tais foi simplificando o *script* e nós, eu e Moraes Sarmiento fomos nos acostumando, e acrescentando frases nossas.

E o *Viola* foi um sucesso de público e de audiência desde o primeiro programa. Sempre lotou e sempre tem gente chiando dizendo que não conseguiu entrar porque a capacidade do teatro é de 200 pessoas.

Mas o *Viola, Minha Viola* também teve multidões. Em 1988 a TV Cultura estreou um projeto chamado Cultura Paulista, uma série que durante três anos foi gravada em quase 100 cidades do interior de São Paulo. O palco do *Viola* era levado inteiro para as cidades paulistas de caminhão. Chegava no sábado e era montado pelos maquinistas durante a tarde e a madrugada.

Tinha que estar pronto bem cedo no domingo para a montagem da iluminação e dos microfones. Nós e os artistas convidados íamos também no sábado dormíamos no hotel da cidade, e à noite fazíamos um pequeno ensaio para o *show* da manhã.

A cidade ficava agitada e se a gente fosse a algum restaurante ou passeasse pelas ruas era aquela animação.

No domingo bem cedo a praça começava encher de gente. Nós fomos a cidades grandes como Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Limeira e muitas outras, e o público enchia a praça que tinha sido escolhida para se fazer o *show*. Mas nas cidades menores parecia que a cidade toda estava na praça.

E era sempre ao ar livre. Às vezes com muito sol, outras com ameaça de chuva. Mesmo com chuva nunca deixamos de fazer o *show*. Seria muita decepção para aquele público sempre animado e também muito prejuízo por causa de toda aquela estrutura armada.

O *Viola* enchia a praça em todas as cidades em que era gravado. Três a cinco mil pessoas era normal nos *shows*. A cidade literalmente parava para ver a gente lá em cima do palco armado, eu e o Moraes Sarmiento com o regional do Robertinho, cantando com os convidados de fora e uma atração era sempre da cidade.

Na TV o programa ia ao ar na semana seguinte junto com os outros programas do Projeto Cultura Paulista que eram, além do *Viola*, *Minha Viola*, a *Missa de Aparecida*, às 8 da manhã, e a *Cidade Faz o Show*, depois do *Viola*.

Essa série durou três anos e foi a todas as regiões do Estado até em cidades menores como São Miguel Arcanjo, Barra Bonita, Mirassol, 100 localidades. No dia da gravação estavam envolvidos quase 90 profissionais, caminhão de externa, equipes de gravação de reportagem, músicos, contrarregas, cenotécnicos, produtores, apresentadores, técnicos e operadores de áudio e vídeo e toda uma infraestrutura de transporte, hospedagem e refeições. Era uma verdadeira odisseia que revelou a história e a cultura de muita cidade paulista.

Foi muito bom este período para sentir a força que o programa tinha no interior de São Paulo. A gente tinha contato direto com as pessoas que vinham pegar autógrafo, dar presentes. Queriam mostrar que gostavam de nós e do programa. E ficou bem claro que, apesar de todas as novidades musicais, o prestígio e o amor pela música caipira, e pelo *Viola, Minha Viola*, eram o motivo principal para que a cidade concordasse em participar da série, e que a praça ficasse cheia no domingo.

Depois dessa fase itinerante, o *Viola* voltou para o Teatro Franco Zampari em São Paulo. A música sertaneja no Brasil tomava novos rumos com duplas como Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, que faziam uma música diferente da sertaneja tradicional, e buscavam outro público, mais *pop* e mais urbano. Tornaram-se campeões de vendagem e viraram ídolos da TV como o foram, décadas antes, o pessoal da Jovem Guarda.



Viola, Minha Viola | Acervo Fundação Padre Anchieta



Público do Viola

O público do *Viola* lá no Teatro Franco Zampari é muito misturado. Eles me amam, e eu também os amo. Presente para todo lado, todo dia de gravação.

Tem alguns que estão lá desde os primeiros programas, tanto que já ficaram conhecidos até pelo público de casa, que vê o programa pela TV.

O Santo Portela é um deles. É um velhinho de cabelo branco que senta na primeira cadeira, ele está lá desde o primeiro programa, nunca falta. Ele até foi falar com um diretor da TV Cultura, para pedir uma cadeira cativa, usucapião, por sempre vir ao programa, desde a estreia 30 anos atrás.

Acho até que deve ter conseguido porque ele esta sempre lá na mesma cadeira. Quando toca arrasta-pé ele é o primeiro a sair dançando.

Tem outro com cabelão e barba grande, que sempre aparece e dança, é o boiadeiro.

Um dos mais conhecidos é um senhor bem alto, negro, todo alegre, comprido de chapéu branco, que, quando gosta da minha roupa, levanta e grita:

– *Linda, maravilhosa!*

Eu morro de rir. E o público pede para ele se sentar.

Quando começa a demorar a gravação de uma dupla, porque como é TV às vezes, tem que gravar de novo, ou esperar até ficar tudo pronto, e ele começa a gritar da plateia:

– *Tá bom, mas tá ruim. Tá bom, mas tá ruim.*

É uma reclamação e um elogio na mesma frase.

Quando toca um xote, eles passam a mão na senhora do lado e dançam, às vezes mulher com mulher porque falta homem. Um encosta no outro, dão trombada no meio das cadeiras, mas não brigam, não reclamam, sempre muita educação.

E quando termina a gravação eu recebo muitos presentes. Como eles sabem que gosto de artesanato, sempre há coisas de madeira feitas por eles, boizinho feito por criança, passarinho de madeira, mesmo roupas, meias.

Até frutas trazem as caravanas do interior. É uma grande festa!

Quando o programa entra em férias, eles ficam desesperados, ligam para a emissora, reclamam que é muito tempo sem gravar. Ficam com medo que acabe. Ligam também para saber quem vai. Já conhece tudo como funciona. Eles mandam.

A gravação do programa, às terças ou quartas feiras, começa às 14h30, mas eles chegam às 6 horas, e ficam ali na avenida Tiradentes, em murinho que tem na frente já na fila. Às 11 horas começa a dar fome, e aí sempre aparece um salgadinho, que alguém trouxe. Ou então trazem de casa croquete, pastel, bolo, sanduíche, suco e oferecem para os outros que estão na fila. Começa o piquenique.

Eles se ajudam, um guarda o lugar para o outro quando precisa ir ao banheiro.

Eles vêm de longe, de trem, ônibus, metrô, muitos da periferia e também de Jundiaí, Campinas, Vinhedo. É um público muito fiel.

Agora vem também um público jovem variado, criança, estudante universitário. Vem uma vez para conhecer, depois retorna. Os jovens começam novamente a se interessar pela música caipira. Ainda bem.

Vem também um público em caravana, de cidades mais afastadas da capital. O público fixo não gosta muito, porque as caravanas entram antes e sobram menos lugares.

Eles reclamam porque perdem os melhores lugares.

A plateia tem suas regras. Quando gostam do convidado do programa eles aplaudem, se não gostam ficam quietos, mas não vão. O público é autêntico, não tem aquela história de televisão que os assistentes levantam aquelas placas para pedir aplausos ou para que a plateia fique em silêncio.

É tudo verdade, e espontâneo.

Eles conhecem algumas das duplas muito bem, porque muitas são crias da casa e o público viu surgir e evoluir.

É muito divertido e sério o público do *Viola*.

Já falei com todos eles, tirei fotos. Alguns até fizeram camisetas com as fotos e depois do programa vêm me mostrar. Esse público já faz parte próprio programa.







Ontem à noite no Parreirinha

A gravação do *Viola* acabava lá pelas 10 da noite. E ali na avenida Tiradentes perto do teatro não havia nem um bom restaurante ainda aberto, então seguíamos para o Parreirinha, eu, o Moraes Sarmiento e alguns músicos que tinham participado do programa. Era uma festa.

O Parreirinha, ali na rua General Jardim, bem no centro de São Paulo, sempre foi um ponto de músicos, atores, jornalistas, pessoal do rádio, televisão e cinema, e boêmios em geral.

Os donos – os gêmeos Miro e Maré —, embora muito parecidos fisicamente, tinham personalidades distintas.

O Maré era mais quieto e ficava no restaurante durante o dia, e o Miro era o da noite, o falante que unia os fregueses, e contava as histórias do que estava acontecendo na noite de São Paulo. Tinha gente que só ia à noite, e um dia resolvia ir na hora do almoço e se espantava em ver de novo o Miro, que na verdade era o Maré, também de manhã.

Lá a gente revia amigos como o João Pacífico, o Arley Pereira, e descobria se alguém estava gravando um novo disco, ou fazendo um filme, estreando uma peça. Lá eu encontrava o Adauto Santos, ótimo músico, companheiro e compositor que levou a viola para a música da noite e dos bares paulistanos. Antes era só violão.

Os músicos do Rio ou de outro Estado que estavam em São Paulo davam sempre uma passada no Parreirinha. Com isso tinham grande chance de ser convidados para participar de um programa de TV ou de rádio.

O restaurante era uma verdadeira fonte de notícias para os jornalistas e também um lugar de histórias engraçadas em que o Miro, com sua simpatia

e dedicação, fazia com que artistas conhecidos ficassem à vontade para contar e conversar.

O Jamelão, o Paulinho da Viola, Aracy de Almeida, o pessoal do samba do Rio quando estava em São Paulo, passava no Parreirinha. Tem uma história famosa do Jamelão, que depois de um *show* apareceu no meio da madrugada e sentou-se na mesa cativa que tinha no restaurante e foi abordado por um admirador inocente que lhe pediu que cantasse uma música. Lá não era lugar de canja e o Jamelão sabia como despachar um fã mais atirado, fazendo aquela cara séria, e brava sem dizer nada.

Só para nós, depois ele desabafava:

– *Quem canta de graça é passarinho...*

Mas o Parreirinha que ficava bem no meio daquela zona chamada Boca do Luxo, e onde, de vez em quando, alguma dama da noite, ou mariposas como diziam os garçons, entrava para tomar a sopinha da madrugada, era muito conhecido por exibir sempre nas janelas, que davam para a rua, uma fileira de rãs, já devidamente limpas e prontas para a panela. Um bom uísque de entrada e uma boa rã à dorê combinavam muito bem com o restaurante.

Uma vez eu fui a Portugal e me levaram a um restaurante bem popular onde os funcionários das lojas e bancos ao lado também comiam. Olhei o cardápio e resolvi pedir rã, que na verdade não tem um sabor de frango não, como dizem os que não comeram e dão opinião.

É muito mais gostoso e diferente.



Mesa reservada do Restaurante Parreirinha
Cadeira especial de Inezita do Parreirinha

Mas eu pedi o prato de rã e os garçons trouxeram uma grelha à mesa com fogo aceso. Serviam a rã desse jeito em Portugal e era maravilhoso.

Quando voltei ao Brasil de uma série de apresentações em Lisboa, fui ao Parreirinha e contei isso ao Miro. Ele resolveu também começar a servir este prato dessa mesma maneira, e pôs o nome de *Rãs à Inezita Barroso*.

Muito simpático o Miro, tanto que, quando eu não ia ao restaurante, ele me ligava em casa, e para me convencer a ir e mandava um táxi me pegar em casa. Eu tinha uma mesa exclusiva lá, com plaquinha e tudo *reservada para Inezita Barroso*.

Foi uma pena quando fechou. São Paulo ficou menos alegre. O Miro, no último dia de funcionamento, pegou a cadeira que eu sempre sentava, que tinha uma cobertura vermelha, e mandou para minha casa. Tenho ela ainda lá em meio às minhas lembranças mais queridas.

O Sarmiento

O Sarmiento e eu apresentávamos o programa sentados num banquinho com uma casinha do João de Barro, do lado. O Moraes odiava as chamadas *modernidades*, não gostava das duplas que vinham com roupas mais modernas, mais famosas.

Não estava mais satisfeito com a inclusão das modernidades, dava até entrevistas sobre isso. No fim ele acabou saindo, e voltou a fazer rádio.

Ele gostou de voltar a fazer rádio. Sempre foi um dos grandes nomes da rádio brasileira, mas sentiu falta do *Viola*, embora a música sertaneja não fosse o seu gênero predileto; ele gostava mais de samba.

De todo jeito perdemos um pouco de contato, até que anos depois fui fazer o *Roda Viva*, aquele programa de entrevistas da TV Cultura.

E eu convidei o Moraes Sarmiento para ser um dos participantes para me entrevistar e foi um bom reencontro para conversar e falar da *Viola*, *Minha Viola*. Ele falou muito bem e lembrou histórias importantes que passamos juntos.

Nessa época o Sarmiento já estava doente, e veio a morrer não muito tempo depois.

Apesar de não gostar de velório, funeral, eu fui, pois éramos grandes amigos.

No meio da cerimônia, todo mundo triste, eu com a Wilma, sua esposa, e os amigos todos chorando. Eu, de costas, porque não olho pro defunto, não olhei nem minha mãe nem meu pai.

Aí chega uma repórter com a equipe de gravação, no meio daquela tristeza e vem falar comigo.

E ela perguntou meio sussurrando qual era a música que ele gostava mais.

– *Acho que era* Lampião de Gás.



– *Ah é, então canta um pedacinho, Inezita...*

Imagine o caixão saindo, todo mundo triste e a repórter me pedindo para cantar.

Ah eu soltei os cachorros:

– *Eu não vou cantar nada, respeitem o morto que está aí.*

A viúva chorando, todo mundo triste e eles me pedem para cantar.

Só sei que a equipe foi saindo de fininho. É preciso ter mais respeito com as pessoas.

Modas vêm, modas vão e o *Viola, Minha Viola*, *êta programa que eu gosto*, chegou a 30 anos de existência e ainda é um dos grandes campeões de audiência da TV Cultura.

E já é um dos programas mais antigos da TV brasileira.

Isso prova que a nossa aposta na música de raiz, na música da terra, na verdadeira moda de viola, sem guitarra, teclado e bateria estava certa.

A população brasileira se urbaniza cada vez mais, mas o cheiro de mato, o canto dos pássaros, a comida de forno a lenha, o papo gostoso em volta de uma mesa simples de madeira, com um bom café quente mantêm em nós essa ideia de voltar, algum dia, à vida simples mais em contato com a terra.

Em qualquer entrevista que eu dou, principalmente agora com os 30 anos do *Viola. Minha Viola*, me perguntam sobre a nova música sertaneja, o sertanejo universitário, o sertanejo chique para dançar.

Acho essa música apenas um modismo passageiro, que não está apoiado em uma vivência real na terra, no interior. É uma onda comercial que, como muitas outras, dura um pouco e cai no completo esquecimento...

Já vieram me falar:

– Ah, você fala muito em música de raiz, essas coisas de raízes na terra. Vocês parecem tatu! Nós somos modernos, comemos diretamente os frutos das árvores que vocês plantaram.

Ao que eu respondo:

– É, mas se vocês não cuidarem das raízes, a árvore um dia vai parar de dar frutos, e aí como é que vocês vão fazer?

E eles ficam quietos. Nós não somos tatus, não. Eu sei bem o que eu quero e essa luta para manter o *Viola, Minha Viola* sempre caipira, com as músicas que respeitam essa história, e buscando os novos músicos com essa preocupação, tem dado certo. O público permanece crescendo.

Quando dou entrevista, em revistas, jornais ou pela Internet, encontro sempre um público de jovens, crianças às vezes, que descobriu pelos pais, pelos avós, por gravações antigas ou pelo próprio programa a música caipira, e se diz apaixonada por ela.

Tenho certeza que o *Viola, Minha Viola* tem ainda muitos anos pela frente, porque, além do público, muitos músicos e compositores estão nascendo interessados nessa nossa música de raiz, não de tatu...

Vamos sempre lembrar de uma história no campo, de um amanhecer, ou um pôr do sol com a natureza, de uma casinha branca, de um riacho passando, de um caso triste ou alegre que se viveu fora do ambiente corrido das cidades. E a música que conseguir traduzir isso com verdade sempre vai fazer sucesso.



Viola, minha viola | 2000 | Acervo Fundação Padre Anchieta

Inezita Hoje

Hoje é domingo. O Corinthians está jogando e se estiver ganhando vou ficar mais contente. Sou corintiana roxa como meu pai, e não como o meu irmão são-paulino, o que garante sempre boas brigas desde a infância. Desfilei várias vezes com os Gaviões da Fiel e já gravei música em homenagem à Elisa, torcedora símbolo do Timão.

Ontem à noite fui a Pilar do Sul, pequena cidade perto de Sorocaba, produtora de madeira e carvão, que era o ponto final dos tropeiros que vinham a cavalo desde o Rio Grande do Sul. A cidade até mantém certo sotaque gaúcho. Cantei na festa de Santa Cecília, que está sendo reativada. Choveu o dia todo na cidade. Quando entrei no palco, abriu uma grande lua, que só se fechou após o *show*. Disseram que foi uma homenagem da natureza e dos céus à Dama da Música Caipira. Eu modestamente agradeço.

Cantei de tudo, incluindo, como sempre, a *Moda da Pinga* e o *Lampião de Gás*, que interpreto desde a década de 1950. Ainda bem que o público canta junto, ontem até a *Flor do Cafezal* todo mundo acompanhou com as mãos para cima e em um grande coral.

Só cheguei em casa às 3h da manhã.

Acordei hoje às 9h para assistir ao especial do *Viola, Minha Viola* na TV Cultura, em homenagem a Villa-Lobos, o maior compositor brasileiro do século XX, que conheci pessoalmente quando cantava no coral do Colégio Caetano de Campos, junto com vários outros corais regidos pelo próprio compositor em 1940, na inauguração do Pacaembu. Nessa data o Corinthians ganhou do Atlético Mineiro por quatro a dois, *ôôô memória...*

Agora, à tarde, estou conversando com o Dema e o Aloísio, produtor musical do *Viola*. Falamos da apresentação de ontem a noite.

Hoje em dia, eu ainda fazer esses grandes *shows* é quase um milagre. Tenho que cantar 23 músicas, e às vezes acho que não vou aguentar, vou tremer.

Fico nos bastidores me preparando. Passo na Tenda dos Milagres, que é como a gente chama carinhosamente a sala de Maquiagem, dou uma olhada pela cortina para ver o público. Tomo fôlego e entro no palco. Aí tudo muda. Na hora em que começa o *show* parece que saio do chão. Minha voz fica normal, não esqueço a letra de nenhuma música, e há algumas bem compridas.

O *mais um, mais um*, o bis, às vezes até me assusta. Antes de entrar no palco fico muito nervosa. Meus músculos ficam batendo todos, de repente para, eu entro, olho a plateia e fica tudo bem. Eu sou muito míope, agora operei da catarata e melhorei, mas nunca cantei de óculos, e nos *shows* eu olho para o público e enxergo o fulano que está sentado lá longe no fim da plateia, e reconheço. Não sei como acontece.

Não sou eu. Quando o *show* termina, sinto que piso de novo no palco, como se fosse pisar na terra; demora, sento um pouco e estou pronta outra vez.

Na hora em que eu assino os autógrafos ponho dias e anos diferentes, 1820, 1936, setembro, fevereiro... Eu quero escrever a data do dia, mas não sai o certo, não sei por que. Sempre foi assim.

Não tenho medo dessas coisas, mas não quero me aprofundar nesse assunto. Tenho ainda muitos *shows* e programas para fazer.



Foto superior: Viola, minha viola | Acervo Fundação Padre Anchieta

As Batalhas de Inezita

Nasci com a espada na mão!

Ignez Madalena Aranha de Lima, paulistana, nome de tradição com parentesco com embaixador brasileiro na ONU Oswaldo Aranha, que foi decisivo no reconhecimento do Estado de Israel. Nasci em 4 de março de 1925, um domingo de carnaval. Havia música nas ruas e festa no ar. Urbana, sempre morei em São Paulo, pelos lados da Barra Funda e Perdizes. Estudei na Faculdade de Filosofia e Letras da USP, estudei com professora particular. Em conservatório, fiz canto, violão, viola e piano. Estudei e dou aulas de Folclore, matéria em que recebi um diploma de Doutora *Honoris Causa*.

Fui premiada no cinema, no rádio e na TV: Roquette Pinto, Sharp, prêmio Saci de Cinema, medalha Ipiranga e o título de Comendadora da Música de Raiz, cidadã emérita de centenas de cidades brasileiras. Fui tema de samba enredo de quatro agremiações. Quase 100 discos gravados.

Tenho mais de 200 prêmios espalhados pelo apartamento, dividindo espaço com uma porção de passarinhos cantadores e afinados, um cachorro barulhento, Virgulino, e lembranças de vários lugares em que estive, quadros, cerâmica, bonecas, artesanato de toda parte do Brasil.

Aos 85 anos sei que ainda é muito difícil me encontrar em casa. São gravações do *Viola, shows* pelo País, paraninfa de turmas, homenagens, programas de rádio, entrevistas a jornal e *sites*. Aulas! E ainda tenho que achar tempo para falar de folclore para estudantes universitários.

Tive base sólida para enfrentar grandes batalhas: a maior delas gostar da cultura caipira e cantar e tocar música de viola. A família sempre chiou por esse gosto, a crítica muitas vezes, também. Mas sempre fui em frente.

Tudo isso me deu muita força de andar ao contrário.

E andei mesmo.



Tocando viola, quando o fino para a moça era tocar piano.

Não tive medo de ir contra a corrente dos novos estilos e modismos que me impunham as gravadoras, emissoras, patrões em busca de um apelo mais comercial.

Sempre batalhei para trazer para o público – em *shows*, na TV e nos discos – a riqueza do folclore nacional e nunca tive medo de denunciar plágios, coincidências, e omissões de autoria de músicas retiradas, ou inspiradas em criações de domínio público.

Não segui a carreira de sambista, mesmo com as frases elogiosas como: *emocionou os batutas do morro carioca, desde a gravação de Ronda*, como afirma o compositor Paulo Vanzolini, e mantive-me firme na música caipira, que descobri ainda criança na roda de viola dos peões da fazenda.

Mesmo quando chegou a grande onda da nova música sertaneja dos anos 1990, consegui manter a pureza autêntica do *Viola, Minha Viola*.

Passei incólume pela história da música popular brasileira, sem pertencer a nenhum grupo ou escola.

Sou professora.

Tenho orgulho de ter sido chamada de gaúcha pelas danças de roda que cantava, de nordestina pelo bumba meu boi e pelas capoeiras que recolhi e cantei. Consegui ter um pouco de cada parte do Brasil e continuar paulistana, e corintiana.

Trabalho ainda todo dia.

Esse é meu segredo, não parar nunca.

Continuo em busca das novas músicas, e dos novos talentos da viola.

Amanhã é um novo dia; bem cedo o galo vai cantar e tudo começa de novo.

Nasci com a espada na mão!



DISCOGRAFIA

OUT | 1951 | 78 RPM

1. *Funeral Dum Rei Nagô* (Murilo Araújo / Hekel Tavares)
2. *Curupira* (Waldemar Henrique / Popular)

JUL | 1953 | 78 RPM

1. *Isto É Papel João?* (Paulo Rushell)
2. *Catira* (Adpt. R. de Souza)

OUT | 1953 | 78 RPM

1. *O Canto do Mar* (Guerra Peixe / José Mauro de Vasconcellos)
2. *Maria do Mar* (José Mauro de Vasconcellos / Guerra Peixe)

NOV | 1953 | 78 RPM

1. *Marvada Pinga* (Laureano)
2. *Ronda* (Paulo Vanzolini)

JUN | 1954 | 78 RPM

1. *Os Estatutos da Gafieira* (Billy Blanco)
2. *Soca Pilão* (Tradicional / Adpt. José Roberto / Adpt. J. Prates)

JUN | 1954 | 78 RPM

1. *Iemanjá* (Nelson Ferreira / Luis Lima)
2. *Pregão da Ostra* (Adpt. J. Prates)

JUL | 1954 | 78 RPM

1. *Redondo Sinhá* (Tradicional / Luis Carlos Barbosa Lessa)
2. *Mestiça* (Gonçalves Crespo)

AGO | 1954 | 78 RPM

1. *Taieiras* (Adpt. Guerra Peixe)
2. *Retiradas* (Osvaldo de Souza)

DEZ | 1954 | 78 RPM

1. *Coco do Mané* (Luis Vieira)
2. *Roda a Moenda* (Haroldo Costa)

MAR | 1955 | 78 RPM

1. *Meu Casório* (Popular)
2. *Nhapopé* (Popular)

ABR | 1955 | 78 RPM

1. *Benedito Pretinho*
Meu Barco É Veleiro (Hekel Tavares / Olegário Mariano)
2. *Na Fazenda do Ingá* (Zé do Norte)

MAI | 1955 | 78 RPM

1. *Dança de Caboclo* (Hekel Tavares / Olegário Mariano)
2. *Maracatu Elegante* (José Prates)

SET | 1955 | 78 RPM

1. *Moleque Vardemá* (Billy Blanco)
2. *Prece a São Benedito* (Hervé Cordovil) – com Titulares do Ritmo

DEZ | 1955 | 78 RPM

1. *Minêro Tá me Chamano* (Zé do Norte / Tradicional)
2. *Minha Terra* (Waldemar Henrique)

1955 | Inezita Barroso

1. *Prece a São Benedito* (Hervé Cordovil)
2. *Banzo* (Hekel Tavares / Murilo Araújo)
3. Seleção de Canções:
Nana Nanana (Hekel Tavares / Ribeiro Couto / Manuel Bandeira)
Papa Curumiassú (Hekel Tavares)
Sapo Cururú (Dilú Mello)
Fiz a Cama na Varanda (Dilú Mello / Ovídio Chaves)
4. *Funeral d'um Rei Nagô* (Hekel Tavares / Murilo Araújo)
5. *Maria Júlia* (Tradicional / Rec. Inezita Barroso)
6. *Viola Quebrada* (Mário de Andrade)
7. *Minêro Tá me Chamano* (Tradicional / Rec. Zé do Norte)
8. *Tirana de Vila Nova* (Tradicional / Rec. Waldemar Henrique)

1955 – Danças Gaúchas

1. *Levante* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
Tirana do Lenço (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
2. *Pezinho* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
3. *Quero Mana* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
4. *O Anu* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
5. *Balaio* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
6. *Maçanico* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
7. *Chimarrita – Balão* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
8. *Meia-cana Serrana* (Tradicional / Adpt. Barbosa Lessa / Adpt. Paixão Cortes)
9. *Rancheira de Carreirinha* (Barbosa Lessa)

1955 – Canta Inezita

1956 – Coisas do Meu Brasil

1. *Estatutos da Gafieira* (Billy Blanco)
2. *Na Fazenda do Ingá* (Zé do Norte)
3. *Meu Casório* (Tradicional)
4. *Isto É Papel João?* (Paulo Ruschell)
5. *Marvada Pinga* (Laureano)
6. *Mestiça* (Gonçalves Crespo) Letra de Gonçalves Crespo
7. *Yemanjá* (Nelson Ferreira / Luis Luna)
8. *Pregão da Ostra* (Tradicional / Adpt. J. Prates)

1956 – Lá Vem o Brasil

1. *Lá Vem o Brasil* (Nelson Ferreira / Rafael Peixoto)
2. *Berceuse da Onda* (Oscar Lorenzo Fernandez / Cecília Meireles)
3. *O Carreteiro* (Barbosa Lessa)
4. *Temporal* (Paulo Ruschell)
5. *Sertão de Areia Seca* (Leyde Olivé)
6. *Rede da Sinhá* (Leyde Olivé)
7. *Galope à Beira Mar* (Luis Vieira)
8. *Cantilena* (Motivo de Pretos do Recôncavo Baiano) (Tradicional / Adpt. Villa-Lobos / Rec. Sodrê Viana)

1956 | 78 RPM

1. *O Gosto do Caipira* (Ado Benatti / Luis Louro) – com Trio Araguaia
2. *Casa de Caboclo* (Chiquinha Gonzaga / Luis Peixoto / Hekel Tavares)

1956 | 78 RPM

1. *Chimarrita* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
Balão (Popular)
2. *Quero Mana* (Popular / Paixão Cortes / Barbosa Lessa)

1956 | 78 RPM

1. *Balaio* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes / Popular)
2. *Maçanico* (Popular / Paixão Cortes / Barbosa Lessa)

1956 | 78 RPM

1. *Estatutos de Boate* (Billy Blanco)
2. *Ser Mãe É Dureza* (Billy Blanco)

1957 | 78 RPM

1. *No Bom do Baile* (Barbosa Lessa)
2. *Nhô Locádio* (Hervé Cordovil)

1958 – Vamos Falar de Brasil

1. *Retiradas* (Osvaldo de Souza)
2. *Peixe Vivo* (Nonô Timoneiro) (Henrique de Almeida / Rômulo Paes)
3. *Engenho Novo* (Hekel Tavares)
4. *Zabumba de Nego* (Hervé Cordovil)
5. *Lampião de Gás* (Zica Bergami)
6. *Ismalia* (Capiba / Alphonsus de Guimarães)
7. *Festa do Congado* (Juraci Silveira)
8. *Temporal* (Paulo Ruschell)
9. *Luá Luá* (Catulo de Paula)
10. *Azulão* (Jaime Ovalle / Manuel Bandeira)
11. *Seresta* (Georgina Erismann)
12. *Moda da Pinga* (Laureano / Raul Torres)

1958 | 78 RPM

1. *Lampião de Gás* (Zica Bergami)
2. *Engenho Novo* (Tradicional / Adpt. Hekel Tavares)

1958 | 78 RPM

1. *De Papo pro Á* (Olegário Mariano / Joubert de Carvalho)
2. *Oi Calango Ê* (Hervé Cordovil)

1958 | 78 RPM

1. *Fiz a Cama na Varanda* (Dilú Mello / Ovídio Chaves)
2. *Meu Limão Meu Limoeiro* (José Carlos Burle / Popular)

1958 | Inezita Apresenta

1. *Rainha Ginga* (Leyde Olivé)
2. *Cateretê* (Edvina de Andrade)
3. *Lamento* (Juraci Silveira)
4. *Batuque* (Leyde Olivé)
5. *Conversa de Caçador* (Edvina de Andrade)
6. *Seresta da Saudade* (Babi de Oliveira)
7. *O Carro Tombou* (Edvina de Andrade)
8. *Adeus Minas Gerais* (Juraci Silveira)
9. *O Batateiro* (Zica Bergami)
10. *Chuvarada* (Zica Bergami)
11. *Sôdade da Loanda* (Juraci Silveira)
12. *Recado* (Leyde Olivé)
13. *Maria Macambira* (Babi de Oliveira)
14. *Caboclo do Rio* (Babi de Oliveira)

1959 | Canto da Saudade

1. *Canto da Saudade* (Alberto Costa)
2. *Cantiga* (Vela Branca) (Lina Pesce / Ademar Tavares)
3. *Fiz a Cama na Varanda* (Dilú Mello / Ovídio Chaves)
4. *Na Serra da Mantiqueira* (Ary Kerner Veiga de Castro)
5. *Modinha* (Jaime Ovalle / Manuel Bandeira)
6. *Na Baixa do Sapateiro* (Ary Barroso)
7. *Luar do Sertão* (Catulo da Paixão Cearense)
8. *Maringá* (Joubert de Carvalho)
9. *De Papo pro Á* (Joubert de Carvalho / Olegário Mariano)
10. *Sodade Ruim* (Georgette Cutait / Diva Jabor)
11. *Meu Limão Meu Limoeiro* (Tradicional / Rec. José Carlos Burle)
12. *Sussuarana* (Hekel Tavares / Luis Peixoto)

AGO | 1960 | 78 RPM

1. *Moda do Bonde Camarão* (Mariano da Silva / Cornélio Pires)
2. *Moda da Onça* (Inezita Barroso / Popular)

1960 | Eu me Agarro na Viola

1. *Eu me Agarro na Viola* (Tirana de Vila Nova)
(Tradicional / Rec. Waldemar Henrique)
2. *Urutáu* (Lamartine Paes de Barros Machado)
3. *Canção da Guitarra* (Marcelo Tupinambá / Aplecina do Carmo)
4. *Meu Baralho* (Edvina de Andrade)
5. *A Troco de Que* (Luis Vieira)
6. *Moda da Mula Preta* (Raul Torres)
7. *Moda do Bonde Camarão* (Mariano da Silva / Cornélio Pires)
8. *A Voz do Violão* (Francisco Alves / Horácio Campos)
9. *Moda da Onça* (Tradicional / Rec. Inezita Barroso)
10. *Moda do Boi Amarelinho* (Raul Torres)
11. *Leilão* (Hekel Tavares / Juraci Camargo)

JUN | 1961 | 78 RPM

1. *A Voz do Violão* (Francisco Alves / Horácio Campos)
2. *Moda do Bonde Camarão* (Cornélio Pires / Mariano da Silva)

1961 | 78 RPM

1. *Tatu* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
2. *Pezinho* (Paixão Cortes / Barbosa Lessa)

1961 | Canto da Saudade

1. *Sertão de Areia Seca* (Leyde Olivé)
2. *Tamba-tajá* (Waldemar Henrique)
3. *Roda Carreta* (Paulo Ruschell)
4. *Na Minha Terra Tem* (Hekel Tavares / Luis Peixoto)
5. *Casa de Caboclo* (Hekel Tavares / Luis Peixoto)
6. *Carreteiro* (Barbosa Lessa)
7. *Viola Quebrada* (Mário de Andrade)
8. *Maria Julia* (Tradicional)
9. *Minero Tá me Chamano* (Zé do Norte)
10. *Galope à Beira Mar* (Luis Vieira)
11. *Moleque Waldemar* (Billy Blanco)

1961 | Inezita Barroso Interpreta Danças Gaúchas

1. *Levante* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
Tirana do Lenço (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
2. *Pezinho* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
3. *Quero Mana* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
4. *Rancheira de Carreirinha* (Barbosa Lessa)
5. *Chimarrita* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
Balão (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
6. *Balaio* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
7. *O Anu* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
8. *Tatu* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
9. *Maçanico* (Barbosa Lessa / Paixão Cortes)
10. *No Bom do Baile* (Barbosa Lessa)

1962 | Clássicos da Música Caipira

1. *Boi de Carro* (Anacleto Rosas Júnior / João Salvador Peres)
2. *Vae Torna Vortá* (Autor Desconhecido)
3. *Chico Mineiro* (João Salvador Peres / Francisco Ribeiro)
4. *Cavalo Preto* (Anacleto Rosas Júnior)
5. *Mineirinha* (Raul Torres)
6. *Amor Impossível* (Anacleto Rosas Júnior)
7. *Baldrana Macia* (Anacleto Rosas Júnior / Arlindo Pinto)
8. *Do Lado que o Vento Vai* (Raul Torres)
9. *Pingo d'Água* (Raul Torres / João Pacífico)
10. *Sertão do Laranjinha* (Capitão Furtado / João Salvador Peres / José Salvador Peres)
11. *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira)
12. *Boiadeiro Apaixonado* (Raul Torres / Geraldo Costa)

1962 | Recital de Inezita Barroso

1. *Cantilena* (Temas de Negros da Bahia) (Sodré Viana / Villa-Lobos)
2. *Uirapurú* (Waldemar Henrique)
3. *Boi Bumbá* (Waldemar Henrique)
4. *Nhapopê* (Tradicional)
5. *O Que Ouro não Arruma* (Waldemar Henrique)
6. *Chove Chuva* (Hekel Tavares / Ascenso Ferreira)
7. *Areia do Mar* (Orádia Oliveira / Babi de Oliveira)
8. *Temas de Capoeira* (Tradicional)
9. *Prenda Minha* (Tradicional)
10. *Caninha Verde* (Tradicional)
11. *Três Pontos de Santo* (Jaime Ovalle)
12. *Tayeiras* (Tradicional)

1963 | 78 RPM

1. *Cavalo Preto* (Anacleto Rosas Júnior)
2. *Mineirinha* (Raul Torres)

1964 | A Moça e a Banda

(com Banda da Força Pública do Estado de São Paulo)

1. *Cisne Branco* (Canção do Marinheiro) (Benedito Xavier de Macedo / Antônio Manoel do Espírito Santo)
2. *Hino à Bandeira Nacional* (Francisco Braga / Olavo Bilac)
3. *Canção do Expedicionário* (Spartaco Rossi / Guilherme de Almeida)
4. *Hino do Estudante Brasileiro* (Raul Roulien / P. Barbosa / A. Taranto)
5. *Hino do C F A* (Alcides Jacomo Degobbi / Edgar Pimentel Resende)
6. *Canção do Soldado* (Autor Desconhecido)
7. *Hino da Independência* (D. Pedro I / Evaristo Ferreira da Veiga)
8. *Avante Camaradas* (Tenente Lira Tavares / Antônio Manoel do Espírito Santo)
9. *Hino à Mocidade Acadêmica* (Carlos Gomes / Bittencourt Sampaio)
10. *Hino da Proclamação da República* (Leopoldo Miguez / Medeiros e Albuquerque)

1966 | Vamos falar de Brasil, novamente

1. *Cais do Porto* (Capiba)
2. *Palavra de Peão* (Tradicional / Rec. Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
3. *Festa de Ogum* (Babi de Oliveira)
4. *Burro Chucro* (Tradicional / Rec. Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
5. *Nação Nagô* (Capiba)
6. *Serenata* (Martins Fontes / Mary Buarque)
7. *Soca Pilão* (Tradicional / Adpt. José Roberto)
8. *Maracatu Elegante* (José Prates)
9. *Oração do Guerreiro* (Hekel Tavares / Luis Peixoto)
10. *Piaba* (Tradicional / Adpt. Inezita Barroso)
11. *Peixinho do Mar* (Tradicional / Rec. Babi de Oliveira / Rec. Orádia Oliveira)
12. *Dança Negra* (Hekel Tavares / Sodré Viana)

1969 | Recital nº 2

1. *Mestiça* (Adpt. João Portaro / Adpt. Gonçalves Crespo)
2. *Coco Verde* (José Prates)
3. *Morena Morena* (Francisco Mignone)
4. *Canção Marinha* (Marcelo Tupinambá / Mário de Andrade)
5. *Benedito Pretinho* (Hekel Tavares / Olegário Mariano)
6. *Falúia* (João de Barro / Alberto Ribeiro)
7. *Trem de Alagoas* (Waldemar Henrique / Ascenso Ferreira)
8. *Curupira* (Waldemar Henrique)
9. *Abôio* (Babi de Oliveira / Geraldo de Uilhôa Cintra)
10. *Dança Cabocla* (Hekel Tavares)
11. *Hei de Seguir Teus Passos* (Waldemar Henrique)
12. *Jangada* (João de Barro / Alberto Ribeiro)

1970 | Modinhas

1. *Foi Numa Noite Calmosa* (Adpt. Élcio Álvarez)
2. *Gondoleiro do Amor* (Adpt. Inezita Barroso)
3. *Modinha* (Villa-Lobos / Manuel Bandeira)
4. *A Casinha da Colina* (Adpt. Élcio Álvarez)
5. *Último Adeus de Amor* (Adpt. Mário de Andrade)
6. *Nhapopê* (Tradicional / Adpt. Inezita Barroso)
7. *Roseas Flores da Alvorada* (Adpt. Mário de Andrade)
8. *Canção da Felicidade* (Barroso Neto / Nosor Sanches)
9. *Coração Perdido* (Adpt. Mário de Andrade)
10. *Conselhos* (Carlos Gomes)
11. *Hei de Amar-te Até Morrer* (Adpt. Mário de Andrade)
12. *A Casa Branca da Serra* (Guimarães Passos)

1970 | COMPACTO

1. *Corinthians Meu Amor* (Idibal / Laura Maria)
2. *Festa no Coreto* (Gilda Brandi)

1972 | Clássicos da Música Caipira vol. 2

1. *Rio de Lágrimas* (Tião Carreiro / Piraci / Lourival dos Santos)
2. *Saudades de Matão* (Antenógenes Silva / Raul Torres)
3. *O Amor É Firme* (Adpt. Inezita Barroso)
4. *Campo Grande* (Raul Torres)
5. *Poeira* (Serafim Colombo Gomes / Luis Bonan)
6. *Moda do Bonde Camarão* (Mariano da Silva / Cornélio Pires)
7. *Divino Espírito Santos* (Canhotinho / Torrinha)
8. *Peão Bicharedo* (Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
9. *Chitãozinho e Chororó* (Serrinha / Athos Campos)
10. *Rei do Café* (Carreirinho / Teddy Vieira)
11. *Destinos Iguais* (Capitão Furtado / Laureano)
12. *O Menino da Porteira* (Teddy Vieira / Luisinho)

1975 | Modas e Canções

1. *Luar do Sertão* (Catulo da Paixão Cearense)
2. *De Papo pro Á* (Joubert de Carvalho / Olegário Mariano)
3. *Maringá* (Joubert de Carvalho)
4. *A Voz do Violão* (Francisco Alves / Horácio Campos)
5. *Prenda Minha* (Tradicional)
6. *Fiz a Cama na Varanda* (Dilú Mello / Ovídio Chaves)
7. *Pingo d'Água* (Raul Torres / João Pacífico)
8. *Tristezas do Jeca* (Angelino de Oliveira)
9. *Cavalo Preto* (Anacleto Rosas Júnior)
10. *Meu Limão Meu Limoeiro* (Tradicional / Adpt. José Carlos Burle)
11. *Azulão* (Jaime Ovalle / Manuel Bandeira)
12. *Festa de Ogum* (Babi de Oliveira)

1975 | Inezita em Todos os Cantos

1. *Pontos de Ogum* (Temas de Candomblé) (Tradicional / Rec. Alceu Maynard Araújo / Rec. Roberval / Rec. Inezita Barroso)
2. *Rosa* (Tradicional)
3. *Seleção de Sambas* (Tradicional)
4. *Temas de Cururús* (Tradicional)
5. *Seleção de Maracatus* (Tradicional / Rec. Irmãos Valença / Rec. Solano Trindade / Rec. J. Ayres)
6. *É a Ti Flor do Céu* (Tradicional)
7. *Negrinho do Pastoreio* (Barbosa Lessa)
8. *Divisão do Boi* (Tradicional / Rec. Zé do Norte)
9. *Amo te Muito* (Tradicional)
10. *Capoeira do Salomão* (Tradicional)
11. *Marabá* (Tradicional / Adpt. José Mauro de Vasconcellos / Rec. José Mauro de Vasconcellos)
12. *Vô Deitá no Colo Dela* (Tradicional)
13. *Asa Branca* (Luis Gonzaga / Humberto Teixeira)

1978 | Joia da Música Sertaneja

1. *Mágoa de Boiadeiro* (Nonô Basílio / Índio Vago)
2. *Paineira Velha* (José Fortuna)
3. *Azul Cor de Anil* (Arlindo Santana)
4. *Colcha de Retalhos* (Raul Torres)
5. *Canoeiro* (Zé Carreiro / Alocin)
6. *Que Linda Morena* (Raul Torres)
7. *Burro Picaço* (Anacleto Rosas Júnior)
8. *Perto do Coração* (Raul Torres / João Pacífico)
9. *Os Três Boiadeiros* (Anacleto Rosas Júnior)
10. *Pagode em Brasília* (Teddy Vieira / Lourival dos Santos)
11. *Cabocla Tereza* (João Pacífico / Raul Torres)
12. *Vingança do Chico Mineiro* (Tonico / Sebastião de Oliveira)

1979 | Inezita Canta e Evandro no Choro (com Evandro e Seu Regional)

1. *Ronda* (Paulo Vanzolini)
2. *Último Desejo* (Noel Rosa)
3. *Solavanco* (Evandro do Bandolim)
4. *João Valentão* (Dorival Caymmi)
5. *Chorinho Serenata* (Sivuca)
6. *Castigo* (Dolores Duran)
7. *Bodas de Prata* (Evandro do Bandolim)
8. *Perfil de São Paulo* (Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
9. *Recordando Garoto* (Lúcio França)
10. *Chão de Estrelas* (Orestes Barbosa / Silvio Caldas)
11. *Carinhoso* (Pixinguinha / João de Barro)
12. *Pirilampo* (Oscar Bellandi / Nelson Miranda)
13. *Quem Há de Dizer* (Lupicínio Rodrigues / Alcides Gonçalves)
14. *Segura Paes Leme* (Luperce Miranda)

1980 – Joia da Música Sertaneja 2

1. *Piracicaba* (Newton de Almeida Mello)
2. *O Que Tem a Rosa* (Serrinha)
3. *Travessia do Araguaia* (Dino Franco / Décio dos Santos)
4. *Velho Candieiro* (José Rico / Duduca)
5. *Ciriema* (Mário Zan / Nhô Pai)
6. *O Berrante de Madalena* (Faísca)
7. *Barbaridade* (Walter Amaral)
8. *João de Barro* (Teddy Vieira / Muybo Cury)
9. *Estória de um Prego* (João Pacífico)
10. *Jorginho do Sertão* (Cornélio Pires)
11. *Oi Vida Minha* (Cornélio Pires)
12. *Ferreirinha* (Carreirinho)

1985 | Inezita Barroso, a Incomparável

1. Vida Marvada (Almirante / Lúcio Mendonça Azevedo)
2. Piaquito Carreteiro (Luis Menezes)
3. Joazeiro (Osvaldo de Souza)
4. Guacyra (Hekel Tavares / Juraci Camargo)
5. História Triste de uma Praieira (Adelmar Tavares / Stefânia de Macedo)
6. Chuá Chuá (Pedro de Sá Pereira / Ari Pavão)
7. Bolinho de Fubá (Edvina de Andrade)
8. Querer Bem não É Pecado (Osvaldo de Souza)
9. É Doce Morrer no Mar (Dorival Caymmi / Jorge Amado)
10. Ontem ao Luar (Catulo da Paixão Cearense / Pedro de Alcântara)

1996 – Voz e Viola (com Roberto Corrêa)

1. Felicidade (Lupicínio Rodrigues)
2. Flor do Cafezal (Carlos Paraná)
3. Fiz uma Viagem (Dorival Caymmi)
4. Perfil de São Paulo (Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
5. Peixe Vivo (Tradicional)
6. Tamba-tajá (Waldemar Henrique)
7. Chalana (Antônio Pinto / Mário Zan)
8. Pagode em Brasília (Teddy Vieira / Lourival dos Santos)
9. Prece ao Vento (Gilvan Chaves / Alcyr Pires Vermelho / Fernando Luis)
10. O Menino de Braçanã (Luis Vieira / Armando Passos)
11. Romaria (Renato Teixeira)
12. Sussuarana (Hekel Tavares / Luis Peixoto)
13. Festa do Peão (Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
14. Lampião de Gás (Zica Bergami)

1997 | Caipira de fato (com Roberto Corrêa)

1. *Caipira de Fato* (Adauto Santos)
2. *Chico Mineiro* (Tonico / Francisco Ribeiro)
3. *Adeus, Campina da Serra* (Cornélio Pires / Raul Torres)
4. *Cuitelinho* (Tradicional)
5. *Ciriema* (Mário Zan / Nhô Pai)
6. *Benzin* (Tradicional)
7. *Curitibana* (Tonico / Tinoco / Pirigoso)
8. *A Coisa Tá Feia* (Tião Carreiro / Lourival dos Santos)
9. *Bonde Camarão* (Cornélio Pires / Mariano)
10. *De Papo pro Á* (Joubert de Carvalho / Olegário Mariano)
11. *Oi Minha Vida* (Moda De Peão) (Cornélio Pires)
12. *Burro Chucro* (Francisco de Assis)
13. *Roda Carreta* (Paulo Ruschell)
14. *A Viola e o Violeiro* (Lourival dos Santos / Tião Carreiro)

1998 | Voz e Viola 2 (com Roberto Corrêa)

- 01 *Sementinha* – Liu e Léu
- 02 *A Mudança* – Preferido e Predileto
- 03 *A Enxada e a Caneta* – Zico e Zeca
- 04 *Velha Porteira* – Havaí e Havaré
- 05 *Ferreirinha* – Zé Carreiro e Carreirinho
- 06 *Saudade de Minha Terra* – Zé Da Viola e Diplomata
- 07 *Mourão da Porteira* – Raul Torres e Florêncio
- 08 *Rei do Gado* – Peão do Valle e Valentin
- 09 *Colcha de Retalhos* – Cascatinha e Inhana
- 10 *Canarinho do Peito Amarelo* – Tibagi e Miltinho
- 11 *Beijo Inocente* – Zé Fortuna e Pitangueira
- 12 *Mágoa de Boiadeiro* – Pedro Bento e Zé da Estrada
- 13 *Viola* – Almir Salles e Rossi
- 14 *João Boiadeiro* – Nestor e Nestorzinho

1999 | Sou Mais Brasil

1. *Viola Enluarada* (Marcos Valle / Paulo Sergio Valle)
2. *A Saudade Mata a Gente* (João de Barro / Antônio Almeida)
3. *Isso É Papel, João?* (Paulo Ruschell)
4. *Cuitelinho* (Tradicional / Rec. Paulo Vanzolini)
5. *Nhapoê* (Tradicional / Rec. Villa-Lobos)
6. *Coco do Mané* (Luis Vieira)
7. *Procissão de Sexta-feira Santa* (Paulinho Nogueira)
8. *Ave Maria* (Erothides de Campos)
9. *Segura Zé* (Israel Filho / Tiago Duarte)
10. *Moda da Pinga* (Tradicional)
11. *No Bom do Baile* (Barbosa Lessa)
12. *Pingo d'Água* (João Pacífico / Raul Torres)
13. *Meu Casório* (Tradicional)
14. *Lampião de Gás* (Zica Bergami)

2000 | Perfil de São Paulo (com Izaías e Seus Chorões)

1. *Lampião de Gás* (Zica Bermani)
Ronda (Paulo Vanzolini) Inezita Barroso e Izaías e Seus Chorões
2. *Chorando em São Paulo* (Magda Santos / Pó) Izaías e Seus Chorões
3. *Serenata* (Martins Fontes / Mary Buarque) Inezita Barroso
4. *Rapaziada do Brás* (Alberto Marino / Vicente Giordano)
Izaías e Seus Chorões
5. *Bonde Camarão* (Cornélio Pires) Inezita Barroso
6. *Sampa* (Caetano Veloso) Izaías e Seus Chorões
7. *Viola Quebrada* (Mário de Andrade / Ary Kerner Veiga de Castro)
Inezita Barroso
8. *Saudade de Guará* (Bonfíglio de Oliveira) Izaías e Seus Chorões
9. *Canção da Guitarra* (Marcelo Tupinambá) Inezita Barroso
10. *Diabólico* (Zinomar Pereira) Izaías e Seus Chorões
11. *A Moda dos Pau d'Água* (Tradicional) Inezita Barroso

12. *Saudade de Rubinéia* (Josevandro Pires de Carvalho)
Izaías e Seus Chorões
13. *O Batateiro* (Zica Bergami) Inezita Barroso
14. *Na Serra da Mantiqueira* (Ary Kerner Veiga de Castro) Inezita Barroso
15. *Dadá Dá o Tom* (Arnaldo Galdino da Silva) Izaías e Seus Chorões
16. *Moda da Pinga* (Marvada Pinga) (Laureano) Inezita Barroso
17. *Flor do Cafezal* (Luis Carlos Paraná) Inezita Barroso
18. *Perfil de São Paulo* (Francisco de Assis Bezerra de Menezes)
Inezita Barroso
19. *Lampião de Gás* (Zica Bergami) Inezita Barroso

2001 | A Música Brasileira Deste Século
por seus Autores e Intérpretes – Inezita Barroso

1. *Marvada Pinga* (Moda da Pinga) (Laureano)
2. *Ronda* (Paulo Vanzolini)
3. *Último Desejo* (Noel Rosa)
4. *Quem Há de Dizer* (Lupicínio Rodrigues / Alcides Gonçalves)
5. *Cais do Porto* (Capiba)
6. *Meu Boi Surubim* (Ascenso Ferreira)
7. *Tamba-tajá* (Waldemar Henrique)
8. *Berceuse da Onda que Leva o Pequenino Náufrago*
(Cecília Meireles / Oscar Lorenzo Fernandez)
9. *Estatutos da Gafieira* (Billy Blanco)
10. *Divino Espírito Santo* (Antônio Boaventura de Oliveira /
Carlos Paviani / Canhoto / Torrinha)
11. *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira)
12. *Azul Cor de Anil* (Arlindo Santana) – com Lorito
13. *Rio de Lágrimas* (Rio de Piracicaba)
(Tião Carreiro / Piraci / Lourival dos Santos)
14. *Taieira* (Cortejo Popular) (Tradicional)
15. *Bumba Meu Boi* (Danças Dramáticas Nordestina) (Tradicional)
16. *Lampião de Gás* (Zica Bergami)

2003 | Hoje Lembrando

1. *Bem Iguais* (Paulo Vanzolini)
2. *Amo-te Muito* (João Chaves)
3. *Tamba-tajá* (Waldemar Henrique)
4. *Modinha* (Villa-Lobos / Manuel Bandeira)
5. *Recompensa* (Paulo Vanzolini)
6. *Guacyra* (Hekel Tavares / Joracy Camargo)
7. *A Voz do Violão* (Horácio Campos / Francisco Alves)
8. *Leilão* (Hekel Tavares / Joracy Camargo)
9. *Roda Carreta* (Paulo Ruschell)
10. *Maria Macambira* (Babi de Oliveira / Orádia Oliveira)
11. *Cais do Porto* (Capiba)
12. *Ismália* (Alphonsus de Guimarães / Capiba)
13. *Maricota Sai da Chuva* (Marcelo Tupinambá)

DVD

2007 | Programa Ensaio 1991 – Inezita Barroso

1. *Marvada Pinga* (Moda da Pinga) (Laureano)
Gravações (Entrevista)
2. *Ronda* (Paulo Vanzolini)
3. *Lembranças* (Entrevista)
4. *Último Desejo* (Noel Rosa)
Lupicínio Rodrigues (Entrevista)
Waldemar Henrique (Entrevista)
5. *Tambá-Tajá* (Waldemar Henrique)
Cecília Meireles (Entrevista)
Câmera de Eco (Entrevista)
Cinema (Entrevista)
6. *Estatuto de Gafieira* (Billy Blanco)
Teatro, Rádio e TV (Entrevista)

7. *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira)
8. *Azul Cor de Anil* (Arlindo Santana) – com Lorito
Folclore (Entrevista)
9. *Taieira* (Cortejo Popular) (Tradicional)
10. *Bumba Meu Boi* (Danças Dramáticas Nordestina) (Tradicional)
11. *Lampião de Gás* (Zica Bergami)

2007 – Viola Minha Viola vol. 1

1. *Visão do Pensamento*
2. *Chico Mulato* – Cabocla Tereza
3. *Paineira Velha*
4. *Boiadeiro Errante*
5. *Boi Fumaça*
6. *Vara de Marmelo*
7. *O Menino da Porteira*
8. *Mundo Vazio*
9. *De Longe Também se Ama*
10. *Meu Próprio Destino*
11. *Fofinha*
12. *Maior Proeza*
13. *Curitibana*
14. *Marvada Pinga* (Moda da Pinga)
15. *Beijinho Doce*
16. *Arapuca*
17. *Guacyra*
18. *Chorosa*
19. *Sanfona Xorona*
20. *Oi Paixão*
21. *A Majestade o Pagode*

2009 | Sonho Caboclo

1. *Boiadeiro Errante* – Teddy Vieira
2. *Cavalo Preto* – Anacleto Rosas Jr
3. *Flor do Cafezal* – Luiz Carlos Paraná
4. *O que tem a Rosa* – Serrinha
5. *Colcha de Retalhos* – Raul Tôrres
6. *Mula Preta* – Raul Tôrres
7. *Paineira Velha* – José Fortuna
8. *Rio de Lágrimas* – Piraci, Tião Carreiro e Lourival dos Santos
9. *Perto do Coração* – João Pacífico e Raul Tôrres
10. *Seriema* – Mário Zan e Nhô Pai
11. *Caipira de Fato* – Adauto Santos
12. *Mineirinha* – Raul Tôrres
13. *Sonho de Caboclo* – Adauto Santos
14. *Conversa de Caçador* – Edvina de Andrade
15. *Lampião de Gás* – Zica Bérigami



CRONOLOGIA: CINEMA

1978 – **Desejo Violento**, filme policial, drama psicológico com direção de Roberto Mauro.

1970 – **Isto É São Paulo**, documentário sobre a cidade desde Martim Afonso de Souza até o transplante de coração realizado pelo Dr. Zerbini. O filme é dirigido por Rubens Rodrigues dos Santos

1959 – **O Preço da Vitória**, direção Oswaldo Sampaio. Filme realizado logo após o Brasil vencer a primeira Copa da Mundo na Suécia, contando a história de um menino que quer ser um atleta de sucesso. Inezita canta a música De Papo pro Ar. Este é um filme raro porque nele estão quase todos os jogadores que conquistaram a primeira Copa do Mundo de futebol para o Brasil. Estão lá: Pelé, Garrincha Didi, Vavá, Mazzola, Gilmar, Zito, Belini, Nilton Santos, Pepe e Zagalo. Infelizmente o filme não pôde ser exibido até 2023, por problemas com os herdeiros do autor.

Ficha Técnica:

Título Original: O Preço da Vitória

Lançamento: 1959 (Brasil)

Diretor: Oswaldo Sampaio

História: Oswaldo Sampaio

Gênero: Aventura

Elenco: Lúgia Alves; Ana Amélia; Inezita Barroso; Maurício Barroso e

Xandó Batista

1955 – **Carnaval em Lá Maior**, de Adhemar Gonzaga. Este é um dos primeiros filmes realizados em São Paulo sobre o Carnaval. Participam artistas da Rádio e TV Record.

No elenco, além de Inezita, que canta Estatuto da Gafieira, de Billy Blanco, estão nomes de sucesso na época na música e na TV como: Blota Junior, Randal Juliano, o comediante Walter D'Ávila, Adoniran Barbosa, Nelson Gonçalves, Aracy de Almeida, Alvarenga e Ranchinho e muitos outros. Como a TV nessa época ainda não tinha videoteipe, nada era gravado, o filme se torna um documento precioso dos anos 1950, e tem uma seleção dos melhores sucessos carnavalescos daqueles anos.

Ficha Técnica:

Título Original: *Carnaval em Lá Maior*

Gênero: Comédia

Lançamento (Brasil): 1955

Distribuição: Columbia Pictures do Brasil e U.C.B.

– União Cinematográfica Brasileira

Direção: Adhemar Gonzaga

Roteiro: Adhemar Gonzaga e Oswaldo Moles

Diálogos: Adhemar Gonzaga e Oswaldo Moles

Produção: Mário Audrá Júnior

Direção de Produção: Alfredo Palácios

Coprodução: Cinematográfica Maristela, Emissoras Unidas e Cinédia

Assistente de Produção: Ricardo Bandeira, Eduardo Llorente
e Walter Duarte

Som: Sérgio Alvarez

Fotografia: Ferenc Fekete

Fotografia de Cena: Jorge Pisani e José Amaral

Cenografia: Francisco Balduino

Montagem: José Cañizares

Eletricista Chefe: Isidoro de Oliveira

Maquiagem: Flávio Torres

Guarda-Roupa: Nena

Elenco: Walter D'Ávila (Moreira); Sandra Amaral (Celina); Randal Juliano (Eleoberto); Renata Fronzi (Lola); Arrelia (Cozinheiro); Genésio Arruda (caipira); Adoniran Barbosa (Judeu, vendedor de móveis); Blota Jr. (Diretor de TV); Ataulfo Alves; Carmélia Alves; Carlos Galhardo; Eliseth Cardoso; Elza Laranjeira; Hervê Cordovil; Isaurinha Garcia; Jorge Goulart; Nora Ney; Nelson Gonçalves; Genésio Arruda; Alvarenga; Ranchinho; Cascatinha e Inhana

1954 – **Mulher de Verdade**, de Alberto Cavalcanti, o diretor brasileiro de mais prestígio e realizações no cinema internacional. Com esse filme Inezita, que faz o papel principal, recebeu dois importantes prêmios do cinema: O



Inezita em cena do filme Mulher de Verdade | Acervo Cinemateca Brasileira

Saci e o Governador do Estado. Ela faz o papel de uma enfermeira que precisa esconder sua condição de casada, porque o hospital exige que a função seja exercida apenas por solteira. Por isso acaba levando uma vida dupla e se relacionando com dois homens.

Este foi o último filme de Edgar Brasil, um dos melhores fotógrafos do cinema nacional.

Ficha Técnica:

Título Original: *Mulher de Verdade*

Lançamento: 1953 (Brasil)

Diretor: Alberto Cavalcanti

Roteiro: Alberto Cavalcanti e Galeão Coutinho

Gênero: Drama

Elenco: Carlos Araújo; Adoniran Barbosa; Inezita Barroso; Maria Aparecida Baxter; Fábio Cardoso; Osmano Cardoso; Antonio Fragoso; João Franco; Ivana; Nestório Lips; Rachel Martins; Carla Neli; Waldir Padilha; Dirce Pires; José Saenz; Colé Santana; Délio Santos; João Silva; Paulo Vanzolini; Caco Velho e Valdo Wanderley

1954 - **É Proibido Beijar**, é o filme que Inezita fez para a Vera Cruz, dirigido por Ugo Lombardi, pai de Bruna Lombardi. A história se passa no Guarujá e descreve a história de um repórter que vai entrevistar uma famosa atriz de Hollywood, de passagem pelo Brasil. Como vemos essa história sempre se repete. Tonia Carrero, uma das mais belas atrizes brasileiras em plena juventude, faz o papel principal. É curioso conhecer a cidade do Guarujá em 1954, ainda pouco conhecida pelos turistas, e exclusiva da classe A.

Ficha Técnica:

Título original: *É Proibido Beijar*

Gênero: Comédia

Duração: 80 min.

Lançamento (Brasil): 1953

Estúdio: Vera Cruz

Direção: Ugo Lombardi

Roteiro: Alessandro de Stefani

Produção: Vera Cruz

Música: Enrico Simonetti

Fotografia: Ugo Lombardi

Desenho de produção: Joao Maria dos Santos

Edição: Giuseppe Baldaconi e Oswald Hafenrichter

Elenco: Tônia Carrero (June); Mário Sérgio (Eduardo); Ziembinski; Otelo Zelson; Inezita Barroso; Renato Consorte; Nelson Camargo; Vicente Leporace; Maria Amélia; Paulo Autran; Tito Livio Baccarin; Célia Biar; Margot Bittencourt; Ayres Campos; Rita Cléos; Lourenço Ferreira; Victor Jamil; Elza Laranjeira; Oswaldo Louzada; Roberto Mendonça; José Mercaldi; Victor Merinow; Eugênio Montesano; Joaquim Mosca; Cavagnole Neto; Carlo Pes; Paulo Pes; Manoel Pinto; Renato Quintino; José Rubens; Eric Rzepecki; Francisco Tamura; Maurício Vasques e Aimée Vereccke

1954 – **O Craque**. Em 1954, houve um campeonato histórico de futebol ganho pelo Corinthians, time de Inezita. Este filme foi um dos primeiros a explorar o tema futebol. e trouxe para as telas parte desse time vencedor: Gilmar, Olavo, Índio, Baltazar, Carbone, Cláudio, Luizinho e Roberto, heróis do campeonato do IV Centenário. No elenco, além de Inezita, estão Eva Wilma, Herval Rossano e Carlos Alberto. O diretor foi José Carlos Burle, e tinha como um dos roteiristas o jornalista Alberto Dines.

Ficha Técnica:

Título Original: *O Craque*

Lançamento: 1954 (Brasil)

Diretor: José Carlos Burle

Roteiro: José Carlos Burle e Alberto Dines

Gênero: Drama

Elenco: Carlos Alberto; Eva Wilma; Herval Rossano; Liana Duval; José Carlos Burle; Elísio de Albuquerque; Lima Neto; Valery Martins; Américo Taricano; Antônio Amaral; Inezita Barroso; Baltazar Carbone; Amaro César; Cláudio; Ibanez Filho; Noêmia Fredo; Gilmar; Blota Júnior; Nestório Lips; Índio Luizinho; Cavagnole Neto; Olavo; Roberto; Jota Rodrigues e Paulo Ruschel

1953 – **Destino em Apuros**, dirigido por Ernesto Remani, tem no elenco atores que se tornariam famosos, tanto no cinema como no teatro e na TV, como Paulo Autran, Ítalo Rossi, Sergio Brito e Paulo Goulart, em sua estreia. O filme é o primeiro da história brasileira com cenas em cor. Na verdade misturava partes coloridas e em preto e branco, e usava um processo chamado Anscolor, que exigia muita luz e que a revelação do negativo fosse realizada nos Estados Unidos, gerando atrasos no lançamento do filme. Destino era o personagem alegórico de Paulo Autran que andava de chapéu-coco, colete e luvas, mesmo no calor tropical de São Paulo, comenta o ator.

Ficha Técnica:

Título Original: *Destino em Apuros*

Lançamento: 1953 (Brasil)

Diretor: Sérgio Britto

Roteiro: Ernesto Remani

Gênero: Comédia

Elenco: João Alberto; Arrelia; Paulo Autran; Tito Livio Baccarin;

Jaime Barcellos; Inezita Barroso; Luiz Bonfá; Sérgio Britto; Aracy Cardoso;

Beatriz Consuelo; Benedito Corsi; Armando Couto; Elísio de Albuquerque;

Ibanez Filho; Antonio Fragoso; Paulo Goulart; Graça Mello; Douglas

Michelany; Sílvio Michelany; Ivone Nelson; Ítalo Rossi e Paulo Ruschel

1951 – **Angela**, produção e direção de Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne. Terceiro filme da Vera Cruz e primeiro de Inezita, é uma história sobre o jogo e os problemas decorrentes que levam à destruição da vida de uma família. Nos papéis principais estão Eliane Lage e Alberto Ruschel, (ator que divide com Anselmo Duarte o papel de galã na maioria dos filmes da Vera Cruz). Inezita na sua personagem em que canta Quem É e Enquanto Houver, e se acompanha ao violão, é descrita pelos críticos como a revelação que rouba a cena cada vez em que aparece.

Ficha Técnica:

Título original: *Ângela*

Gênero: Drama

Duração: 95 min.

Lançamento (Brasil): 1951

Estúdio: Vera Cruz

Distribuição: Universal Filmes S/A

Direção: Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne

Roteiro: Alberto Cavalcanti, Nery Dutra e Anibal Machado

Produção: Vera Cruz

Música: Francisco Mignone

Fotografia: H.C. Fowle

Desenho de Produção: Pierino Massenzi

Edição: Oswald Haffenrichter

Elenco; Eliane Lage; Alberto Ruschel; Mário Sérgio; Luciano Salce;
Ruth de Souza; Inezita Barroso; Nair Lopes; Abílio Pereira de Almeida;
Maria Clara Machado; Sérgio Cardoso; Milton Ribeiro; Renato Consorte;
Carlos Thiré; Nydia Lícia; Sérgio Hingst; Xandó Batista; Albino Cordeiro;
Milton Luiz; Nelson Camargo; Luiz Calderaro; Margot Pollice;
Ester Penteadó; Cão Duque; Kleber Menezes Dória; Ângelo Dreos;
Antunes Filho e Adolfo Barroso

Bibliografia

1. Dicionário de Filmes Brasileiros: Antonio Leão da Silva Neto;
Futuro Mundo Gráfica Editora, São Bernardo do Campo
2. Vera Cruz Imagens e História do Cinema Brasileiro – Sergio Martinelli
com Amir Labaki, Carlos Augusto Calil, Galileu Garcia, Renato Consorte e
Walter Hugo Khouri
3. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira:
site www.dicionariompb.com.br
4. Site oficial de Inezita Barroso: <http://www.inezitabarroso.com.br>
5. Site Recanto Caipira: <http://www.recantocaipira.com.br>
6. Site Boa Música Brasileira: <http://www.boamusicaricardinho.com>
7. Programa Roda Viva, TV Cultura – 1998: <http://www.tvcultura.com.br/>

Músicas citadas no livro:

Serra da Mantiqueira, de Ari Kerner

Arrasta a Sandália (de Baiaco e Aurélio Gomes):

Mesma Rosa Amarela, de Capiba e Carlos Pena Filho

Ronda, Paulo Vanzoline

Nuvem que Passou, Noel Rosa

Funeral de Rei Nagô, Heckel Tavares e Murilo Araujo

Lampião de Gás, Zica Bergami

Boi Soberano, Carreirinho

Você vai Gostar, Elpídio dos Santos

Paineira Véia, José Fortuna

Créditos fotográficos

Allit
Acervo Cinemateca Brasileira
Acervo Fundação Padre Anchieta
D'Aguillar
Helio Santos
Jair Bertolucci
Lael Santiago
Luciano Piva
Marcos Penteadó
Moacyr
Renato Nascimento

A Editora agradece quaisquer informações sobre os detentores dos direitos das imagens não creditadas neste livro, bem como de pessoas não identificadas nas fotografias, apesar dos esforços envidados para obtê-las.

Coleção Aplauso
Série Música

Coordenador geral
Rubens Ewald Filho

Projeto gráfico
Via Imprensa Design Gráfico

Direção de arte
Clayton Policarpo
Paulo Otavio

Editoração
Douglas Germano
Emerson Brito
Selma Brisolla

Tratamento de imagens
José Carlos da Silva

Revisão
Wilson Ryoji Imoto

© Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012

Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Jorge, Valdemar “Dema”

Inezita: com a espada e viola na mão / Valdemar “Dema” Jorge. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

208p. : il. – (Coleção aplauso. Série música / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN: 978-85-401-0023-7

1. Música popular – Brasil – História e crítica 2. Música caipira
3. Cantores – Brasil 4. Barroso, Inezita, 1925 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 780.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Cantoras : Biografia 780.92

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização prévia do organizador e dos editores

Direitos reservados e protegidos
(lei nº 9.610, de 19.02.1998)

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(lei nº 10.994, de 14.12.2004)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009

Impresso no Brasil 2012

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1.921 Mooca
03103-902 São Paulo SP Brasil
sac 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
www.imprensaoficial.com.br

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador
Geraldo Alckmin

Secretário Chefe da Casa Civil
Sidney Beraldo

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente
Marcos Antonio Monteiro

Formato 21 x 26cm
Tipologia Chalet Comprime e Univers
Papel capa triplex 250g/m²
Papel miolo offset 120g/m²
Número de páginas 208



Imprensaoflcial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

 **GOVERNO DO ESTADO**
SÃO PAULO

